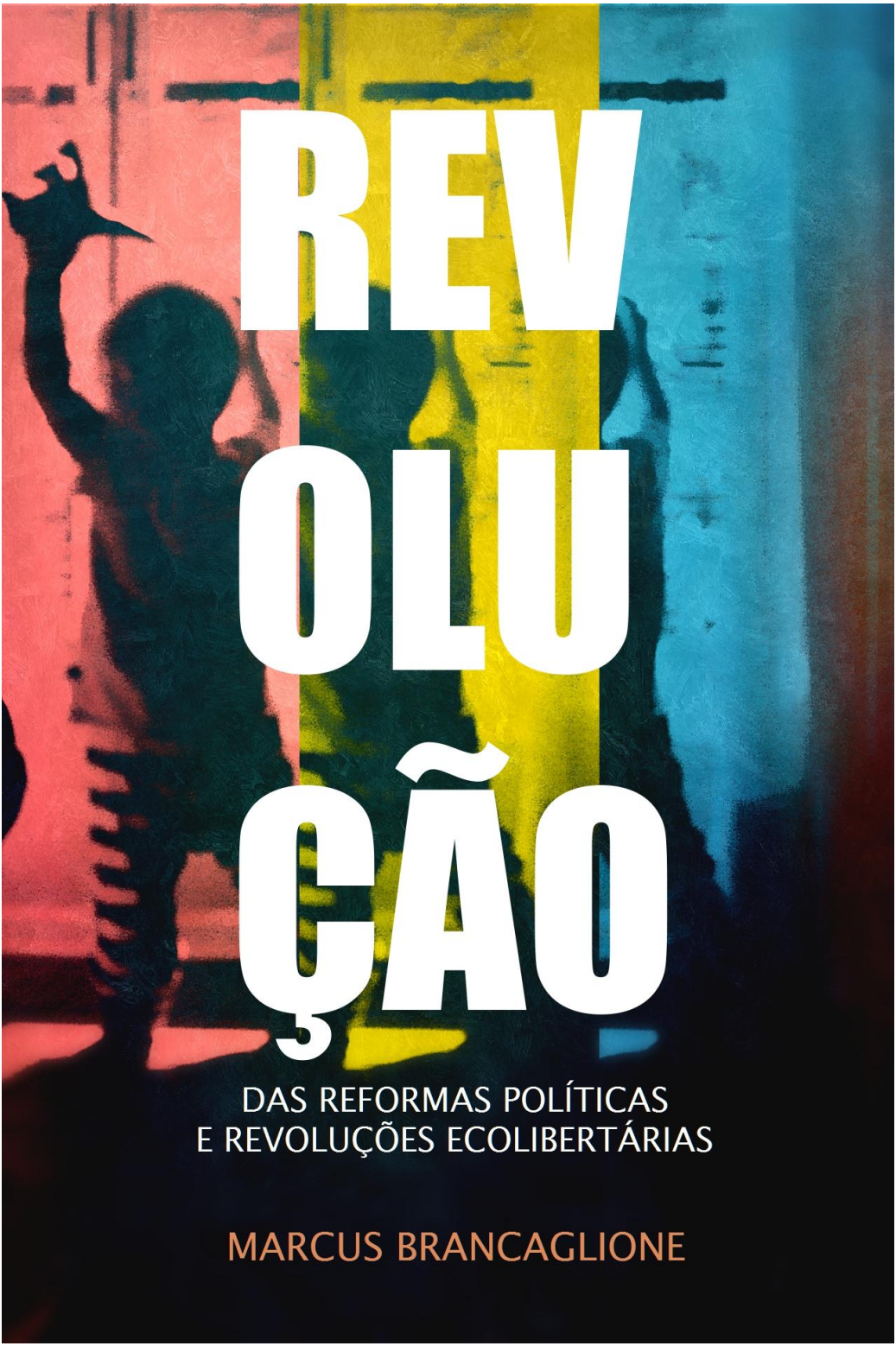

REVOLUÇÃO

DAS REFORMAS POLÍTICAS E REVOLUÇÕES ECOLIBERTÁRIAS

MARCUS BRANCAGLIONE

REVOLUÇÃO

DAS REFORMAS POLÍTICAS E

REVOLUCÕES ECOLIBERTÁRIAS

Marcus Brancaglione

© 2015 Marcus Brancaglione.

Este trabalho e todo seu conteúdo está licenciado sob a **Licença ⒶRobinRight**.

Para ver uma cópia desta licença,
visite http://robinright.org/licenca-1/

Autor: Marcus Brancaglione

Revisão e organização: Bruna Augusto

Foto e Capa: Bruna Augusto

Brancaglione, Marcus.
Revolução. Das reformas políticas e revoluções EcoLibertárias. São Paulo. Clube de autores, 2015.
Numero de paginas. 148 p.

Assuntos: 1.Libertarismo. 2.Revolução. 3.Política

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6

REFORMAS POLÍTICA? NÃO. REVOLUÇÃO 12

I 12

II 24

III 43

REVOLUÇÕES ECOLIBERTÁRIAS 65

I 65

II 98

III 109

EPÍLOGO 136

INTRODUÇÃO

Por que tanta gente odeia tanto os vagabundos, os diferentes, os marginalizados, descrentes? De onde vêm tantos fanáticos, militantes, moralistas? Como se fabrica essa massa que acredita piamente que não só pode como se deve vigiar e cagar regras sobre a vida de quem não fez nada contra ninguém e só quer viver em paz?

Não. Definitivamente não há nada mais imbecil do que uma pessoa que acredita piamente na sua moral. E nada é mais criminoso do que o moralista que acha que pode impor a sua moral contra tudo e todos. Não é a toa que torcemos pelo anti-herói. Não é apenas porque o mocinho, em geral, é um chato, um babaca, mas porque o que os heróis são mitos, feito de mentiras- bandidos disfarçados de mocinhos. E quando o herói não é chato ou bandido ele é o próprio vilão, o ídolo que os fanáticos adoram, e que as pessoas livres querem se ver livre.

Quem gosta de ídolo é idolatra, e quem gosta de moralistas é hipócrita. Amamos os anti-heróis, e todos os coitados perseguidos como se fossem bandidos não só porque eles são mais fracos, mas porque são verdadeiros. Os heróis quando não são absolutamente falsos ou dissimulados, são estúpidos e sem graça, seus discursos nos põem para dormir.

Quem acredita de verdade em um ideal já é chato por natureza. Crente que bate em porta no domingo, militante de partido político. Ativista que jura que todo mundo deveria ser como ele. Não são propriamente heróis nem bandidos, são inofensivos, pelo menos enquanto não creem que podem impor suas ideias contra a vontade dos outros. Enquanto donos

da verdade e da moral são só insuportáveis, depois de donos da lei e da ordem, os piores tiranos.

O que as teorias conspiratórias têm de ridículo é imaginar que os inimigos da humanidade estão escondidos ou pregam o mal. Eles não conspiram nem fazem rituais satânicos. Como disse Oscar Wilde as piores coisas são feitas com as melhores das intenções, e tenha certeza os piores crimes contra a humanidade foram cometidos não por pessoas anônimas, ou mesmo pregadores que se julgavam donos da verdade e da moral, mas pelos donos de fato da força para impor verdades e valores, estadistas, autoridades e afins.

Não há problema algum em acreditar em heróis e salvadores da Pátria. O problema é quando eles não deixam mais ninguém se salvar sozinho. Os vilões não são os viciados e bandidos que sabem que não podem satisfazer seus desejos à luz do dia, os piores crimes e criminosos da humanidade são aqueles que defendem a ditadura da normalidade e civilização. Prefiro o pior dos canalhas que não ponha a mão em mim, nem diga o que eu posso ou não posso falar, ao maior dos moralistas que acha que pode impor o que devo ou não devo dizer ou fazer. Prefiro o mais ignorante, retrogrado, e até mesmo o mais viciado e idiota dos pensamentos e comportamentos, do que a ditadura do bom, do certo e do verdadeiro, pensado pelo alheio não para ele, mas para mim.

Nada é mais digno de pena do que alguém currado que, ao invés de lutar pelo fim do seu estupro deixa que eles continuem a fazer tudo contra a sua vontade desde que seja proibido chamá-lo de coitado. Nada mais útil à perpetuação dos currais dos violadores e consoladores do que a proibição livre da discriminação como livre expressão do pensamento e não como estado de segregação supremacista de fato. Defeco e

ando aos que me chamam de pobre, vagabundo, macaco latino americano. O problema não é o que dizem, mas o que fizeram e ainda fazem.

Quero que se danem seus falsos benefícios e suas proteções hipócritas de diretos: retirem as prerrogativas de violência; o monopólio sobre o bem comum; as restrições a livre associação de paz; a imposição de valores e meios de troca; restituam os direitos naturais de autopreservação e autodeterminação; abram o acesso e usufruto aos meios vitais; legalizem toda legitima defesa da pessoa natural e natureza, deixem as pessoas em paz, ou o que é a mesma coisa, simplesmente pare de impor a supremacia da violência como poder central e os verdadeiros estados de paz e liberdade virão naturalmente pelo equilíbrio de forças.

O problema não é o vício nem a virtude, não é moralidade ou imoralidade, mas a arrogância ou prerrogativa seja do viciado ou do virtuoso, em impor seus valores como preconcepções.

A moralidade não é uma propriedade, mas sim a liberdade de fato como meio vital necessário a autopreservação, um direito natural e bem comum inalienável. A legítima defesa não se aplica a moral, mas justamente contra toda a violência dos moralistas e legalistas contra todo direito natural e fundamental a vida e liberdade- fundamentais inclusive não só a legitimidade, mas à concepção da moral do legal e até mesmo do real.

É derrubando toda e qualquer prerrogativa de preconceituação dos seres como objetos de sujeitos alheios que o mal como sistema político-econômico cairá. O mal não está no vício ou na virtude, mas na violação da vontade pelo poder, sua idolatria e a sua cultura supremacista. A imposição do bem como mal e do

mal como se fosse o bem. Prefiro as piores ideias e hábitos, as mais estúpidas e preconceituosas das pessoas que ainda sim vivam em paz, sem impor a força seus vícios e ignorância contra ninguém, do que os mais sábios virtuosos e moralistas que querem impor tudo que é bom e certo. Prefiro as piores pessoas do mundo capazes de convivem sem precisar se impor, do que os mais bondosos líderes e seguidores que não conseguem gozar sem controlar e vigiar a vida dos outros.

Quem defende verdades antes de liberdades, e ordens antes de verdades são ditadores e golpistas no poder ou tentando tomá-lo. Não são revolucionários nem libertários, mas moralistas e autoritários. A justiça não se faz calando a ninguém, nem bons nem maus. Mas defendo as pessoas de paz contra qualquer um que se julgue tão dono do bem que ache ou possa impor com o mal. Não se engane, não há ditadura que não se julgue o próprio estado do bem. E não há ditador do bem que não se seja a própria encarnação do mal.

É por isso que amamos tanto os anti-heróis, as pessoas comuns que cuidam da sua vida, que não adoram o poder nem os todos poderosos, que não se acham donos de nenhuma verdade nem do mundo. O bem, a paz e a verdade, e até mesmo liberdades quando impostas contra o entendimento e a livre vontade dos outros não são na prática nada disto, mas apenas discurso que serve para acobertar o crime contra a humanidade que se comente em nome de tudo isto. A mentira como verdade e a verdade como mentira. O mal não é vício, é a perversão.

Sinceramente prefiro o fogo do inferno dos vícios genuínos do que o céu dos hipócritas pervertidos e suas virtudes simuladas. Prefiro arder no inferno junto com todos os libertários, todos os libertadores decaídos, até mesmo perdidos na violência ou acovardados na omissão, do que o céu dos bons violentadores,

violadores e inquisidores. Prefiro o inferno dos rejeitados ao céu dos moralistas precursores de torturas, guerras e holocaustos, cultuadores dos absolutos fanáticos de todos poderosos, amantes do pátrio-poder e idólatras do poder total.

Prefiro até mesmo conviver com os discursos de ódio dos malucos autoritários e supremacistas que me odeiam, desde que não ponham a mão em mim, do que como os salvadores do mundo e seus exércitos de fanáticos dispostos a me prender ou atacar caso eu não me submeta à sua autoridade sobre a terra. Com certeza, prefiro a falta de juízo dos que não sabem o que querem para a própria vida do que as certezas sem fim dos senhores e juízes da vida alheia.

O verdadeiro libertário despreza quem adora o poder, odeia a servidão, mas não mais do que ele ama a liberdade, e isto significa que até o direito de quem adora ou serve o poder voluntariamente ele não apenas aceita, mas está disposto a defender, desde que o infeliz não moleste ninguém. Quem idolatra o todo, quem não acredita em nada, todos tem o direito de conviver em paz e com sua fé política, econômica ou religiosa. O que impede as pessoas de conviverem em paz numa mesma terra, cada um negociando livremente seus valores e suas coisas senão a prerrogativa de monopólio da violência sobre as coisas e valores? O que nos impede de ver os novos mundos senão a própria ditadura da realidade?

Não pense que este é um discurso de tolerância à intolerância. É mais do que o contrário, é o discurso do fim da intolerância pela sua superação. Isto é um manifesto pelo direito inalienável a legitima defesa das pessoas livres e paz. Um manifesto libertário contra os crimes de estado e poder contra a humanidade. Um discurso em favor da revolução, mas não como discurso e sim como ato libertário. E ainda que meu ato

de fé esteja aqui no próprio verbo. Nenhum discurso jamais terá precedência sobre a prática, mesmo o da fé na liberdade jamais será mais importante que a liberdade de fato.

O discurso de liberdade contra sua pratica, não é dialético, é projeto de poder contra a liberdade em nome da liberdade. Assim como a pratica da violência como discurso de pacificação é de fato a apologia da violência e imposição da guerra disfarçada de estado de paz. O libertarismo como moral, como discurso não é nada além de discurso. A paz e a liberdade como fatos são direitos naturais a autopreservação, autodeterminação, e a revolução a legitima defesa da soberania dos povos e pessoas para preservação e usufruto da sua vida e meios vitais.

O libertarismo não é um ideal, é uma causa natural. É a revolução contra a ditadura da moralidade e legalidade, dos monopólios violentos do bem comum e preconcepção da vida e do mundo. É a revolução contra os *apartheids* entre povos e pessoas, contra os supremacistas prepotentes que se arrogam o direito de usar da violência e privação das necessidades vitais não só contra as pessoas de paz mas contra todos seres vivos. É o levante da próprio-concepção contra o mal que se impõe como necessidade vendendo-se criminosos como heróis, salvadores, vigilantes e governantes. A revolução da paz contra a ordem mundial da discórdia e conflito ditada pela inconsciência coletiva e egregada dos submissos e fanáticos a cultura do poder e violência.

REFORMAS POÍTICA? NÃO. REVOLUÇÃO

1

Reforma política? Que venha, desde que seja revolucionária. Porque a revolução há que vir, mas não como expropriação da esquerda, ou conservação da expropriação de direita, mas sim com a restituição das propriedades e direitos naturais às pessoas naturais contra monopólios estatais e privados e seus mesmos ídolos e mitos de poder. Todo poder, em verdade uma vez constituído, é central e acomoda-se como status quo. Todo estado de poder não é apenas conservador, mas reacionário. E todo movimento que visa à tomada do poder para sua preservação não é libertário, nem de emancipação, é em verdade golpe travestido de revolução.

Se o projeto de poder que desponta no Brasil agora é de direita, isso não quer dizer que esta esquerda autoritária e decadente tenha sido um dia menos pior. O problema do Brasil não é a esquerda nem a direita, mas seu conflito simbiótico que alimenta as ideias e personas mais imbecis de ambos os lados. É a persistência de ambos em seu caráter autoritário, ainda que disfarçados de trabalhistas e liberais. O problema do Brasil é o mesmo, vire a esquerda ou a esquerda: na prática os governos

dão sempre no mesmo lugar: projeto de poder através de manipulação dos juízos e valores da maioria- vista, tratada e dominada como massa.

O problema do Brasil é que estamos sendo dominados não só por modelos arcaicos e ultrapassados que, sem jogo de cena, fora as aparências e superficialidades não são nada além do mesmo; o problema do Brasil é que estamos presos nesta farsa eleitoral da alternância de poder, neste jogo de cartas marcadas entre populistas e reacionários, apenas disfarçados de esquerda e direita, governos e oposições, mas que em verdade são as faces da mesma moeda, os representantes de um mesmo interesse tão patrióticos em sua retórica quanto em verdade traidor em suas práticas.

Nossa esquerda e direita é tão nacionalistas quanto falsa, disposta a vender todo o país e sacrificar todo o povo só para manter os privilégios do poder- mesmo que este poder já esteja completamente vazio de sentido, legitimidade ou até mesmo de força para governar. Se for para tomar ou ficar nos palácios, todas os partidos não só fazem qualquer negócio, mas se submetem a qualquer papel e se entregam a qualquer um. Para manter suas prerrogativas, oposição, governo e aliados se unem contra toda a população roubada em sua soberania para vendem não só o que não é deles, como ainda por cima mandar a conta do roubo para o legitimo dono, o povo, pagar.

O problema, portanto não é apenas a paralisação da verdadeira esquerda frente ao arremedo de governo popular. Ou as manifestações de extrema direta fascista, mal travestida de democráticas. Mas a paralisação de toda pessoa que se considere minimamente consciente, de esquerda ou direita, frente a este crime contra toda uma nação. A paralisação de toda a sociedade frente à falsa oposição de forças políticas que

se complementam na realização do mesmo mal: projetos totalitários em disputa pelo poder que se retroalimentam da intimidação e exclusão dos tolerantes e imbecilização das massas- tantos dos militantes fanáticos quantos dos midiáticos histéricos.

Tenham certeza de uma coisa, seja qual for o projeto de poder que vença, sempre quem perde é a nação, não como vontade coletiva fictícia dos mitólogos de poder, mas como cada pessoa livre, em livre comunhão de paz numa mesma terra, como povo, enquanto sociedade de pessoas naturais que partilham das mesmas necessidades básicas e meios vitais. Ficando no poder essa esquerda, entrando essa direita, quem ganha são sempre eles, mas quem perde continua sendo sempre os mesmos, a população. Esta continuará a ser expropriada, com o mesmo descaramento criminoso de toda política: “te curro, mas para o seu próprio bem”. E se não bastasse esse estupro contra a soberania para imposição de trabalhos forçados, todas as compensações que faziam minimamente toleráveis, essa condição criminosa chamadas de direitos trabalhistas, agora também sendo precarizados.

Não se deixe enganar por rótulos e nomes, precarização é só um eufemismo para o retorno do capitalismo ao seu estado bruto. Estamos voltando aos sistemas político-econômicos pré-revoluções comunistas, pré-estatitização dos movimentos sindicais e de seguridade social, chamados jocosamente de estados de bem-estar social. Estamos abandonando o subsidio estatal à conformação das populações com suas privações políticas e econômicas, mas não em direção à emancipação política e econômica dos dependentes, mas para retroceder a era do poder brutal, dos estados vigilantes, policiais e prisionais, voltando à escravidão assalariada e se preciso for, da guerra de todos contra todos.

Não se iluda, não será apenas com crises e recessões que o poder tentará sustentar seus estados de privilégios, nenhum estado armado vai renunciar a monopólios sobre terras e territórios apenas porque os povos do mundo ou mesmo o seu próprio povo esteja morrendo pela privação ou destruição dos seus meios vitais e naturais. Não. Não tenha a menor dúvida que se os amargos remédios dos economistas governamentais não funcionarem para salvar seus Estados-Nações, seus braços armados vão massacrar com fome e guerra quantas pessoas julgarem necessário para manter os privilégios das corporações privadas e estatais. Vão fazer das teorias de Malthus mais uma vez suas profecias autorealizadas jogando não apenas as classes umas contra as outras, mas os povos do mundo uns contra os outros.

Desemprego? Terceirização? Isso é só o começo de um processo de redução do excedente de mão-de-obra, ou sem eufemismo, considerando que mão-de-obra ainda é gente: Despopulação. O mundo não precisa mais de tanta gente para produzir o mesmo? Solução governamental: Menos trabalho? Não, meu amigo, menos gente. Pessoas são substituíveis, dogmas e mitos, não. Aliás, despopulação é também só apenas outro nome menos assustador para outras técnicas de genocídio e holocausto. A precarização é a volta para o mundo antes da primeira e segunda guerras mundiais, e se não aprendemos nada, se continuarmos a deixar que eles nos conduzam, nossos filhos vão terminar lutando e morrendo nas mesmas trincheiras que os das gerações anteriores, sacrificadas não pela paz das futuras, mas pelos deuses e estados dos velhos eternamente todo poderosos.

Quem dera que os autoritários de todas as trincheiras políticas se autodestruíssem antes de destilar todo seu terror, ódio e conflitos por todas as sociedades, mas isso sim é que é utopia.

Nenhum autoritário vai para linha de frente, ninguém que detenha ou ambicione o poder se posta à frente das marchas. Pelo contrário, depois de por fogo no circo, na hora H, foge, posa de vítima, culpa o adversário e só volta se for para tomar posse do que ele literalmente pagou para ver queimar. Só reaparece para tomar posse do que não lutou para conquistar, volta só para perverter a história, apagar a memória e expurgar todos que não servem a nova realidade. Deixem os maníacos obsessivos por poder livres para disputar seu vale-tudo e eles não vão se matar, eles vão jogar todos nós uns contra os outros só para apartar uma sociedade desintegrada e governar sobre cinzas e sombras dos homens.

Libertários até existem. Claro que a maioria ainda, é só rato fugindo dos navios distopistas que se afundam, neoliberais mal disfarçados ou marxistas reciclados. Mas já há alguns verdadeiros libertários no Brasil, e começam a se organizar tanto a direita quanto a esquerda. Verdadeiros liberais e socialistas, porém ainda paralisados perante o espetáculo de disputa das velhas formas autoritárias de organização política e econômica. Estou enganado? Espero estar. Quanto espero ser o mais rapidamente contrariado pelos fatos e eventos. Eu mesmo, escrevendo aqui, já pretendo me contrariar, e me manifestar contra a ditadura dos esquerdistas e direitistas autoritários que demandam o mesmo: quem não está com eles, está contra eles. E nisto eles tem razão: é justamente contra todos eles, ou o que é a mesma coisa, a favor de nós mesmos que todo mundo livre deve ficar! Por isso, qualquer um que defenda não apenas sua vida e liberdade, mas sua identidade própria e diversa não só contra os estados e projetos de poder, mas, sobretudo contra os projetos de poder e suas ideologias, nem do século passado, mas do retrasado, tem de antemão meu apoio e solidariedade.

Não sejamos tímidos, não mandem só os governistas para o inferno, mas toda a ordem de demônios, súcubos e íncubos de todos os partidos, aliados e oposicionistas, mandem toda a classe de políticos e seu espetáculo da representação do real de volta para a casa do seu pai e patrono, que vão ter com quem de fato servem. Nisto os governistas estão certos: eles não são diferentes de nenhum outro político, eles merecem exatamente o mesmo destino dos outros. Que seja feita sua vontade. Pro inferno com eles! todos eles!

Nossa, mas quanta revolta! Será que não existe político sério? Respondo: será que o futebol tem combinação? Será que papai-noel existe? Ingenuidade e credulidade é uma coisa, vontade de ser corno e idiota é outra. Quer entender o Brasil basta olhar para o bolsa-família. É claro que o bolsa-família nunca foi renda de emancipação, mas você acha que o que a direita está contra é a falta de emancipação? Não vou nem te responder. E você, do outro lado, acha mesmo que a sua esquerda está preocupada com a independência do povo? Acredita? Então, meu velho você é ainda mais alienado, porque pelo menos a direita tem consciência de classe, eles estão defendendo os privilégios deles, e não vendendo o próprio rabo para sustentar ideologias e tiranetes populistas. Acorda, José! Eles querem é o mesmo que a direita: eles não estão brigando para livrar ninguém do cabresto, meu amigo, eles estão brigando para ver quem fica com os currais. Eles não gritam pelo fim das condicionalidades sobre o mínimo vital, eles gritam pelo fim de qualquer garantia de mínimo vital que não esteja atrelada a velha condicionalidade da escravidão: quem não trabalha (para o outro) não come.

A esquerda autoritária não luta pelo avanço social, mas pela dominação das massas através do paternalismo estatal. Da mesma forma que a direita conservadora não luta pela

liberdade fundamental de ninguém além da sua, ou o que é a mesma coisa pela manutenção dos seus privilégios subsidiados pelo estado mínimo liberal. A direta que grita nas ruas não quer libertar ninguém do clientelismo político, quer jogar todo esse "povo indolente" de volta "no seu devido lugar", que para eles sempre foi a senzala senão dos trabalhos forçados a chibata então pela necessidade da sobrevivência desnaturada, pela rarificação dos meios vitais e se preciso for até a destruição da provedora de tudo que é livre e igual: a natureza.

Esse não é um filme de bandido e mocinho, meu amigo, é de bandido comendo bandido e coitado de quem parar para assistir esse faroeste pensando que é só uma pornochanchada desenvolvimentista-neoliberal. E agora José? Agora? Agora corre atrás, Zé! Eis um lei natural: Quem luta pelo poder não luta por liberdade, luta por quem vai distribuir a ração e segurar o cabresto e não pelo fim do curral. E em países periféricos como o Brasil, onde as senzalas estão nos próprios territórios, a luta pelo poder jamais será a luta pelo fim da escravidão, mas por qual capataz cuidará da plantação dos gringos e ficará na casa grande. E repito, não se engane, para proteger seus senhores, esses capitães-do-mato e pretos-da-casa que se esfaqueiam pelas costas em público, com o mesmo despudor se amam e se beijam nos porões do poder.

Na política representativa tudo é jogo de cena e espetáculo da representação; nem os aliados são aliados nem a oposição é mesmo oposição; tudo é tão verdadeiro e honesto quanto propaganda de banco ou o facebook. Todo mundo sabe: político vende não vende até a mãe, vende a alma pro capeta, mesmo sem nem acreditar que ele existe, só pra garantir. Político (e não sejamos complexados: não daqui), político não é só corrupto ou vendido, é traficante e capataz da servidão de qualquer povo, a começar sempre do seu. Não? Então me diga

um nome que você acha mesmo honesto, e que você não ache um louco, ou um idiota - ou pelo menos não desconfie que dos fingidos ele é o maior. Ninguém conhece melhor seu governo que o próprio povo, é como diz nosso ditado popular, no Brasil as pessoas se fingem de mortas até para comer fiofó de coveiro.

E aí, me diz, você foi mesmo protestar? Você foi protestar acreditando em político e política representativa? Quantos anos você tem? Veja, só há uma desculpa para cair neste tipo de conto: se você for muito velho ou muito bem consolado e confortado. Você acredita mesmo neste tipo de coisa? É sério? Você vai mesmo depositar seu voto de confiança **de novo** neste sistema? Vai mesmo acreditar que: "nãão! o próximo vai ser diferente... tem que dar certo"? Vai assistir novela, ou uma série gringa, ou melhor fica esperando a próxima copa ou pelos carnavais.

Teorias conspiratórias? Paranoia, mania de perseguição? Foi-se o tempo. Isso é luxo do tempo do seu avô, meu filho, é coisa para *babyboomers*, hoje não dá para ser um completo imbecil sem que um moleque de vinte e pouco anos com internet venha te esfregar na cara o quão servil, vigiado e alienado você é. Disneylândia, rainhas da Inglaterra, ídolos pop brancos e esbranquiçados, tudo isso é coisa de outra era. Conspiração, paranoia, era coisa de quem assistia ao Fantástico show da vida aos domingos e ficava desconfiando a semana inteira: será que não existe nada de mais acontecendo lá fora? Será?

11 de Setembro? Que diferença faz depois de Guantánamo? Se você não discrimina vítimas, nem assassinos por nacionalidades ou territórios que diferença faz enquanto crime contra a humanidade? Malufs? Sarneys? Lulas? FHCs? FIFAs, Empreiteiros, Banqueiros... Será? Não, não acredito, não pode

ser. Governos e poderes ocultos? Quando foi que você nasceu? Hoje todos os crimes governamentais são pornográficos, explícitos, descarados. A era da centralização da informação foi-se. Teorias conspiratórias? Isso é coisa de norte-americanos para norte-americanos e afins, quem vive ao sul do Equador, precisa ser muito crente para ver a Nossa Senhora de Fátima que eles e seus serviços nem tão secretos pregam. No quesito fascismo contra o próprio povo os governos dos EUA têm muito a aprender com o Brasil, aqui não se perde tempo inventado teorias e inimigos, não. Aqui, ninguém é puritano, a sacanagem, o embuste, a corrupção é tudo feito na cara do povo mesmo, sem cortes. É cinema velho: caneta e porrete na mão e nenhuma ideia na cabeça.

Por isso, meu amigo dinossauro, se você como eu tem mais de 30 anos, mas ainda não saiu da caixa, nem do armário, não se resolveu política, sexual, religiosa ou vocacionalmente, e pior tem raiva de quem mal tem cabelos brancos e já se resolveu, deixa eu te explicar uma coisa sobre quem decidiu viver e tomar conta da própria vida antes de envelhecer e morrer: quem já saiu da caixa, não é mais paranoico... é revoltado mesmo; não tem teorias, nem ideologias, tem diante dos olhos o espetáculo grotesco da realidade concreta e absurda, de gente desprovida de olfato (ou qualquer outro sentido ou sensibilidade) a comendo bosta... e gostando.

Acho que você até sabe do que eu estou falando. Pode não se lembrar ou não querer lembrar; pode ter desistido de tentar entender de onde vinha aquela profunda sensação de vazio, de algo errado, mas quem não nasceu velho, nem de pijama, quem já viveu um dia, acho que sabe do que eu estou falando. Não é só o conhecimento que não é mais acadêmico, é a vida que já não é tão platônica. Muita gente está abandonada o mito da caverna, e se as novas gerações não se perderem nos

caminhos para a liberdade, as mudanças históricas que experimentaremos não serão tecnologias, não se medirão por séculos, mas por milênios.

“Mas e as múmias e os mortos-vivos? O que fazemos com eles?” Alguém poderia perguntar. Ora, esta resposta já foi dita faz tempo, deixe que os mortos enterrem os mortos, e os mortos-vivos devorem os mortos-vivos. Não entrem nas suas guerras e disputas políticas e geopolíticas. Olhe para a massa de manobra dos dois lados e se pergunte: é isso que você quer ser quando nunca crescer?

Não percam tempo, não vale nem a pena comentar as formas mais extremadas de alienação. A boçalidade de quem pode se dar ao luxo de militar a esquerda ou direita, seja para pedir regime militares, seja para defender governos vendidos não tem fim. Claro que há aqueles que defendem quem está aí porque não são piores do os fascistas e fanáticos religiosos loucos para entrar. Mas estes são dignos de pena, se acreditam mesmo que todo esse lixo são os únicos mundos possíveis. Quem acredita mesmo que liberdade de decisão se resume a mera escolha entre as alternativas predeterminadas pelos predeterminadores é um coitado. Ver gente de viés autoritária defendendo o que há de pior dos dois lados nunca surpreende, mas ver gente de paz, sem desejo por poder, defendendo essas coisas por absoluta falta de opção, por desesperança, é triste.

É triste, mas o Brasil é tão insólito que a figura pública nem precisa ser honesta ou competente, não precisa fazer nada só falar, ou melhor, não falar nada politicamente incorreto que já está valendo. Seria tragicômico se não fosse criminoso. É triste. Triste e revoltante ver o medo das pessoas pobres, e as nem tão pobres quanto ignorantes, se agarrando ou a uma esquerda decadente com medo da velha direita, ou a uma direita

reacionária por medo desta mesma esquerda autoritária. E pior: debaixo desta briga cega, correndo por fora, vem chegando o crentismo teocracista.

Malditos sejam todos os idolatras do poder, seculares e religiosos, servos da discórdia. Malditos sejam todos os inimigos que retroalimentam seus conflitos para sustentar o estado de guerra contra todo o mundo livre e todas as pessoas de paz. Pro inferno com esses governos, com essa oposição e, sobretudo com o eterno centro fisiocrata que como hienas sempre espreitam para devorar quem cai, e não só para continuar pilhando ou mantendo tudo como está, mas para continuar sempre apostando no quanto pior, melhor.

Nosso regime é do terror: Do terror da esquerda autoritária ultrapassada que se diz artífice de conquistas sociais, mas vende a população a qualquer capital nacional ou internacional desde que a sustente no poder. Do terror da direita neoliberal reacionária, que não importa o quão acéfala e incompetente seja a esquerda no governo, eles não perdem uma chance de lembrar o quanto eles podem ser piores e ruins, especialmente com os mais carentes. Se depender destas esquerda e direita autoritárias que estão aí não seremos só o último país do mundo a abolir a escravidão, seremos o primeiro país que se arrogue democrático a praticá-la de novo em seu próprio território.

Não, não vamos faremos como os EUA e Europa, não vamos terceirizar nossa escravização assalariada em países como nós que fazem da ausência de direitos seu principal *comoditee* internacional. Faremos como o governo chinês, vamos terceirizar nosso próprio povo, vamos deixar que se pratique a escravidão em nosso próprio território, mas sem precisar de nenhum disfarce comunista, vamos simplesmente ser mais

positivistas, mais realistas que o rei: assim será porque esta é a lei.

Mas não sejamos preconceituosos com os chineses, americanos e europeus; deixemos de lado nossa síndrome de vítima e sejamos sinceros: se dependesse de quem dita os direitos e deveres no Brasil nunca serão como China, Europa nem EUA; simplesmente continuaremos sendo o que somos: o País do futuro, o país com saudades dos tempos que nunca tivemos e não nos levantamos para ter, e sempre com profunda nostalgia dos tempos e memórias falsificadas de todos os golpes, ditaduras, militares, das getulinas, até as mais colônias. É inegável, nisto Superamos nossos colonizadores europeus, e conseguimos ser mais sebastianistas que os portugueses e mais nostálgicos do que nunca fomos, que nossos *hermanos* argentinos. Temos saudades de bons tempos que nunca existiram e com o futuro sempre sonhamos, porque vivemos de saudar passados que nunca existiram e manter presentes realidades arcaicas que nunca deveriam ter acontecido. Não, jamais rompemos com nosso passado colonial, escravagista e imperialista e chupa-saco de impérios. E nunca encaramos de frente nosso presente.

Esperança? Esperança é só o outro nome de quem espera sentado para que alguém lhe tire do fundo do poço, para quem não tem coragem de se levantar. Esperança é a muleta do covarde e a corrente do alienado, chega de esperança, chega de desilusão. Não vai vir nenhum milagre político nem econômico, se existem algum milagre ele é feito de uma outra ordem,: a revolucionária, de outra fé, a libertária: Levanta e anda.

"

Reforma Política? Não, reforma revolucionária. Constitucional ou Popular, mas revolucionária. Deixe o Brasil na mão da classe política e não só vamos sempre voltar como cães para a casinha toda vez que tentarmos nos afirmar como gente, como vamos acabar caçando pobre e preto à bala, em nome da ordem e progresso alheio. Deixe essa gente autoritária tomar conta do país, deixe esses idolatras de todos poderosos, servo e adorador de qualquer poder total dominar nosso território, sejam eles políticos, religiosos ou tecnocratas econômicos e veremos que fim teremos com estes cultuadores de verdades únicas e absolutas. 1984? 1984 é passado, olhe para o país do Futuro, o Brasil que esses distopistas sonham para nós! Vamos acabar defendendo o mal como necessidade como nenhum liberal do *laizze-far-lasse-passe* jamais teve coragem; vamos acabar defendendo a maior estatização da vida como nenhum marxista jamais ousou pregar. Vamos implementar o maior Estado não só prisional mas de privação dos direitos naturais jamais visto, estatizador de todos os meios vitais, privatizador de todos bens comuns e redistribuidor não de renda para todos, mas custos para os povos expropriados e segregados.

E qual a solução dos defensores dos direitos humanos? Ora, cotas e polícia do politicamente correto. Genial! Como se policiamento ideológico pudesse por um fim a violência simbólica, como se a violência simbólica fosse uma mera questão subjetiva, da sensibilidade do ofendido e não a imposição de uma realidade segregacionista subsidiada pela

violência de fato. Como se a violência simbólica pudesse ser combatida pela violência de fato que a sustenta e promove, e não com a sua extinção. Como se a solução para discriminação estivesse em exigir uma cadeira na mesa dos homens brancos supremacistas, e não na abolição do estado que faz do mundo um clube *privé* de supremacistas, mesmo que eles não fossem mais brancos, ou só homens.

Como se o crime de discriminação fosse feito meramente dos discursos de ódio e preconceito, e não da imposição dos preconceitos, como o próprio estado de discriminação e segregação como "de direito", o *apartheid* legalizado cultural e social. Como se o branco pudesse ser discriminado pelo negro, a mulher pelo homem, o índio pelo colono, o subdesenvolvido pelo desenvolvido, o nazista pelo judeu, ou o sionista pelo palestino. Não, não existe discriminação reversa porque este crime exige a supremacia da força para sujeitar o outro aos preconceitos como a realidade imposta da sua vida. Não há discriminação sem o poder de fato para impor os juízos às vítimas. E a ignorância ou ódio não podem e nem devem serão contidos calando-se a força quem odeia ou ignora.

Combater autoritarismo com mais autoritarismo? Corrigir crimes históricos cometidos por lei sem devolver nem reparar o que foi roubado? Fazer do ladrão e sequestrador, justiceiro e provedor? Distribuir esmolas estatais para vítimas dos crimes, e com o dinheiro delas? É inegável, isto é um incrível projeto para encobrir não só a segregação, mas manter a escravidão assalariada bem disfarçada de todos os discriminados. A raiz da discriminação está na desigualdade de direitos naturais e não se finda com nenhuma compensação ou benesse que apenas amenize a violação. Crimes contra a humanidade e a pessoa humana não cabem censura por força de fato, porque não estão, nem jamais estarão na liberdade de manifestação, mas

em todo ou qualquer poder arrogante e prepotente que se considere dono do mundo, das pessoas e sobretudo da moral para impor suas ideologias e preconcepções até mesmo contra os direitos naturais e liberdades mais fundamentais.

A moral não tem precedência sobre a liberdade, porque não existe moralidade sem liberdade. A liberdade de expressão e culto sem imposição nem ameaça não é crime; crime é toda repressão silenciosa, velada politicamente correta, legal contra toda possibilidade das pessoas contrariarem o preconceito e o supremacismo não apenas com discurso, mas na prática da paz liberdade e objeção de consciência não apenas a guerra, mas a todos os valores impostos. Não existe nenhum dano simbólico ou moral que possa ser parado ou reparado com o subsidio da violência de fato. Nenhuma violência de fato ou simbólica se resolve com polícia ou censura, mas justamente com o fim de todas as formas de imposições e privações contra qualquer pessoa de paz. A violência simbólica é o signo, o código, a ordem que se impõe contra a livre vontade alheia pelo subsidio da força de fato ou sua ameaça. E a legítima defesa se confira não contra ofensas, mas contra os discursos ou praticas que usam da imposição de signos, valores e classificações para gerar não agressões subjetivas, mas danos de fato pela privação da igualdade de direitos naturais a vida liberdade vocação e desenvolvimento humano.

O crime da discriminação não está no que se fala contra o outro, mesmo que todo supremacista e discriminador só usassem palavras “politicamente corretas” e não ofensivas, seu crime ainda seria o mesmo que silencioso, com ou sem discursos a violência simbólica está na privação dos valores e identidades dos outros pelas imposições de juízos como a identidade e valor contra a livre vontade alheia. A violência simbólica não é palavra, é marca de quem detém o poder para

designar as coisas, é signos de poder para impor limites, privações e desqualificações a pessoa por imposição da violência como seu estado real ou até legal. Não é uma visão de mundo preconceituosa, mas a imposição da preconcepção de estado real e legal. É o signo que não importa se ofende ou não, se legal ou ilegal, politicamente correto ou incorreto, é o sinal criminoso do supremacista detentor ou protegido do poder sobre todos aqueles que ele marca para que ninguém os trate como igual.

Violentas e criminosas são, portanto as ações que impõe preconceitos como práticas, discursivas ou não, silenciosas ou não, mas sempre que cerceiam a liberdade de fato, que privam o outro das condições fundamentais para que ele possa afirmar sua identidade de acordo com sua própria concepção. A discriminação é ato cometido por quem detém a força de fato, legal ou não, para impor seus juízos e entendimentos como as limitações a vida e desenvolvimento do outro. É preciso do subsidio da violência de fato para impor signos e preconcepções à força; seja pela ameaça, seja pela privação; é preciso deter o poder para impor seus preconceitos como condição de vida e limitação do potencial dos discriminados para cometer a violência simbólica. Não existe discriminação reversa porque este crime exige a supremacia da força para sujeitar o outro aos preconceitos como a realidade imposta da sua vida. Não há legitimidade em nenhuma censura porque a discriminação demanda exatamente essa mesma violência da supremacia do poder de fato para impor qualquer juízo às vítimas como realidade objetiva. A violência simbólica não se configura só como o discurso, mas com qualquer prática, discursiva ou não, capaz de impor preconceitos contra a liberdade do outro.

O fator determinante da violência simbólica é o poder para impor seus preconceitos e predeterminação como identidade do outro. Nenhum discurso, ato ou signo por mais ofensivo que seja é em si criminoso se não for uma ameaça ou um ato de privação ou coerção da plena manifestação de outra pessoa de decidir e definir livremente quem ela é e participar em igualdade das decisões e definições sobre o comum. Discursos de discriminação, de ódio, ou até mesmo apologia à violência só deixam de ser o que são, discursos, para se tornar crime quando quem fala tem poder para fazer do seu juízo não mera opinião, mas sentença contra o outro, quando faz da sua própria afirmação a realidade imposta contra as chances e possibilidades de vida dos assim não meramente discriminados em direitos naturais, mas de fato apartados do bem comum. A discriminação é signo que se impõe contra quem pode ter até direito de responder, mas não tem meio de fato para negar com atos e ações o que se impõe artificialmente não com discurso, mas como estado de privação do seu potencial vocacional e autodeterminado da identidade e concepções.

Nenhum ato que não implique em deflagração da violência não pode ser parado com violência. Todo discurso que não seja uma ameaça de fato, não pode por mais odiosa que seja, recriminado, censurado ou mesmo punido com o uso da violência de fato ou simbólica. Isto não quer dizer que a ofensa não possa ser reparada ou que não se deva, isso quer dizer que a justiça e reparação só podem e devem ser feitas sem a recorrência de nenhuma violência- legal ou ilegal. A ofensa jamais se repara com agressão. Uma vez contida a violência deflagrada como ato ou estado, a ofensa e até a própria disposição à violência se fazem parar e pagar usando dos direitos inalienáveis das livres associações de paz para boicotar e sancionar os injustos. Porque se não existe a discriminação reversa é pela mesma razão que não existe limite à liberdade

de expressão: é pelo subsídio da violência de fato, que a violência simbólica se configura e a discriminação se impõe não subjetivamente, mas como o estado de exceção dos direitos naturais dos segregados.

A violência simbólica deixa de objeto de reparação pacifica, para ser objeto de legitima defesa quando o signo não é mais um opinião, mas o prenuncio, a ameaça de agressão e privação. E essas marcas de um estado de desigualdade e desumanidade que precede os atos de violência e não são só uma violência, mas as provas dos crimes contra a humanidade sistematicamente cometidos dentro deste estados. A discriminação não está na suástica, mas nas estrelas de Davi usadas pelos nazistas para marcar e demarcar e seus guetos, campos de concentração, e holocaustos. Toda ofensa pode e deve ser objeto de demanda por justiça de paz, mas a sociedade que permite que a ofensa seja recriminada por supremacismo, que pede ao monopólio da violência para usar da sua força para que censure quem quer que seja, permite não apenas a disputa de poder por fanáticos, políticos, religiosos e científicos, mas abre caminho para a ascensão de totalitários que perseguirão não só opositores e dissidentes, mas todas as pessoas livres e de paz que não pertençam a sua classe nem sirvam a sua ordem.

Não há nada mais estupido do que pedir para as autoridades acabarem com os crimes de poder. Quem pede para que o poder o proteja e puna os perseguidores das liberdades, terminará ele perseguido e punido pelos supremacistas. Ou, quem acha que o discurso de ódio será contido pelo monopólio da violência e dos valores, terminará sendo esmagado pelo próprio monstro que alimenta, porque o Leviatã não foi criado para proteger liberdades, mas para subtraí-las em favor do corpo do poder absoluto. O humanista, o cosmopolita que

ignora o que move a máquina do poder e pede a criminalização de qualquer fobia ou "ismo" terminará perseguido por fanáticos idólatras do poder e do terror. Porque monopólios do poder não foram criados para permitir a diversidade ou a convivência pacífica entre os diferentes credos ou formas de vida, mas para impor a supremacia política ou religiosa tanto faz desde que absoluta e armada não só contra as minorias, mas sempre primeiro contra a menor e mais importante unidade possível da vida: a pessoa natural.

Todas as formas de discriminação nos estados de desigualdade de autoridade estão proibidas, menos o preconceito que sustenta todos os tipos de violência: a de quem detém a supremacia da violência, de quem detém a legitimidade para discriminar e classificar quem nasce com direitos naturais plenos e quem está sujeito e sujeitados a eles como seus objetos de uso, emprego, estudo e claro, proteção contra toda e qualquer pessoa que com boa ou má fé o ofenda. Em outras palavras, para a justiça estatal o crime que precisa ser imediatamente reparado e punido com mais violência não é a violência cometida com o subsidio das leis ou omissão do Estado, mas a ofensa contra os injustiçados.

Depois que estatizaram até a defesa dos direitos humanos, até a liberdade de expressão virou caso de polícia e censura, e a violência simbólica que deveria ser o crime de quem detinha o poder de fato para impor signos, valores e preconceitos contra as pessoas livres, passou a ser justamente o contrário: a prerrogativa de quem detém o poder e a autoridade. E qualquer um que se manifeste contra a discriminação em sua forma pura, o supremacismo, a suposição de quem detém o poder é superior em autoridade sobre os demais, corre o sério risco não apenas de ser recriminado, mas incriminado.

Não se engane, os defensores do politicamente correto não querem acabar com nenhuma forma de violência velada, eles querem dar como morta a violência, e enterrar viva as vítimas, com todo monopólio da violência mantendo as testemunhas caladas e censuradas. Pro diabo com todos os idolatras do poder e fanáticos pelo absoluto! Pra casa do pai com todos os supremacistas, racistas e falsos defensores dos direitos humanos e naturais! Deixem os autoritários e hipócritas dominarem o mundo, e tudo se resolverá com suas ficções distópicas: trocando nomes e adulterando dados e realidades.

No futuro estrategicamente planejado por eles, quem não chamar o pobre de "portador de vulnerabilidade socioeconômica" vai acabar preso. Se depender deles com certeza a pobreza e discriminação acabarão um dia... exatamente assim, no papel, com a censura, teorias, planilhas e doses cavalares de propaganda. Discriminação velada? Por eles, velaremos os necessitados por discriminação até que morram e despereçam como os índios que não sabemos nem mais que existiram - não há séculos atrás, mas ontem. Se depender das autoridades e autoritários que perseguem e defendem quem é não pode ser chamado de pobre[1] e preto e (aguardem) latino, a "solução final" da pobreza e discriminação será dada com o desaparecimento do pobre e do preto no papel, até que o etnocídio politicamente correto de todo povo invisível, calado e marginado se consume de fato como só como gentrificação, mas como genocídio.

Não. A justiça não é vingança estatizada, nem se faz com compensações nem censura, mas com a abolição do poder

[1] Alias pobreza defina pela definição de tecnocratas e não pelo que a própria população considera suas necessidades básicas e possiblidades naturais.

criminoso e reparação dos seus crimes históricos. Justiça se faz como o fim dos monopólios que sustentam não só a discriminação de etnia, gênero, classe ou gerações, mas a segregação de toda humanidade e todas as pessoas naturais. Finde a segregação do bem comum e a discriminação de autoridades, e não só todos os preconceitos, mas todos os vermes que vivem de disseminá-los, como também os que se sustentam para pretensamente combatê-los cairão junto com seu estado político criminoso. Restitua-se o direito natural a todas as pessoas sem nenhuma distinção; restitui-se a igualdade de autoridade sobre propriedades comuns e usufruto dos meios vitais, e o crime da discriminação desaparecerá junto com o maior crime contra a humanidade: o da privação e segregação dos direitos e liberdades fundamentais.

Não. A justiça não é vingança estatizada, nem se faz com compensações nem censura, mas com a abolição do poder criminoso e reparação dos seus crimes históricos. Justiça se faz como o fim dos monopólios que sustentam não só a discriminação de etnia, gênero, classe ou gerações, mas a segregação de toda humanidade e todas as pessoas naturais. Finde a segregação do bem comum e a discriminação de autoridades, e não só todos os preconceitos, mas todos os vermes que vivem de disseminá-los, como também os que se sustentam para pretensamente combatê-los cairão junto com seu estado político criminoso. Restitua-se o direito natural a todas as pessoas sem nenhuma distinção; restitui-se a igualdade de autoridade sobre propriedades comuns e usufruto dos meios vitais, e o crime da discriminação desaparecerá junto com o maior crime contra a humanidade: o da privação e segregação dos direitos e liberdades fundamentais.

Não é calando a boca de ninguém, nem mesmo dos supremacistas, que se acabará com estes *apartheids* velados.

Que me xinguem de subdesenvolvido, miscigenado, pobre, vagabundo, macaquito, que me chamem do que quiserem, desde que não encostem a mão, façam o que quiserem, eu não quero nada; tirem da minha cara suas armas e eu mesmo buscarei em paz e livre comunhão meus direito naturais a autodeterminação e autopreservação, o direito a vida e trabalho não-alienado. Que nenhum arrogante autoritário venha me privar dos meus direitos de afirmar quem eu sou e o que eu posso fazer para vender sua proteção. Não quero nada deles, além de que deixem em paz.

Não quero apenas o direito de viver sem ser obrigado a servir ou idolatrar pessoas e valores alheios, quero poder viver em paz com as pessoas e valores que acredito. Quero dar a Cesar o que é de Cesar e poder ficar comigo o que é meu. Que não venham oferecer o que não é deles e que de fato não podem me dar, só tirar. Tudo o que eu quero é meu direito a liberdade de credo e consciência seja respeitado e que eu não seja obrigado a servir ao pagar tributos a nenhum culto ao poder supremo, seja ele politico, religioso ou econômicos, porque minha fé é a na igualdade de direitos naturais e o deus não o poder total é a Liberdade.

Ligado a minha liberdade natural ao princípio criador da vida não preciso de ninguém que se arrogue meu defensor, nem persiga ninguém que fale o que pensa sobre mim. Não preciso de justiceiros, só quero tomar parte com igualdade de tudo que é direito meu e de todos. Direitos não são benesse nem caridade, mas necessidades naturais e sociais. A participação direta nas decisões e acesso aos rendimentos sobre tudo que é natural ou bem comum, sobre tudo que é meios vitais não é apenas fundamental ao um estado de justiça, mas necessária para ao estado de paz. As pessoas ainda vão precisar da

caridade, da solidariedade, da cooperação e claro competir e concorrer, mas não mais para sobreviver.

Digam o que quiserem sobre mim, mas devolvam meus direitos naturais. Façam usam pleno da sua liberdade de expressão, mas parem de roubar minha liberdade de fato para exercer plenamente meu potencial e vocação. Que a liberdade de manifestação de paz seja plena, até porque onde ninguém tem o monopólio dos meios de comunhão, a opinião dos outros é só o que ela: uma opinião, nada mais. E diz mais sobre quem fala do que sobre quem é falado. Não quero que prendam ninguém que me discrimine, quero o fim da segregação, sobretudo sobre o direito natural aos meios necessários a autopreservação, quero a garantia de liberdades fundamentais, mas dada não como benesse ou favor estatal, mas como é se deve por direito natural: em equilíbrio descentralizado de forças e igualdade de autoridade sobre o bem comum.

Sei que muita gente vai dizer que eu defendo o direito de ser ofensivo em causa própria, e que não apenas minhas palavras, mas minha forma de ser ofende e repugna muita gente. Mas porque eu também não poderia me ofender com a sua intolerância e desprezo por mim ou meus valores? Poderia mas isso seria abraçar a esta imbecilidade. Ninguém é obrigado a gostar de mim ou do que eu digo, ninguém é obrigado sequer a deixar de me desprezar e odiar, por que as pessoas deveriam ser hipócritas por lei? Porque devemos continuar institucionalizar a hipocrisia pela legitimação da violência? Não. Que quem qualquer um possa dizer que faço e falo é uma completa imbecilidade, que eu sou um idiota. Se ele não tiver nenhum poder autoridade ou prerrogativa de uso da força sobre minha pessoa que força isso tem?

Defendo a liberdade de expressão de todos, inclusive dos que odeiam a qualquer um que não pensem como eles. E até prefiro ter que conviver com quem gente que me odeia e despreza do quem hipocritamente diz querer o meu bem, e se apropria de tudo que é natural e comum para impor sua vontade de poder contra minha livre vontade de paz. Desde que me deixem em paz, prefiro mesmo viver entre canalhas, imorais, preconceituosos e até idolatras do que entre gente virtuosa, caridosa, correta, tão cheia de certezas e moral, que estão dispostas a fazer qualquer coisa para impor o que juram que é certo. Com certeza prefiro gente imperfeita e ignorante, mas de paz do que essa gente perfeita e educada que se acha dona do mundo e da violência para regular, vigiar e mandar na vida dos outros. Melhor os inimigos de paz que os amigos violentos.

Sinto muito, maníacos violentos por poder despertam revolta, mas o pobre coitado do conformado com seu todo poderoso é digno de pena. Se você prefere viver violentado, desde que ninguém te chame de currado ou estuprado. Viver no arcabouço de todo monopolizador ou supremacista da violência, desde que ninguém possa falar o que você não quer ouvir; se prefere viver sob o poder e a tutela de autoridades do que viver em igualdade de autoridades e liberdades fundamentais; se prefere renunciar a não só falar o que pensa, mas ser tudo o que poderia, só para ver punido quem fale o que não deveria, você definitivamente não é só um coitado, é o amante do todo poderoso que te curra e cafetina desde continue mandando flores.

Ninguém é idiota; melhor ser livre que empregado, ser rico do que pobre. Mas prefiro ser pobre e até coitado do quê o mais rico e poderoso dos servis. Entre minhas próprias concepções e valores e os títulos e moedas do poder alheio, fico com o que é

meu por natureza. Ninguém quer ser violentado, não renuncio a meu direito de autopreservação, mas prefiro fugir e resistir a violência do quê me converter ou me entregar a um violentador. Prefiro minha liberdade e dignidade ao poder e sua servidão.

Claro que não me contento em só simpatizar com a causa dos violentados, defendo não só o direito de reação proporcional de toda pessoa para se livrar da violência, mas antes disso a garantia dos recursos básicos para que ela não seja jamais obrigada a se vender ou lutar com todos os meios necessários para por fim a privação da sua vida ou dignidade. Defendo não apenas a descriminalização do direito natural a autopreservação, mas a restituição e garantia dos bens comuns e meios vitais para que ninguém seja premido a entrar em conflito por sua vida ou liberdade. Ninguém é obrigado a sustentar ninguém, nem dar o que é seu para os outros, mas não pode fazer do que é seu a privação dos meios vitais de ninguém. Todas as pessoas sem distinção tem o direito natural de tirar seu sustento dos meios vitais conforme suas necessidades, mas a posse de um bem natural só é legitima sem a privação das necessidades básicas dos outros, o que significa antes de mais nada a preservação da próprio meio ambiente.

Quero o fim dos estados de privação e coerção, o fim das violações sistematizadas. Não quero simplesmente o fim da violação da livre vontade das pessoas de paz, mas o fim do roubo das propriedades particulares e comuns pelos supremacistas. Quero um território onde as pessoas possam se defender particular e mutuamente contra a apropriação de bens e violação destes fanáticos e idolatras por poder. Um território de liberdades garantidas como direitos por disposições constituintes de defesa e provisão mútua como

deveres voluntários. Defendo, portanto a desmonopolização do bem comum e a igualdade de autoridades sobre este meio vital, dada não por promessa, mas de fato através de garantias mutuas de liberdades fundamentais como participação igual nos rendimentos básicos destas propriedades comuns.

Não quero que ninguém que seja obrigada a seguir nada do que digo, não quero que ninguém que não me suporte seja obrigada a conviver comigo, assim como não quero ter que servir ou me associar a elas. Para isso é necessário não só que todos nós tenhamos nossos espaços próprios e tempos livres, mas os meios necessários para viver, de modo que ninguém tome o que é do outro por necessidade[2], ou se aproprio daqueles espaços e recursos naturais que não podem ser tomados nem consumidos por ninguém sem o prejuízo de todos.

Sei que para conseguir o que quero preciso estar disposto não só a reconhecer o mesmo direito de auto-organização e próprio-concepção a todas as pessoas de paz, mas a assumir voluntariamente a responsabilidade de defender nossos direitos e bens comuns. Garantir que ninguém se aproprie ou destrua as propriedades naturais é tanto condição imprescindível para que todos possam usufruir dos meios vitais, como condição fundamental para que nenhuma força destrutiva emerja como poder supremacista sobre os segregados dos seus direitos naturais em um ecossistema reduzido a estado político-econômico.

A liberdade definitivamente não é fazer o que se quer, mas ter como ser tudo o que se pode ser em paz. Essa liberdade como estado, é um direito igual de todos que não só é legitimo

[2] Ou sua alegação.

defender, é preciso defender contra aqueles que acham que podem não só fazer o que querem contra a necessidade dos outros, mas, sobretudo ditar e impor sua vontade de ter e poder como se fosse a necessidade e vontade de todos pela privação dos meios vitais e destruição do meio ambiente e desnaturação da vida.

Não estou defendo a perseguição dos atuais supremacistas do mundo, mas tão somente o fim da sua supremacia da violência. Defendo a liberdade pela paz e a defesa da paz pela legitimação da liberdade como estado, a criminalização da redução da vida à mera liberalidade ou benesse de qualquer poder arrogante, e o direito a legítima defesa contra este estado de violência. Se os arrogantes e prepotentes quiserem viver em seu clube fechado de racistas, de supremacistas idolatras de todos poderosos, isto é com eles, que vivam; o que eles não podem é fazer do mundo o clube de campo do seu fanatismo e suas taras impondo, se apropriando e consumindo tudo que é natural pelo monopólio da força e ditadura da preconcepção.

A ecologia e o libertarismo não incompatíveis, eles imprescindíveis um ao outro a sua realização porque vida e liberdades estão intrinsecamente ligadas, e assim como a vida depende da liberdade a liberdade não apenas carece da vida para se manifestar, mas é como fenômeno a própria manifestação da vida em toda sua diversidade. não apenas em equilíbrio de forças de fato, igualdade de autoridade, mas em equilíbrio ecológico restaurado por esses fundamentos de um estado ecolibertário.

Não é só porque o direito natural a autopreservação e usufruto dos recursos vitais conforme as necessidades demanda a preservação da fonte geradora deste bem comum: a natureza

que a garantia de liberdades fundamentais de fato é ecológico. A garantia sociais destas liberdades fundamentais são também a constituição de um estado de igualdade de autoridades que institui as condições para sustentar o equilíbrio de forças que permite tanto as negociações e acordos de paz quanto sua defesa mútua. Um estado libertário que protege não apenas a paz e a livre associação e negociação, mas um estado que ao proteger as pessoas livres e seus direitos naturais de autopreservação e autodeterminação contra todo poder central e supremacia da violência impede a imposição de tributos e redistribuição de custos que sustenta os monopólios estatais e suas corporações privadas que tanto geram a privação dos meios vitais quanto a destruição de toda natureza na luta pela expansão dos seus domínios artificiais.

Não estou defendo a luta contra o governo, as forças armadas, nem sequer a desobediência civil, estou defendo o direito inalienável de se conviver fora do domínio e controle alheio. O direito inalienável de não viver em função dos outros, seja como dependente seja lutando por sua independência. Não estou demandando somente o direito de protestar, fugir, e se defender contra o estado de violência porque não ponho sequer este direito em questão, pelo contrário é justamente questionando quem não aceita o contraditório, a concorrência, é contra a imposição de valores e criminalização da sua recusa, contra esse monopólio violento que faço a minha denuncia de crime e ilegitimidade. É absurdo. Não são as pessoas de paz que tem direitos de se defender legitimamente, é o estado do monopólio da violência que não só não é legítimo: é um crime contra a humanidade. Fugir, combater, ou servir, ter que escolher entre alternativas imposta por gente autoritária e violenta, escolhas impostos por quem monopoliza a vida não são direitos nem liberdades, mas privações reguladas e discriminadas. Não quero desobedecer, não quero lutar contra

o governo, não quero tomar a propriedade de ninguém. Entenda, tudo o que peço, é o que qualquer pessoa deveria ter, o mesmo direito a legitima defesa e autopreservação, o mesmo direito a autoridade e liberdades fundamentalmente iguais sobre o que é comum.

Não quero o fim dos governos, nem sequer das forças armadas; não quero que ninguém seja impedido de tê-los nem de não tê-los, que hajam tantos quanto as pessoas quiserem ter, desde que elas paguem por eles e não me obriguem mais a servi-los nem a sustentá-los! Tenho que contribuir como todo mundo com o que é o bem de todos? Pois bem, que minha contribuição seja proporcional a participação proprietária que tenho no rendimento nestes bens comuns. Não gostou? Não tem problema ninguém é obrigado a aderir a nenhum sistema. Quem não quiser participar desta sociedade que não monte a sua própria sociedade e negocie seus valores com todos os demais com os mesmos direitos de participação direta no bem comum, liberdade de negociação, valoração e associação de paz.

Que hajam tantos estados, tribunais, instancias de governos, tantos quantos tiverem que haver no mundo e em nosso território. Que cada pessoa tenha o governo e sistema social que estiver disposto a sustentar, e que se respeite o direito de cada pessoa de decidir sobre seus interesses e participar a negociação pacífica dos interesses que são de todos. Porque ou nos matamos ou aprendemos a conviver no mesmo espaço ao mesmo tempo. Ou aprendemos a coexistir pacificamente no mesmo meio ambiente, seja ele o globo seja ele as terras de um país, ou viveremos como bichos demarcando territórios até sermos extintos. Ou evoluímos e nos revolucionamos, desenvolvemos estados de paz que comportem tantas sociedades livres, tantas forças de defesa e tantos governos

quanto necessários a preservação da diversidade humana e natural ou já era. Porque não? Se todas as sociedades forem de paz, se nenhuma tentar tomar todo o espaço natural, os meios vitais das outras para proteger-se bastará o compromisso de defesa mútua contra qualquer um que tentar se impor pela violência ou privação dos demais.

A verdadeira paz é perfeitamente possível, assim como a verdadeira liberdade. Isto não é utopia, o problema não é o sonho das pessoas de paz, mas o pesadelo imposto pelos violentos como distopia não porque os violentos e desinteligentes são mais fortes, mas porque os pacíficos e inteligentes se submetem não apenas a ameaça da violência, mas ao poder supremo como se isto fosse uma realidade dada e inescapável. A violência só é o poder supremo porque as pessoas de livre comunhão e paz aceitam que as prerrogativas da violência e do usufruto da natureza, de quem se julga donos do mundo, sejam legitimadas como legalidade e pior realidade.

A maior falácia da humanidade é o mito que sem um poder centralizador, sem um poder supremo não existe proteção a livre concorrência ou garantia de serviços sociais. Não. A verdade é que, sem imposição do monopólio sobre o bem comum não existiria a supressão de nenhuma livre concorrência, nem mesmo sobre os serviços sociais, e até mesmo o problema autoprovocado da necessidade de proteção contra os monopólios ou competição desenfreada, desapareceria com a descentralização do poder e das forças de fato, porque o freio natural a autodestruição predatória é o equilíbrio de forças entre todos dentro do ecossistema. Destruição da natureza e assassinato dos povos tem riscos custos humanos e de capital, e consequências sociais. Deixem que os donos dos governos paguem por seus atos e arquem com suas consequências e você vai ver quantos crimes contra a

natureza e a humanidade eles vão corajosamente perpetrar sozinhos.

A aceitação de qualquer monopólio ou prerrogativa da violência gera o mal da sua necessidade retroalimentada. Da mesma forma a simples renegação deste mito gera enfraquece o poder de conversão e aliciamento dos poderes centrais até a queda do culto desnaturador e perverso ao absoluto por falta alienados. O simples rompimento da ditadura do poder como preconcepção já é a pedra na água, a onda revolucionária que derruba a letargia da egrégora do poder, rompendo com as barreiras que desconectam as pessoas entre si e o mundo. Quando e onde não questões revolucionárias tão importantes quanto o movimento. Uma vez concebida a liberdade virá, derrubando os poderes que impede a distribuição das forças de forma mais livre e equilibrada de modo a sustentar não apenas a paz, mas a livre concorrência para a produção do bem comum e proteção da natureza.

Não, não quero fazer da minha vida nem a de ninguém uma luta pelo poder, nem muito menos contra o poder, tudo o que eu quero é viver livre e em paz, e peço às pessoas que tem a mesma vontade que se solidarizem umas com as outras e não só renunciam ao poder a servi-lo, mas naquilo e quando puderem façam o podem pela liberdade de quem não quer viver alienado. Não há ação ou não-ação que seja pequena. Não há ato de fé na liberdade que já não seja em si redentor e libertador.

O fim dos privilégios das classes políticas é de fato não apenas o fim da das desigualdades e privações criminosas, ou o fim da discriminação das classes, gêneros etnias e gerações. O fim dos monopólios geopolíticos e a abolição dos estados de *apartheids* entre os povos e pessoas de todos os territórios nações não é

só um passo importante para por fim aos conflitos internacionais, mas antes disso entre as pessoas de uma mesma nação. É o começo da defesa e proteção sem fronteiras da humanidade.

III

A distopia está caindo, mas as malditas múmias do poder vão jogar não só as classes umas contras as contras, mas as nações em guerra para continuar vivendo dos seus privilégios de posse e autoridade. Querem abortar o século XXI que caminha para autodeterminação direta das pessoas e povos. Querem acabar com qualquer chance de coexistência pacífica entre todos os credos não só religiosos, mas políticos não só no globo, mas em cada país. Querem manter o mundo como está. E se preciso for, vão alimentar fanáticos políticos, nacionalistas e religiosos, de todos os tipos, só para que continuem a vender a proteção contra a ignorância e discórdia que eles mesmos semeiam.

O arcaico e falacioso sistema da democracia representativa está esgotado, nu e falido. Os sistemas de poder sem a coerção e imposição da força vai se despedaçar pela sua ineficiência e insustentabilidade. E os donos do poder sabem disto. Por isso se ele não for logo derrubado, será reinventado para ser exatamente a mesma coisa só com uma nova roupagem. Não são só os políticos que perderam a legitimidade, é todo sistema politico. E tanto a nova direita quanto a esquerda

cosmopolitizadas e organizada em sociedades livres devem constituir os novos movimentos e instancias de representações democráticas diretas, ou amargar a reação violenta dos conservadores do poder. Veja, não estou dizendo que os supremacistas prevalecerão eternamente. O caminho da liberdade é inevitável, eles vão cair. A questão é quantas vidas e gerações mais eles vão destruir enquanto puderem satisfazer sua tara por ter e poder.

Não podemos ficar de braços cruzados assistindo a avanço mais uma vez dos autoritários e de todos os espectros políticos e religiosos. Liberais ou socialistas, não importa; desde que comprometidos com a liberdade, mas sobretudo os libertários de esquerda e direita não podem ficar a margem das organizações e manifestações políticas. É evidente que, nenhum dos lados deste conflito autoritário entre as velhas forças e formas de poder representam coisa alguma de legítimo, mas tanto os novos liberais quanto os novos socialistas tem por responsabilidade se impor juntos contra essa guerra pelo poder, perpetrada por esses fanáticos defensores tanto do regime atual quanto dos anteriores, defensores de tudo que é não só velho e ultrapassado, mas podre e doentio, os mesmos regimes sempre dispostos a vender o povo e fazer do Brasil uma armadilha de caranguejos.

Novos movimentos e organizações não-governamentais não devem cometer o erro cometido até agora da chamada sociedade civil organizada e movimentos sociais que se mantiveram ora completamente a parte do poder político, ora completamente submissos aos governos e corporações. Devem continuar a se colocar como organizações não-governamentais, mas não apolíticas nem burocráticas. Os novos movimentos e sociedades livres devem ser organizações políticas independentes dos governos e empresas e, se necessário for,

contra a legalidade se ela for ou continuar sendo criminosa. Ou não? Quem num Estado Criminoso é o verdadeiro bandido: quem faz o que os chefes mandam, ou quem se recusa a obedecê-los?

A lei contra o direito natural e humano é nula. E o estado que não reforma sua constituição criminosa ou omissa, é passível de revolução, sempre em legítima defesa da paz, mas revolução. Nenhum estado é legitimo só porque detém a supremacia da violência em um território ocupado, é legitimo porque é o estado de paz contra todo projeto supremacista e monopolista de violência e poder, sobretudo contra aqueles que são intestinos aos próprios poderes e governo.

Assim como o estado, também nenhuma revolução é legitima se não puder por fim aos crimes estatais ou comuns. E isto quer dizer por fim a prerrogativa de violência e criminalização da legitima defesa justamente não iniciando nenhuma agressão. Porque no final das contas só estaria trocando o regime e não o sistema de poder baseado na violência. Nenhuma reforma que não ponha um fim no estado de domínio violento do homem pelo homem é capaz de se legitimar ou sequer abolir os crimes de Estado contra a humanidade.

Se toda agressão não for criminalizada, e toda legítima defesa descriminalizada; se todos (incluso o Estado) não responderem igualmente pelo uso da violência; se não formos iguais em autoridade e liberdade; sem abolição da imposição de poder supremo e o reequilíbrio das forças entre as pessoas naturais; sem o fim da discriminação dos direitos naturais, e segregação do bem comum; sem autoridades iguais sobre os bens naturais e garantia de liberdades fundamentais como direito as necessidades vitais; sem e a participação igual nas propriedades comuns conforme o rendimento; e, sobretudo

sem a proteção mútua das fontes naturais de toda vida: não há reforma, não há estado, não há revolução, há apenas a continuação do mesmo crime contra liberdade e igualdades fundamentais, o crime do estado belicoso e burocrático contra o direito natural dos movimentos de paz e sociedades livres. O crime contra todo direito à vida e livre comunhão para imposição de ordens e corporações estatais e privadas.

Que o poder do passado caia de vez, e o país do Futuro tenha espaço para vir enfim. Seja por uma reforma constitucional revolucionária, seja por uma revolução popular de paz, que nunca mais caia na armadilha da alienação da autopreservação; ou pior, da renuncia a sua legitima defesa. Reformas ou revoluções legítimas não se arrogam qualquer prerrogativa para iniciar uma agressão só porque existem pessoas, corporações e estados que se imputam tal poder supremo. Crimes não justificam crimes. Reformas ou revoluções legítimas são as demandas justamente do contrário: que ninguém tenha o direito à violência, logo que toda e qualquer pessoa, sozinha ou em sociedade tenha o direito de defender a si ou as demais contra a ameaça ou deflagração da violência seja a eventual seja a sistematizada, seja contra bandidos seja contra justiceiros – chamem-se eles revolucionários, chamem-se eles autoridades de estado.

A revolução não é o conflito nem a derrubada do velho, mas a concepção e defesa do novo contra a intolerância violenta dos velhos. Sem violência nem mobilização de massas inocentes para serem sacrificados aos pés de forças armadas dispostas a atirar. Até porque as forças armadas, policiais, tribunais, juízes e todos os serviços e servidores públicos civis e militares não são o problema, eles não são nem mais nem menos alienados a egrégora do poder que toda a população; eles não servem a

tiranos e usurpadores, eles fazem parte da base da pirâmide e servem o que acreditam ser o bem da população.

Entenda: as pessoas que não se importam com nada, nem ninguém, nunca ficam na base do sistema, elas não tem limitações morais e sobem rapidamente ao topo. E assim como é raríssimo quem, no topo da pirâmide seja inocente, a base não é feita de gente bem resolvida com a prática do mal, com certeza tem muita gente ruim, mas em sua grande maioria, pessoas levadas a crer que fazem ou seguem o bem. Acabe-se com o estelionato estatal, finde-se o mito e a farsa, e ninguém além dos psicopatas (bandidos ou policiais) vão atacar quem não oferece perigo.

Felizmente as pessoas não nascem ainda em chocadeiras, elas tem pais, mães, filhos, famílias, amigos, comunidades. A lealdade e a solidariedade dos que estão a serviço do poder, mas não são psicopatas, reside (ainda que esmagada pelas mesmas pressões que todo a sociedade), nos mesmos sentimentos e sentidos naturais da vida, que não estão lá em cima, mas do lado dele dia-a-dia na própria sociedade onde ele no final das contas vive.

Roma nunca caiu com armas. Impérios se desfazem diante da fé dos povos, e se sua fé é na liberdade preocupe-se em manifesta-la como razão e não como força de fato ou manipulação. Não se joga inocentes contra fanáticos, nem se ataca fanáticos para libertá-los do transe. Mate o culto, mate a besta e o joio será separado do trigo, derrube a legitimidade da ordem do poder e quem executa ordens, seja porque é ou se sente obrigado, quem faz o que faz não porque gosta ou quer, mas porque precisa ou acha que tem se não se rebelar, ao menos continuará fazendo tudo exatamente como foi treinado:

não tomando decisão nenhuma sem receber antes uma ordem ou comando válido.

Não adianta querer jogar toda a responsabilidade sobre as bases armadas. O problema não são forças armadas, ou só as ordens hierárquicas, mas a hierarquia que todos nós obedecemos. Não só pode haver forças armadas e policiais, mas tantas sobre a terra ou sobre um mesmo território quanto forem as diferentes comunidades e sociedades a se proteger; tantas quantas forem os governos de paz no mundo. Tudo o que é preciso é assim como seus governos nenhuma tenha a prerrogativa de iniciar uma agressão ou vigiar ninguém a não os seus. E a força que intencionar descumprir este acordo que enfrente não mais uma sociedade de cordeiros desarmados, mas sociedades de paz prontas para defender a paz, mútua e reciprocamente contra qualquer projeto de poder ou potencia violenta.

Reforma ou revolução, que não queira se perverter em mero discurso de liberdade e, portanto farsante projeto de poder, que não queira ser esmagado pela contrarreforma e a traição dos falsos libertadores, não pode recorrer aos meios que pretende abolir. Isto até mesmo os governos mais burlescos e os projetos mais golpistas sabem, não adiante nada vencer batalhas e perder a guerra, vencer para não levar. Até a mentira e a propaganda precisam do mínimo de verossimilhança, do mínimo de coerência entre a prática e discurso, para não se virar contra o mentiroso. A completa perda da relação entre a realidade e o discurso leva (como se vê no Brasil) a perda do controle da massa de alienados e dos conformados e ao esvaziamento ridículo entre o que se chama poder e o poder de fato.

Seja dentro dos meios políticos e econômicos, seja excluídos deles, nenhum movimento ou organização que se diga libertária ou revolucionária pode propor menos do que o fim da prerrogativa de violência estatal e a escravatura forçada por privação dos meios vitais disfarçada de direitos trabalhistas. Ninguém que proponha menos do que o fim dos crimes estatizados e legalizados merece o apoio voluntário de nenhuma pessoa que não queira ser cúmplice. Os novos movimentos libertários devem se organizar politicamente, até mesmo como partidos políticos desde que estes sejam disrruptivos da ordem representativa e contestadores da própria constituição violenta e criminosa do status quo; desde que não recriminem, mas apoiem os movimentos dispostos a defender legitimamente a autopreservação e autodeterminação das suas vidas e uma nova constituição.

O ato criminoso ou omisso, dito legal ou ilegal, não derrubado nem impedido pelos representantes da justiça, não demanda menos que a justiça seja retomada por seus titulares, por seus verdadeiros soberanos: as pessoas de paz e voluntariamente dispostas a defender legitimamente seu estado de paz. E nem governantes com seus cúmplices e comparsas, ou oposições golpistas e reacionárias, ninguém predisposto à agressão ou privação do povo poderá manter ou impor seu status quo. O governo que não garante o mínimo vital nem protege os meios vitais incondicionalmente não é só ilegítimo, é criminoso. E a justiça que se omite quanto a esse crime se não é cúmplice é omissa e, portanto ilegítima por falta de responsabilidade. E qualquer pessoas de paz que reclame os direitos de autopreservação ou se levante para defender solidariamente quem privado esteja dos seus direitos naturais não só age com justiça e legitimidade. Chame-se ou chamem-no do que quiser, esta pessoa que decidiu cumprir com suas responsabilidades

sociais como o deve ser voluntariamente que é a constituinte do verdadeiro estado de direito.

.

Onde a lei perverte a moral, e a moral a vida e liberdade, o direito natural que legitima a defesa da vida e liberdade deve ser restituído como estado; e se a reforma constituinte do estado não restituir o direito natural que a revolução constitua o estado de direitos naturais. Não são, portanto as pessoas de paz que devem ser recriminados nem perseguidas pela lei e a ordem, mas a ordem que deve imediatamente legislar com correção pelo direito natural à vida e a liberdade. Se a lei e moral ignoram o necessário, elas não são falhas. Se a lei e a moral mandam o impraticável, elas são nulas. Se a lei a moral mandam o que deveria ser imoral e ilegal elas são corruptas, e devem ser desobedecidas. Porém se a lei e a moral mandam o desumano e o antinatural elas são perversas e devem ser não só derrubadas, mas reconstituídas em harmonia com a ordem livre e natural: das necessidades vitais das pessoas e da natureza.

Os movimentos devem tanto estar prontos para atuar tanto dentro do sistema político e econômico quanto fora dele, sem recorrer aos seus meios violentos e coercitivos- em outras palavras sem se constituir em poderes paralelos ou proto-estatais. Seja atuando em instituições disrruptivas dentro da própria ordem legal, ou fora da prescrição do que é ilegal, dentro ou fora do status quo, mas sempre além do seu dogma: não devem se pautar jamais pela legitimidade da violência ou criminalização da legitima defesa, e sim pelo direito natural e o contrato social voluntário, dispondo-se a proteger as pessoas de paz contra todo ato de violência, sem jamais deflagrá-la.

A reforma que precisamos deve estar pronta para executar constitucionalmente a revolução que já ocorre fora dos centros de poder e palácios não só no Brasil, no mundo que não só se globaliza, mas colateralmente se cosmopolitiza. Que o Brasil seja mesmo então o país do futuro, libertário, o estado de legitima defesa da sua sociedade contra todo poder tirano prepotente e monopolista da violência, internacional, mas antes de tudo nacional. Que seja não apenas uma cultura cosmopolita, mas a primeira terra da cosmopolitização.

Dizem que é impossível atuar honestamente, quanto mais revolucionariamente dentro do mundo político ou financeiro. Se for, então o que restará aos excluídos da participação politica e econômica direta e necessária no bem comum senão os outros meios necessários a autopreservação? Aos destituídos dos direitos fundamentais, aos privados de qualquer possibilidade de manifestar sua livre vontade, pensamento e valores, o caminho depois dos protestos, revoltas, depois da contrarreação conservadora é a revolução, que não é violenta nem uma marcha de cordeiros suicidas, mas o levante da objeção da consciência, da fé na liberdade e do direito inalienável de não só se defender contra a agressão, mas de não aceita-la nem financiá-la. O irreconhecimento de fato de que este espetáculo do poder definitivamente não nos representa.

Seja um ladrão de goiabas, seja um governante, não se atira contra ninguém só porque tenha se detenha o poder legal ou ilegal. Só contra quem não vai parar de agredir se não for impedido que o confrontamento é legítimo. Não há segredo, as pessoas dispostas a violência devem ser sempre que possíveis rendidas. Violência encerrada, violentos rendidos, ninguém pode ser agredido nem executado, nem antes nem depois de qualquer julgamento. Em verdade ninguém tem sequer o

direito de privar o outro de sua liberdade sem que ele seja uma ameaça, nem tentar libertar quem se dispõe a deflagrar a violência. Danos se reparam com restituição ou compensação, mais do que isso é vingança e punição, violência disfarçada de justiça.

A legítima defesa não dá direito a ninguém de iniciar uma agressão, mas tão somente de por fim a sua ameaça ou deflagração com todos os meios disponíveis e a força necessária. E o uso da violência para preservar ou restituir bens particulares ou comuns é ainda mais ilegítimo. Ninguém tem o direito de matar o latifundiário nem os ladrões de goiabas. Quem tem fome não tem direito de expropriar propriedades nem o produto do trabalho, nem muito menos quem detém propriedades tem o direito de expropriar o trabalho porque o outro não tem o suficiente para se sustentar.

Ninguém tem o direito de impor nada, nem mesmo suas necessidades ao outro pela força, quanto mais propriedades impostas ou expropriações. Ninguém tem o direito de roubar o que é do outro porque ele não tem como se sustentar, assim como ninguém tem o direito de impedir alguém de saciar suas necessidades vitais com aquilo que é natural. Ninguém pode tomar como posse privada ou estatal o que não é exclusivamente de ninguém quanto mais de todo mundo, ninguém pode se apropriar dos meios vitais cujo usufruto pertence não só a toda pessoa mas a todo ser vivo conforme suas necessidades vitais.

A apropriação ordenada e pacífica, tanto privada ou comum de um bem natural, só se legitima quando não se priva nem destrói o acesso aos meios vitais de ninguém, ou o que é a mesma coisa, garante-se que todos tenham participação no rendimento das propriedades comum e da parte natural de

toda propriedade privada que não pode ser destruída, mas preservada como condição para a legitimidade desta posse. Em outras palavras, toda propriedade, seja particular ou comum, só é legítima quando não prejudica a necessidade vital de ninguém, nem destrói a natureza e meios vitais necessários não só a todos, mas a toda vida.

A lei que vai contra esse direito natural não é lei é crime contra a natureza e a humanidade. Todo ser vivo tem o direito ao acesso aos meios vitais que são por natureza comuns. E toda sociedade para possuir legitimamente qualquer pedaço de terra onde habite um único ser vivo ou pessoa, não só não pode privá-lo dos seus meios vitais, como deve prover os meios necessários à vida daqueles a sua apropriação faz-se responsável. Quem não é capaz de prover o mínimo vital sobre os dependentes deve abrir mão da responsabilidade, e quem não tem a autorização dos outros emancipados para assumir esta responsabilidade não tem de fato direito de toma-la para si, quanto mais impedir criminosamente que eles busquem pacifica e associadamente garantir sua autopreservação.

Nenhum roubo se legitima por causa da supremacia ou monopólio de coisa alguma, quanto mais da natureza pela violência. O roubo nunca se justifica nem pela ganância, nem sequer pela fome. O faminto que rouba de quem não detém o que é seu não deixa de ser um ladrão, e não é nenhum Robinhood quem rouba dos ricos para dar aos pobres. Não importa o que a falsa lei e moral dos hipócritas e poderosos diga: o faminto que sacia sua fome com o fruto da terra, ou quem redistribui pacificamente o que pertence ao ser vivo porque ele quer viver jamais será o criminoso, mas o justo e libertador. Há coisas sagradas que nenhum poder total jamais terá poder para afirmar nem contrariar, senão como parasita

ou perversor de tudo que a vida a liberdade e a criatividade inventam e adventam.

Há ordens e direitos sagrados que antes do homem sequer conceber o que era a ordem o direito e o poder já existiam e continuaram a existir como são depois deles: Livres e Naturais. Sim, o sagrado existe e ele é natural, libertário e harmônico. Chame-o de deus ou não, o princípio criador, a ordem natural que sustenta toda existência e coexistência é um fenômeno não só material, mas formador de toda materialidade e seus valores, é material, transcendental, pacífico e volitivo. Sim, a Liberdade não é só uma ideia, é força criadora, fenômeno que compreende a todos mesmo os que não creem ou lutam contra ele. E se você quer chamar o principio criador de deus, não o represente como ídolo de poder ou senhor de escravos e alienados, mas o entenda como é: Liber do Conhecimento e Consciência: Liberdade. Porque se a ideia de deus tem algum significado que possa ser traduzido em palavras, que possa ser inteligido pela consciência esse sentido de toda vida, criação e criatividade está a Liberdade.

Não tenha medo de reconhecer seus princípios, não tenha medo de trazer para o plano da consciência e racionalidade os seus mais profundos sentimentos e sentido para vida. Não tenha medo de dar significado a sua existência, nem de fazer da sua razão de viver sua fé. Liberte-se da ignorância das preconcepções, liberte-se da ditadura da predeterminação, reassuma seu destino e vocação no mundo, religue-se a sua anima tome o tempo e lugar do mundo devido à sua geração, às suas próprias concepções. Ame a liberdade e você não precisará ir até o novo mundo, o novo mundo virá até você. Não tenha medo de fazer da liberdade sua fé politica, economia e até mesmo religiosa e epistemológica. Sim fé em todos os seus sentidos, como todo o nexo do pensamento livre

e não desintegrado por campos de saberes, fechado e encerrado pelas fronteiras imaginarias entre a fé e a razão. Liberte-se de todas as preconcepções, derrube as fronteiras do livre pensamento, retome a soberania sobre sua própria-concepção. Desaliene-se. Tenha coragem de tentar entender o incognoscível, e seu direito de autodeterminação e livre comunhão em paz serão a consequência natural do seu estado libertário de espírito.

Uma revolução é sempre legítima contra tiranias, um imperativo contra os poderes que insistem em permanecer pela força contra a sociedade quando já não representam o estado de paz. Mas repito: uma revolução desnecessariamente violenta é um golpe, não uma revolução. E isto significa que o sacrifício e a martirização só é ato de libertação, como gesto absolutamente pessoal e não movimento coletivos ou de massas. A marcha de coletivos inconscientes de inocentes para serem massacrados por covardes violentos é crime das suas lideranças contra essas pessoas.

Não. Nem armado, nem desarmado; Nem violento, nem não-violento. Não são os violentados que tem o dever moral de suportar eternamente sem reagir contra os violentadores. São os violentos que tem imediata e incondicionalmente o dever de parar com a violência e suas prerrogativas. A revolução não virá apenas pelas palavras e exemplos de paz e liberdade, mas pela disposição de defender legitima toda vida contra a violência dos que querem calar e massacrar tudo que vive livre e em paz. Não se pode buscar o confronto, nem se fugir para sempre dele, mas se pode e deve resistir como se puder contra ele. Ou se diz não e se abre a resistência contra os monopólios a violência ou desaparecemos brutal e lentamente como todos os povos e etnias e espécies pacificas que um dia se entregaram ou confiaram nos líderes e conquistadores.

O inimigo não se converte, o inimigo não se destrói, nem sequer pode ser disperso cortando a cabeça do monstro. A mania do poder só se cura quebrando sua anima, rompendo a inconsciência coletiva pela manifestação pessoal da consciência. A transformação do outro só deve e só pode ser feita com justiça por ele mesmo. Porque com justiça não se pode mudar o mundo a força, mas apenas transformá-lo vivendo nele. E cada livre manifestação desta simples concepção como uma forma de vida já é a morte para a egrégora do absoluto. O despertar de uma próprio-concepção não é só a libertação de uma consciência, mas a quebra da barreira entre a pessoa e sua força criativa e criadora, a abertura de um porta capaz de revelar não só outros estados possíveis, mas a ligação de cada pessoa com nosso estado natural, com seu próprio espaço-tempo.

A revolução não é um projeto de poder é ato de independência e libertação. Revolução são movimentos que materializam a evolução como novos tempos e espaços. É a libertação da ditadura do tempo pela abolição da privação dos espaços naturais na terra. O movimento de libertação do tempo pela pacificação da terra. E o fator determinante para saber quem tem a legitimidade sobre a paz de um estado ou movimento é exatamente o mesmo de qualquer ocupação da terra ou territórios, a apropriação pacífica do espaço e a relatividade do tempo. Porque quem tem seu próprio espaço pode autodeterminar a diversidade do uso do tempo como pessoa livre e não ser o escravo da terra e calendário alheio. Aquele que carece da violência seja para tomar ou manter terras ou territórios contra pessoas e movimentos de paz, que necessita da violência e ameaça jurídica para impor prazos e calendários não é a autoridade legítima, mas o usurpador não só dos espaços naturais, mas dos tempos livres.

A revolução não é a imposição de mudança à força contra quem não quer mudar, mas o movimento de paz e proteção das pessoas de paz contra qualquer prerrogativa de violência contra movimentos livres e pacíficos. A revolução em verdade é um movimento de legitima defesa da vida e liberdade um movimento de defesa de direitos naturais contra a desnaturação e artificialismo estatal e privado. A presunção de violência de golpistas ou de corrupção da política não justifica nem a apatia, nem a rejeição prévia, nem de um, nem outro caminho, nem da política nem da revolução desde que livre dos violentos e autoritários, livre dos partidários da supremacia da violência ou das autoridades.

Reformas podem ser legitimas se revolucionárias, revoluções podem ser legítimas se em defesa da liberdade em paz. Todo sistema por mais forte que seja é vulnerável aos programas que não rodam com os mesmos valores predeterminados. Posto como variável o que é tomado como constante, como tomada de decisão o que é dado, o programa rodando dentro do sistema responde como contradição ao sistema. Em outras palavras as instituições do sistema podem, portanto se constituir como vírus dentro do sistema. Até mesmo um partido político poderia constituir a mudança do sistema se já se estruturasse de fato internamente como um novo sistema de organização e tomada de decisões, se seus princípios de organização não fossem dirigidos para a tomada do poder e sim para a realização de um programa de redistribuição das desigualdades de poder.

Partidos políticos dentro da democracia representativa se corrompem porque eles são constituídos dentro da lógica do sistema e não são programados para abolir a representação do poder e emancipar pessoas, mas para tomá-la ou o que a mesma coisa, submeter as pessoas a seus interesse partidários

a força. Todo partido antigo é uma igrejinha, um mini estado, um projeto autoritário de governo. Se os partidos de diferentes espectros da sociedade, definissem como seus princípios constituintes que as suas decisões fossem tomadas pelo caminho inverso: não de cima para baixo, mas debaixo para cima e dessem proporcionalidade a vontade aferida de seus membros constituintes, seriam veículos da democracia direta dentro do próprio sistema de democracia representativa e não mais, a massa de manobra de lideres e lideranças. Veículos imperfeitos, mas não pervertidos. Talvez não seriam sequer mais partidos, mas seriam de fato organizações políticas legítimas.

Um partido não deve ser mais uma instituição de representação, mas um veículo permanente de reunião e tomada de decisão e comunicação pública; a assembleia direta e constante onde se propõe o que está em decisão e se toma partido de uma causa de interesse comum. O surgimento de novos partidos, ou melhor, de novas formas de manifestação direta da diversidade política e das vontades difusas de governabilidade são uma necessidade via reforma ou revolução, mas não mais para disputar quem tem a maioria para impor sua vontade e decisões contra os demais, mas para participar da negociação do que deve ou não ser feito sobre tudo que é comum. Partidos não deverão mais representar classes tentando governar um território por um período predeterminado, cada partido deve governar somente sobre seus eleitores e no que for propriedade exclusiva deles. O que é de interesse e bem comum o partido deve se colocar apenas como instancia de mediação tanto da tomada de decisão dos seus eleitores quanto de elaboração das demandas perante os demais.

Em outras palavras, a questão legitima não é mais quem governa o território ou por quanto tempo, mas quem representa a quem, ou melhor, quem serve a quem, para quê e por quanto tempo, e o mais importante com que facilidade se pode **a qualquer tempo, sem sair do lugar** trocar de partido político e serviço público pelo concorrente livremente. Neste sistema, como ninguém poderia impor nada a força contra ninguém, seriam sempre os interessados que deveriam arcar com orçamento das suas obras serviços e gestores. Aos políticos contratados por uma associação de cidadãos[3], caberia tanto mediar o maior consenso sem dissidências entre os partidários de uma mesma causa, ajudando a escolher critérios e prioridades, quanto defender junto a toda a população contribuições voluntárias ou pelo menos a não desaprovação à realização das benfeitorias.

Como ninguém é obrigado a contribuir, ninguém é obrigado a prestar o serviço, porém como ninguém tem o monopólio sobre nada, qualquer um que não esteja satisfeito pode constituir e destituir seus serviços social e seus gestores tanto quanto os políticos que advogariam publicamente por seus interesses dentro dos mesmos princípios[4]. Políticos seriam assim mais advogados de pessoas e suas causas comuns, especialistas na arte da constituição de acordos e consensos; responsáveis pela negociação, mediação e arbitragem dos acordos e contratos entre pessoas com interesses comuns e difusos. Uma profissão de servidores em permanente

[3] Qualquer cidadão sozinho diretamente por conta própria, tem esse direito.

[4] Note-se a importância fundamental da renda básica e da liberdade plena de associação para que o sistema libertário de democracia econômica não decai naquilo que é hoje uma ditadura de quem financia a política e os políticos.

concorrência e avaliação pela sociedade como qualquer outra e não uma casta de atravessadores e intermediários e usurpadores.

A alteração da constituição de um país não é apenas uma possibilidade que deva estar legitimamente reconhecida pelo contrato social de um povo, é uma necessidade diante da mudança cultural e geracional de um povo. Muitas pessoas acreditam que podem mudar a cultura mudando as leis, mas isso é impossível. O que aconteceria, por exemplo, com governante que quisesse impor o canibalismo por decreto? Aconteceria o mesmo que a todo tirano que impor ou manter o mal e o perverso como necessário, o levante popular e o fim do estado de papel. E quem acha que as coisas não mudam assim fácil, ha uma geração atrás era bonito usar um bicho morto no pescoço. Em outras palavras, como bem observou Saint-Exupéry: quem governa com violência contra a natureza é um tirano, e o que governa de acordo com ela é ridiculamente desnecessário.

Elimine os atravessadores, garanta os direitos naturais e não só a natureza se restabelecerá como o que é criativo e tecnológico não se perderá. Muito pelo contrário se disseminará com maior liberdade, sendo inclusive sua produção diretamente bancada por quem tem interesse pelo produto e não pelo lucro. A população não mais desintegrada e reduzida a mero cliente, uma hora eleitor, outra consumidor, portador de fato do poder de decisão como capital básico, poderá financiar a produção dos bens que verdadeiramente lhe interessa (a começar pelos comuns)- e não só se associando emprestando ou investindo seu capital natural, mas com o produto do seu trabalho desalienado. Ou você acredita mesmo nesta balela que capital é como coelho e se reproduz sozinho?

Aquilo que é grande demais, nunca é grande demais para quebrar é sim grande demais para se sustentar, e vai nos destruir. Se continuarmos a servir e alimentar as corporações estatais e privadas contra as formas contra-violentas e contra-privadoras de organização natural humana seremos devorados pelos monstros, máquinas, engrenagens e mitos que nos mesmos inventamos. Ou evoluímos para formas mais livres e elaboradas de sociedade e governabilidade, ou tanto a queda das democracias representativas quanto a permanência burra e cega dentro delas permitirá o avanço das forças reacionárias e fanáticas nacionalistas e religiosas, o retrocesso aos estados de dominação mais brutos, primitivos e ignorantes que os ditados pelos atuais ditadores das nossas formas de governo.

O velho sistema dos Governos democráticos representativos não se sustentam com a nova era das telecomunicações descentralizadas. A economia não engendra o fim dos sistemas econômicos, mas antes o fim dos sistemas políticos como entrave a verdadeira economia, a livre, e por isso mesmo social. As falsas representações políticas são sempre menos competitivas que as forças socioeconômicas livres e solidárias, e não podem fazer frente a livre associação e competição de defesa da paz e produção uma vez desenvolvidas. É por isso que uma vez renascido o espirito libertador, eles não podem deixar que a nova concepção e geração cresça para competir com chances iguais contra eles. Essas corporações que carecem do subsidio do monopólio da violência, se deixar não só desaparecerão com as novas formas livres e diversas de vida na face da terra, mas acabarão como a própria terra.

O povo só se modifica quando uma nova geração e concepção nasce. E para o terror do *status quo* as pessoas naturalmente ainda se amam e nascem. Entretanto, assim como ela só surge como uma nova geração, ela se destrói sempre da mesma

forma: matando a nova geração no berço, antes que cresça e se emancipe. Se a escola e o trabalho não puderem converter em velhos os jovens antes que eles cresçam e se tornem independentes, não tenha dúvidas: quem detém o poder não pensará duas vezes antes de entregar seus próprios filhos e o dos outros à morte. Para isso servem guerras mundiais, Vietnãs, ditaduras latino-americanas, e não se esqueça, sobretudo a eterna guerra civil velada do Brasil que mata mais que muitas guerras do mundo juntas- nosso holocausto da violência urbana e privação agrária.

Os estados de poder não são apenas genocidas são infanticidas. Estão em guerra perpetua contra o novo e as novas gerações. O poder serve para isso, matar o futuro, corromper o novo como velho, preservar a perversa ordem necrófila dos corpos e corporações mumificadas e piramidais que sem suas culturas, ritos e ordens antinaturais, pela lei da criação e o direito natural simplesmente virariam pó, decairiam por obsolência.

As revoluções não são absolutamente legitimas, são necessárias para quem não quer viver sob a ditadura de fanáticos e idolatras. No mundo pós-governamental não há mais espaços não só para estados, não há espaço para corporações, o que deve cair para dar lugar ao novo não é a ditadura do poder representativo, mas a ditadura das representações de poder, as “pessoas jurídicas” as representações corporativas antinaturais contra as sociedades livres e auto-organizadas de pessoas naturais. O fim da expropriação do direito a vida e autodeterminação das novas formas de vida pela absurda apropriação de tudo o que há na terra pela insustentável e involucionária justificativa da violência dos poderes supremacistas apenas porque eles simplesmente se dizem os mais fortes ou os primeiros.

Cada nova geração tem como qualquer expropriado o direito de demandar tempo livre e lugar no mundo. Ninguém tem o direito de exigir um lugar à mesa do outro para comer, mas ninguém pode pressupor que o mundo seja um banquete exclusivo seu só porque chegou primeiro. Nenhuma geração ou classe pode se decretar dona do mundo apenas porque chegou primeiro, nem em hipótese alguma porque tem mais armas ou falta de humanidade para usá-las contra seus irmãos ou filhos. Todo ser humano, simplesmente por ter nascido é naturalmente herdeiro do patrimônio humano e natural, e não pode ser privado nem excluído por nenhum todo poderoso senhor da terra ou da guerra, ou seus servos e adoradores.

É por isso que a natureza é mais do que justa, ela é inteligente: não há velho que viva eternamente. Com ou sem alma vendida, nenhuma geração, querendo ou não, vive eternamente; não há poder que não envelheça e morra para dar lugar ao novo. A sabedoria não está nem na velhice, nem na ilusão de juventude eterna, o saber está no ato e atualidade daquele que vive não apenas o agora sabendo que dará lugar ao novo, mas que faz questão de construir com toda a sua força de vontade o caminho livre para o novo. Livre-se das aparências, não se contente em envelhecer ou plastificar-se, não tenha medo do desconhecido, não tenha medo da chuva, porque como nossa língua, a chuva não chove, apenas chove.

As revoluções dos próximos séculos não serão de máquinas nem informação, mas a revolução de uma nova geração contra velha, da liberdade contra o poder, do conhecimento contra a ignorância. Da paz contra a violência. Da consciência contra o preconceito. Da ordem natural contra artificial. Das utopias contra as distopias, da força de livre vontade contra a Inércia. Do direito natural contra os monopólios da vida. Da próprio-concepção contra a predeterminação. A nova revolução será

ecológica e libertária, e mais importante ainda do que saber a linguagem das máquinas será falar a língua de todos os homens e espíritos. Saiba reconhecer os sujeitos e predicados do seu pensamento para reprogramar a si e ao sistema. Desconstrua sujeitos e predicados, faça-se verbo, faça-se luz e mova-se além do limite da informação, recodifique os novos caminhos para a liberdade para além dos lugares e tempos contabilizados. Construa os novos planos do espaço-tempo. Desculturalize-se. Comospolitize-se. Liberte-se.

Não se contente com menos: Governe-se.

REVOLUÇÃO ECOLIBERTÁRIA

1

Bem sabe quem vive fora da bolha: o Brasil não é caso de reforma, é caso de revolução. Não quero dizer violenta, nem jamais autoritária, mas necessariamente revolução.

Não prego nenhum levante armado, mas não há lei ou moral que possa demandar com justiça a renúncia a legítima defesa. Ninguém pode exigir que o violentado evite o confronto se não pode fugir da sua própria vida como sina, nem deixar de viver senão lutando pela subsistência. Ninguém consegue escapar do enfrentamento se sua vida foi reduzida a mera luta pela sobrevivência e a sua terra foi pervertida em campo de violação dos seus direitos fundamentais.

Não. Não se pode exigir que o violentado peça "por favor" para que seus violentadores parem de currá-lo, ou que o faminto espere o dia do julgamento para que se ponha um fim as suas privações. Com ou sem vereditos, simplesmente é nula qualquer proibição ou sentença contra a vida e liberdade; é simplesmente nulo todo juízo contra a autopreservação alheia.

Não há justiça sem proteção igual dos direitos naturais, e a estatização e privatização da natureza contra a pessoa natural, o estado de privação dos meios vitais e segregação dos direitos

fundamentais não é apenas ilegítimo, é criminoso. Não há lei ou tribunal capaz de legitimar nenhum monopólio, quanto mais o da violência sobre o bem comum. Nada é capaz de legitimar a obediência e trabalho forçado pela ameaça de privação da liberdade e necessidades básicas.

Nenhum poder supremo pode legitimar o roubo das propriedades naturais, particulares e comuns, nem descriminalizar a servidão dos expropriados pela grilagem legal e ilegal. Simplesmente, não há lei capaz de legalizar os crimes contra humanidade do Estado e suas corporações privadas, ou criminalizar a legítima defesa das pessoas e sociedades contra violação da sua vida, natureza e liberdade, seus direitos fundamentais.

As leis e decretos, títulos e concessões, contra o direito natural não tem outra validade senão de prova dos crimes cometidos por quem se esconde atrás destas personas jurídicas, estatais e privadas, e suas hierarquias. As constituições dos estados de supremacia da violência para monopólio dos meios vitais; o sistema de segregação dos bens comuns para a submissão dos expropriados; todo absurdo imposto como legal e real contra o direito natural e humano, é em verdade apenas a prova por escrito dos crimes de estado contra o povo e a humanidade; a prova do atentado contra a vida e liberdade de cada pessoa natural. É a prova do estado criminoso instaurado contra os habitantes dos territórios estatizados, forçados ao trabalho alienado pela privação dos meios vitais e expropriação sistemática das suas propriedades naturais particulares comuns por tributação.

Não se deixe enganar: se as pessoas não se levantam ou manifestam contra seus usurpadores não é por respeito ou consideração, mas por temor e até esperança. Ou como diz a

sabedoria popular: não se deve contrariar maníacos e fanáticos, principalmente se armados- não sem uma boa chance de rendê-los. Eu que nunca fui muito esperto, nem paciente, mesmo indefeso, prefiro me arriscar, e viver e falar o quê penso; até porque se for para ter minha vida e liberdade negadas, que este crime seja descarado e se acobertada que não com meu silêncio.

Não, não será com meu silêncio que os supremacistas fabricarão nenhum falso consentimento tácito para violentar a mim ou aos outros. Não tenho como impedi-los, mas terão que cometer seus crimes na qualidade do que são de fato: criminosos e não autoridades. Não, eu não dou nenhum consentimento a nenhuma forma de violência, quanto mais ao monopólio dela.

Não há conspirações; os hipócritas arrogantes, senhores da violência e da terra, governam o mundo a luz do dia, da lei e da ordem, posando de benfeitores e protetores dos outros contra a vontade alheia. E não mandam e desmandam porque os violentados não reagem e protestam, mas sim e simplesmente porque os violentados estão imobilizados e silenciados. Não, não é porque ninguém levanta armas contra os armados, nem se diz nada contra a violência que se pode supor que se concorde com o domínio das armas e da violência.

Estadistas e revolucionários autoritários estão ambos errados: quem não faz ou diz nada contra algo ou alguém não pode ser tomado nem julgado como omisso nem muito menos apoiador. Muito faz quem age e fala de acordo com seu livre pensamento, mas quem vive em paz fazendo o que pode, quando pode pela liberdade. Até porque para que todos vivam em paz não é necessário que sejamos revolucionários ou

libertários, só é preciso que as pessoas façam não imponham suas ideologias.

A consciência é algo tão natural quanto crescer e se tornar adulto; e nunca se sabe quando o emancipado demandará por sua independência. Mesmo a pessoa presa e acorrentada numa caverna com medo da luz pode a qualquer momento querer sair da bolha e experimentar o mundo lá fora. A verdadeira revolução não ignora o espaço-tempo para emancipação de cada pessoa, não passa por cima das consciências; a revolução é o movimento de libertação dos lugares e tempos para que as pessoas possam conceber a si mesmas e seu mundo em paz.

A legitimidade não é coercitiva porque o direito a liberdade não é constrição. E é tanto prepotência alheia supor que as pessoas não farão nada, quanto o oposto: que elas são obrigadas a fazer algo, seja resistir, seja revolucionar. Nada, nem ninguém pode negar o direito natural e legítimo de cada pessoa de se levantar e se defender contra seus violentadores ou contra seu estado de privação, nem jamais absurdamente condicionar este direito a obediência e este estado ou destituí-lo pela falta de desobediência civil. E isto quer dizer que, não só nenhuma pessoa pode ser forçada a fazer nada ou obrigada a deixar que façam algo contra sua vontade (seja em nome disto ou daquilo); mas quer dizer, que aquele que decide não reagir, jamais perde o direito de a qualquer momento se levantar e livrar da violência e privação, e se defender legitimamente contra seus protetores ou libertadores- chamem-se eles autoridades ou revolucionários.

A violência não é apenas agressão, é sobretudo a privação alienadora. E se impõe não apenas por ameaça, mas pela inversão de valores e imposição de preconceitos e predeterminações. Violenta é toda força que toma os meios

vitais e a liberdade para fazer deles a propriedade alheia e dos seres, coisas. Violenta é a força que impõe como realidade e legalidade a farsa da propriedade estatal e privada contra a natureza e as pessoas naturais. Violenta é a perversão realista e legalista dos direitos naturais em favor dos estados de segregação dos povos; e criminosa é esta impostura da liberdade tanto como a obrigação de impô-la contra os outros, quanto à pressuposição de renúncia em favor do poder.

Qualquer liberdade imposta é palavra vazia, é o discurso contra a prática e em verdade não liberdade, mas de fato poder. Qualquer pressuposição de consentimento por falta de manifestação contrária a um domínio violento não é apenas absurdo, é forçado e criminoso. As vítimas jamais poderiam ser julgadas pela sua falta de reação, nem os crimes legalizados pela intimidação das testemunhas e silenciamento dos inocentes. Não, a falta das condições mais básicas para resistir, levantar, ou até mesmo protestar, não pode ser tomada como consentimento tácito. Pelo contrário, é perverso e hediondo atribuir ao violentado consentimento sob ameaça de violência e privação dos seus direitos mais básicos.

Não, no poder ou no estupro, quem cala não consente. Supor que o silêncio do povo é seu consentimento tácito ao Estado é o mesmo que afirmar que o estupro de quem não reage não é crime porque "quem não grita, não reage consente". Não, o poder é ainda pior, porque nem todo estuprador detém a força legal para criminalizar a própria reação da vítima e fazer dos seus crimes lei e justiça. Não é por acaso que de todos os crimes de Estado contra povos, classes, gêneros e gerações, é contra os direitos naturais da mulher que o caráter violentador e perverso do pátrio-poder fica mais explícito. E se você está ofendido com a comparação ou acha ela indevida, é talvez porque seja mesmo... nem todos violentadores somados ao

longo da história violaram e estupraram e mataram tanto quanto os homens a serviço dos Estados e seus deuses.

É absurdo, mas o poder supremacista não apenas exige obediência incondicional dos submetidos ao seu estado de violência, como intimida e imobiliza legalmente vítimas e testemunhas, criminalizando toda tentativa de denúncia ou defesa contra seus crimes! E o mais revoltante de tudo isto, é que como todo violentador convicto, a autoridade, não apenas viola descaradamente, mas alega que o quê faz não só é absolutamente necessário como é o melhor para todos, inclusive para a vítima! A essa perversidade de dizer que ela merecia ou mesmo "estava pedindo" calada por tudo o que se faz contra a vontade dela dá-se o nome de "consentimento tácito".

No sistema de legalização da violência pela supremacia da violência, o culto ao poder se racionaliza pela lógica do absurdo: o violentado não tem direito de resistir contra uma autoridade entitulada porque deu calado seu consentimento para que ela agisse não só em seu nome, mas contra ele e sua vontade. E não adianta dizer nada, porque nenhum outro entendimento conta; o único entendimento que vale é da autoridade. Simplesmente, não adianta se manifestar contra a autoridade, ela não é apenas ignorante, ou se faz de; ela faz da ignorância o seu dogma tanto no agir sem pensar quanto no pressupor sem ouvir. Não adianta gritar nem com eles, nem muito menos para eles: Toda autoridade ouve e pode ouvir muito bem, até o que não deveria, mas só escuta e responde quando quer.

O consentimento tácito é uma farsa. Uma falsa pressuposição. E não é feito só do silêncio de todas as vítimas inocentes ou das testemunhas caladas pelo estado de violência, mas antes da

pressuposição de que a voz dos violentados não tem valor perante a dos violentadores devidamente legitimados pelos títulos de posse, autoridade e poder. O poder é a prepotência da preconceituação, e se institucionaliza como segregação pela discriminação dos próprios supremacistas como donos do mundo não apenas como ele é dado naturalmente, mas como eles o querem que sejam artificial e distopicamente.

Em outras palavras, para eles, somos todos iguais... menos eles; ou mais precisamente, somos todos a mesma coisa... exceto eles. De fato, somos todos iguais, mas não em autoridade sobre o bem comum, não em liberdades fundamentais, mas sim em submissão a estes supremacistas, que se arrogam a autoridade para predeterminar quem não são os sujeitos e quem são seus meros objetos. Contudo, será justamente pela solidariedade entre os descriminados em liberdade e segregados em autoridade; pela solidariedade entre os iguais em privações que virá a revolução restauradora da dignidade dos direitos naturais, não só da liberdade fundamental como usufruto dos meios vitais, mas de como igualdade de autoridade sobre o bem comum.

A origem do poder é a discriminação dos seres humanos e a segregação dos direitos naturais. Os estados são apartheid de povos, classes, gêneros e gerações; a segregação dos bens comuns e usufruto dos meios vitais, a subtração das liberdades fundamentais para institucionalização da desigualdade de poderes e autoridades. A privação dos meios de vida para imposição de obrigações sobre os destituídos de direitos naturais. O poder não é só a violência da repressão, mas antes e depois a prepotência que impõe pela privação, geração após geração, quem são os sujeitos que controlarão o mundo natural e quem serão as pessoas reduzidas a coisas e

engrenagens deste mundo-máquina desnaturado como corpo artificial, privado e estatal.

O consentimento tácito não é, portanto a ditadura da opinião da maioria (ou minoria) a revelia da vontade manifesta de cada indivíduo; não é apenas a pressuposição de validade da imposição de uma opinião amalgamada contra o livre entendimento entre todos; é rigorosamente a imposição de uma vontade coletiva fictícia pela negação das condições fundamentais a liberdade de manifestação de cada um. É a ditadura da preconcepção absoluta como vontade única do todo contra a vontade e o consenso de cada pessoa em particular. A imposição a força de uma falsa vontade coletiva pela negação da plena liberdade de expressão e livre associação as pessoas naturais. A intimidação da livre comunhão de paz, consciente e solidária, pela imposição violenta da preconcepção ignorante de um estado totalitário de inconsciência coletiva.

O consentimento tácito é assim, tanto o produto do silenciamento dos povos e pessoas através da violação da liberdade por censura e imobilização, quanto da falsificação da legitimidade pelo mito totalitário da vontade coletiva- imposta não por acaso por ídolos e signos autoritários de poder. O mito da vontade coletiva, do todo contra a vontade de cada um. Este delírio cultural de idolatria ao poder e culto ao absoluto constituinte dos leviatãs é mais do que uma mera condição mental de conformação, é uma condição ambiental e psicologia de alienação arquitetada e forçada por trauma violento das necessidades naturais.

Não existe servidão voluntária; nem como fenômeno nem como condição. A vontade da pessoa contra sua pessoa natural não é senão, a perversão da institucionalização do

comportamento condicionado não apenas contra a manifestação da sua própria livre vontade e vocação, mas contra as condições materiais e emocionais para o desenvolvimento humano e natural. Mais do que alienação, a "servidão voluntária" é possessão, rigorosamente o comportamento condicionado contra a vida e a natureza do próprio possuído.

Entretanto há que se admitir: quando o violentado passa a crer neste tipo de mito de dominação de que "quem curra e é currado, o faz para seu próprio bem e o dos outros"; quando passa histericamente a renegar a paz e a vocação dos outros para satisfazer os desejos de posse e poder alheios; ele deixa de ser apenas um fanático alienado para se tornar idólatra possesso. Ao dar corpo ao mito, o idólatra não gera nenhuma "vontade coletiva", mas definitivamente alimenta com sua própria anima o mais demente e perverso de todos fenômenos geradores de guerras e discórdias entre os povos e pessoas: a egrégora dos violentadores e violentados, não só mais submissos e conformados, mas absolutamente obedientes e crentes de que todo o mal é "necessário" para seu "bem maior"- e não importa contra a vida de quem esse mal se volte, mesmo que seja a sua.

Não, mas nem matando; a desinteligência que subtrai a livre consciência e constitui o comportamento condicionado de manada dos coletivos alienados não justifica nenhum estado de poder ou movimento para sua tomada. Nenhuma cultura, culto idólatra ou ideologia pode se impor como ordem ou estado contra a livre vontade de ninguém, quanto mais se arrogar como a própria realidade ou legalidade prepotente e absoluta. Essa simples ameaça totalitária inerente a toda cultura supremacista e monopólio do poder, esse simples movimento para deflagrar tal violência contra o direito natural de qualquer

ser humano não apenas permite a legítima defesa, gera a demanda pela proteção e defesa mútua.

Se esses movimentos de defesa ou libertação serão chamados de golpes ou revoluções, não é o discurso dos seus teóricos ou a desinformação e contrainformação da propaganda alheia que irão des ou qualificá-los, mas sim a congruência do seu discurso com sua prática. Princípios, objetivos, boas intenções e promessas não legitimam nada, são os atos que determinam na prática a legitimidade dos meios, não só verificando quais são os verdadeiros princípios e objetivos, mas se a os discursos de fato são legítimos como prática. Fora do arcabouço das racionalizações do poder, os fins jamais justificam os meios; fora da caverna, são sim os meios que sempre determinam a coerência dos fins com os princípios.

A liberdade não precisa da imposição nem pressuposição de nada, nem mesmo da suposição de verdade ou aceitação do seu discurso. Pelo contrário, a liberdade é, por definição, o discurso que não só compreende a contraposição alheia ou sua futura contradição, como por coerência deve defender tal compreensão, deve defender a coexistência dos divergentes e opostos a validade de todo contraditório e contradição de qualquer discurso, inclusive o da própria a liberdade. O que determina a legitimidade não são os princípios ou fins, mas os meios postos em prática. A paz e a liberdade não se legitimam com discurso, mas somente em ato. Princípios, finalidades, discursos não justificam estados ou revolução, apenas os meios posto em práticas: somente os atos de legítima defesa da paz e liberdade justificam estados ou revoluções.

A liberdade é o discurso que só se pratica enquanto legítima defesa da paz contra os estados de violência, e nunca a pratica de imposições de discursos, como moral, legalidade ou pior

como monopólio da violência contra própria paz e liberdade de fato. Não é, portanto a revolução libertária, mas os golpes e estados reacionários que precisam da arrogância e prepotência das verdades tão fracas e antinaturais que precisam ser impostas a força. Não são os estados e revoluções pela liberdade mas os golpes e crimes contra ela que carecem de mitos de poderes supremos e vontades coletivas para impor a hipocrisia da sua lógica arbitrária e absurda da pax pela supremacia dos violentos. É o estado de poder e seus projetos de violência que precisam de "mal necessários", "bem superiores", desigualdade de forças e autoridades para justificar o injustificável, para racionalizar a expropriação de propriedades e liberdades fundamentais e impor seus ídolos todo poderosos, e culturas supremacistas.

A verdadeira liberdade não exige o monopólio de nada nem a censura de ninguém, mas pura e simplesmente o direito de coexistir em paz exercendo seu direito natural a autopreservação: protegendo mútua e voluntariamente a natureza para permitir a si mesmo e a todos em reciprocidade usufruir igualmente dos meios vitais; provendo-se de forma independente e universal nossas necessidades básicas. Tudo o mais que não falte como necessidade básica à vida e liberdade dos outros, tendo sido adquirido e mantido sem violência (sendo uma posse produtiva ou não) deve ser considerado pelas pessoas de paz como propriedade particular.

O problema não é a propriedade particular, mas justamente a falta dela e de todas propriedades naturais devidamente legitimadas e protegidas por estados de paz. O problema é a inexistência de propriedades legítimas, reconhecidas reciprocamente e protegidas mutuamente por pessoas iguais em liberdade fundamentais e autoridade sobre seu bem comum e natural. O problema não são as propriedades

particulares ou somente sua falta, mas a destituição das propriedades particulares e públicas que não sejam subsidiadas ou concedidas exatamente pelos usurpadores violentos, monopolizadores do bem comum.

As propriedades particulares existem naturalmente, e se sua posse é produtiva ou se a produção é maior do que se precisa isto não é determinante, o que importa ao estado de paz e sua legitimação social é que a posse, mesmo que improdutiva, não seja a privação dos meios vitais e imposição de necessidades artificiais aos demais, nem jamais a posse ou produção resulte em destruição da própria natureza ou dos meios vitais, e consequentemente morte de todos que necessitam deles. A poluição do meio ambiente, o envenenamento dos meios vitais são tão assassinos e violentos quanto a sua própria privação, e demanda a reação proporcional das pessoas para parar imediatamente com esta agressão não apenas à natureza, mas contra o seu direito de autopreservação.

O crime não está, portanto, na apropriação particular ou pública feita sem ameaça de agressão ou privação, está na violação dos direitos naturais de autopreservação de todos os discriminados e segregados; o crime não é do ser vivo que luta para viver, mas do estado que não só persegue quem tenta viver naturalmente em paz, mas legaliza seu sistema criminoso de perseguição das pessoas naturais como jurídico, legal e burocrático.

Não se deve tomar nada que não seja só seu, nem para usar nem muito menos para dar e depois cobrar obediência ou gratidão dos outros. Não se deve possuir nem se permitir que ninguém possua nada que os outros também precisem, porque isso não é riqueza, isto é poder por empobrecimento alheio, e permite que se crie a desigualdade e monopólio das forças de

fato que não apenas consomem as riquezas, mas destroem as liberdades e a natureza.

Ninguém deve trabalhar para outros contra sua vontade, nem jamais viver da caridade dos outros quando não só não precisa e não quer. Trabalho é uma necessidade de todos, e cada pessoa deve ter o direito de trabalhar para satisfazer as suas necessidades, e não a dos outros. E que a caridade seja feita voluntariamente para quem precisa, e não para quem se nega a trabalhar justa e livremente por si mesmo ou forçado e injustamente para os outros. Caridade se faz para quem precisa e quer recebê-la; para as pessoas usurpadas e escravizadas tudo o que se faz não é mais que do que justiça e libertação.

Bem sei que existem pessoas neste mundo que nascem com bem menos do que precisam para poder trabalhar por si mesmas. Mas isso não é vida, e isto não é mundo. Fora deste campo de concentração, na natureza, não há pessoa que não nasça sem nada, não há pessoa que não nasça sem uma terra ou território; em verdade não há ser vivo em toda a Terra que nasça sem um meio ambiente ou meios vitais. Minto: seres vivos sem meio ambiente e meios vitais são na verdade espécies condenados a extinção, assim como povos e pessoas sem terra e mínimo vital garantido são pessoas condenadas ao holocausto. Pessoas desnaturadas, expropriadas, nascidas sem terra ou usufruto dos seus meios vitais não estão apenas condenados a trabalhar até a morte, mas condenadas, geração após geração, a uma sobrevida produtiva cada vez maior para, em contrapartida, reproduzir-se em cativeiro cada vez menos.

Em verdade só há uma pressuposição que com justiça e boa-fé pode se fazer para agir pelas outras pessoas que não podem dar seu consentimento explicito e devidamente manifesto: é o de que as pessoas impedidas de consenso querem os direito e

condições para chegar até eles.. A única suposição válida sobre outra pessoa não é que ele quer o mesmo que você: ela quer liberdade para poder querer e buscar em paz o que quiser. A única suposição válida para todos é que todos querem os meios necessários para poder viver e decidir em paz sobre nosso próprio destino, as mesmas chances não iguais, mas fundamentais para poder viver e dar um sentido próprio a vida. E se a decisão for por um fim a própria vida, que esta seja uma escolha de como morrer com dignidade e não a fuga desesperada de quem não tem como viver livre da violência e privação.

A morte de pessoas mantidas em estado de privação das liberdades fundamentais, a morte por inanição, em luta pela sobrevivência, ou até o suicídio, nunca deixam de ser responsabilidade das próprias pessoas dotadas de livres vontade; mas quem detém o poder para reduzir o livre-arbítrio, para delimitar as possibilidades e alternativas de vida a escolhas de servidão ou morte, também.

A responsabilidade legítima é tanto o produto da livre vontade que naturalmente se tem, quanto do compromisso social voluntário de protegê-la. Mas a responsabilidade criminosa se imputa a quem viola estas liberdades fundamentais à autopreservação. A ordem contra o direito natural não é apenas nula, mas criminosa quando agride ou ameaça a vida e os meios vitais de uma única pessoa. E pela mesma razão, crimes cometidos por quem está privado dos seus meios vitais são sim responsabilidade de cada pessoa, mas na exata medida dos riscos e possibilidades envolvidos em fugir ou ir contra esta ordem criminosa. Ou em outras palavras, não existe responsabilidade criminal de quem é só um refém.

Responsabilidades sociais derivam de relações de liberdade. Responsabilidades criminais derivam das relações de poder, e são tanto maiores de quem detém o poder e controla os meios necessários para a tomada de decisão quanto menor é a autonomia de ação e decisão das pessoas privadas de suas liberdades fundamentais. Sejam crimes cometidos por ordem direta das autoridades políticas ou econômicas, sejam os crimes cometidos por absoluta falta de condições de descumprir essas ordens, a responsabilidade de quem age sob ordem ou está submetido a um estado constituído por elas, é dada conforme o grau de autonomia que lhe resta. Autonomia esta que se mede justamente pela possibilidade de desobedecer sem atentar contra a própria vida ou liberdade.

Isto não livra ninguém dos seus crimes por carestia, pelo contrario imputa as responsabilidades a todos considerando conforme o seu grau de liberdade de fato para agir ou não agir, considerando tanto se quem obedecia a ordens criminosas tinha como desobedece-la, quanto se quem se rebelou para defender seus direitos naturais o fez contra quem o agredia e não contra inocentes ou mesmo quem abandonou a violência. Todos estamos mais ou menos submetidos a esta mesma condição, mas tanto o submisso que vai além do que é obrigado, quanto o desobediente que reage além ou contra quem não precisa para se defender ou libertar, ambos respondem pelo mesmo crime comum. Mas quem não é coagido, mas coage e reprime; quem por livre e espontânea vontade não apenas priva os demais dos seus direitos naturais, mas faz deste estado de privação e repressão a base do seu poder sobre os demais, não deve só responder pelos seus crimes, mas por todos os crimes decorrentes da ordem que impõe; deve responder como responsável pelo maior crime já cometido contra a humanidade: a violência e privação sistematizadas como Estado.

Justo e legítimo, portanto não é o suposto consentimento tácito, sádico e masoquista dos violentadores e violentados, mas a suposição que sem consentimento explícito, toda hierarquia ou relação de poder é criminosa. Legítima, portanto, não é a suposição de consentimento ao monopólio da violência, mas a suposição de esperança de liberdade de todos que mesmo sem poder se manifestar contra, por óbvio não consentem com sua violação, mas esperam sim por justiça e pelo dia da libertação.

A liberdade fundamental não é o fazer tudo que se quer e como puder, mas ter naturalmente o necessário para fazer por si mesmo e aos outros o que se precisa, quando puder e se quiser. Em geral, todos nascem dotados de capacidade para aprender a discernir entre o bem e o mal para em algum momento da vida poder decidir o que é bom ou ruim por conta própria. Todo mundo já nasce dotado de livre vontade, mas bem poucos têm as condições necessárias para desenvolver e exercer até mesmo sua capacidade inata mais fundamental: o livre-arbítrio - o que dizer então da vocação?

Lógico e legítimo não é, portanto, supor que as pessoas não queiram manifestar sua livre vontade, buscar sua vocação, ou o exercer plenamente seu livre-arbítrio do mas justamente o contrário. E se esta decisão for servir ou trabalhar para os outros, que seja; se tomada livre de coação por necessidade. Qualquer suposição contrária ou condição imposição contra o livre-arbítrio de adultos e responsáveis, ou pior contra desenvolvimento da independência e emancipação de pessoas e sociedades em desenvolvimento não é apenas inválida, mas criminosa e hedionda.

É claro, que a defesa do direito natural à liberdade não dá a ninguém a autoridade para agir a revelia dos outros para sua

libertação, mas legitima toda ação para acabar com a usurpação dos meios necessários a liberdade e moral de qualquer um. Toda ação de libertação de quem não tem como se defender ou manifestar; toda ação proporcional contra atos violentos que estejam sendo praticados sem a prévia ou clara manifestação pública da sua vontade de todos os envolvidos, não é só legítima, mas justa.

Não estou negando o direito dos fanáticos idolatrarem seus reis, reinos e alucinações; toda pessoa tem o direito de crer e se submeter aos mitos e poderes supremos que ela quiser. Se pessoas adultas e capazes querem se violar ou se violarem, isto é um problema delas e não meu, desde que não imponham seus desejos, culturas, ritos, e fantasias (patrióticas, religiosos, científicas, ou seja lá qual forem) contra mim ou quem eu quero proteger. E que não venham dizer que sua violência contra os outros não é da minha conta, só porque ainda não se voltaram contra mim. Nenhuma união dos violentos e egoístas tem prerrogativa para impor a desinteligência e a ignorância contra a empatia, compaixão e todos os instintos naturais de solidariedade.

Não adianta, se por seleção artificial os autoritários já tivessem conseguido exterminar todas as formas de vida cooperativa não só já estaríamos extintos como seres naturalmente sociais, mas como espécie, como seres dotados de humanidade. Por isso, desde que não venham impor suas classificações e julgamentos, suas verdades e valores pela ameaça de agressão ou prisão; desde que não se arroguem os donos prepotentes de tudo que é natural: terra, água, luz, ar, os senhores da vida dos outros e dos meios vitais de todo mundo, defendo igualmente o direito de todo ignorante idólatra e autoritário de viver de acordo com suas ideias- por mais estúpidas que sejam. Desde que deixam os outros em paz, qualquer um deve ter o direito

de viver de acordo com sua forma de vida em paz. Desde que vivam sem tentar se impor como autoridade suprema e do território, desde que não queiram me censurar ou cooptar a força, que digam e vivam como quiserem.

Sem usurpar os bens comuns e meios vitais que compõem liberdades fundamentais dos demais; sem quebrar o estado de paz dado pela igualdade de autoridade sobre o bem comum e usufruto dos meios vitais como condição básica a autopreservação; sem ferir, ameaçar ou censura a plena liberdade de expressão, concepção, negociação e associação de paz; em suma sem violência toda pessoa não só tem o direito de falar o que bem entender, mas fazer o que quiser. Isto não quer dizer que as pessoas que fazem ou falam o que querem, mesmo sem ferir ninguém não possam sofrer sansões ou boicotes para arcar com as consequências dos seus atos. Quer dizer o contrário: que todo aquele que se sinta ofendido ou lesado pode tomar todas as providencias pacíficas que julgar melhores para mudar sua situação, menos recorrer à violência. Em outras palavras, sem ameaça ou coerção, mesmo dita legal, toda sansão e boicote são naturalmente válidas desde que não privem ninguém do que é seu, da participação naquilo que é de todos, e, sobretudo, dos meios vitais e necessários para sua autopreservação em paz.

Quando a violência não for mais prerrogativa de ninguém, não for permitida, nem muito menos subsidiada, mas sim repudiada e repelida por toda livre comunhão de legítima defesa da paz, não só a discriminação se tornará um custo insustentável, mas a apropriação, segregação e monopólio do bem comum será um crime com custos insustentável, e não mais um Estado redistribuidor dos custos dos crimes as vítimas. Não, as pessoas de paz não devem ser passivas, não só podem reagir e defender com toda força necessária seu estado de paz

e liberdade, como podem e devem voluntariamente se associar a todas as outras pessoas livres e sociedades dotadas do mesmo entendimento e disposição para preservar o equilíbrio distribuído da força de fato que compõe tanto a igualdade entre todos, quanto a garantia de fato da liberdade fundamental de cada um, como direito natural e não de papel.

Ninguém pode se proclamar ou ser proclamado dono de todas as terras, territórios e recursos naturais contra a vontade de sequer uma única pessoa que viva e precise também delas. Ninguém tem o direito de se proclamar ou ser proclamado como a autoridade sobre outra pessoa, ou sobre tudo o que ela naturalmente precisa para viver. Isto é tão falso e absurdo quanto feudal. Mas muito menos incongruente do que atuais déspotas supostamente esclarecidos eram os antigos senhores feudais que arrogavam direitos divinos sobre a terra. Porque quem se você se vê tem servos que acreditam mesmo que o criador é um sujeito, porque eles não podem crer que só alguns abençoados nascem com privilégios sobre a terra? Mas se você se vê como pessoa livre e ainda hoje acredita que tem gente que não é só dona das terras, mas senhores de todo um território só porque o cercou e embandeirou antes dos outros, ou se armou até os dentes contra todo mundo, então você é mais crédulo que seus antepassados com todos seus reis e deuses todo poderosos. Mais crente e ainda mais alienado, porque ao menos eles sabiam que eram servos.

Quem se apodera ou segrega o que os outros também precisam para viver seja porque diz que chegou primeiro, seja simplesmente porque tem força, não é apenas um ladrão, é um assassino. E não é só um genocida das populações e gerações que lá viviam antes quando chegou “primeiro”, mas da sua própria descendência que também precisam de tudo que há de natural e vital- e não é deles, nem de ninguém, mas de usufruto

de todos os seres vivos, que habitam as terras que eles tomam por seu território privado e estatal.

O Estado é campo de extermínio lento das gerações passadas, presentes e futuras onde só sobrevivem aqueles que renunciam a sua própria vida e concepção para viver e manter a anterior. Onde só sobrevivem aqueles que se convertem na negação da nova geração para afirmar a velha. É o sistema de perversão da natureza, onde não é mais o velho que dá lugar ao novo, mas o novo que é morto e sacrificado aos pés dos ídolos e ritos supremacistas para sustentar as múmias dos todo poderosos e seus malditos cultos de poder total. Infantarias, holocaustos, guerras, fábricas e fome ou em suma numa única palavra: Estado.

Chame-se e justifique-se como quiser: libertário, autoritário, humanista ou qualquer coisa. Os discursos não importam; perante as práticas violentas de qualquer cultura supremacista, toda pessoa tem naturalmente o direito natural e legítimo de se defender. E não é só o violentado que tem o direito de se defender: toda pessoa livre não só pode, como deveria se solidarizar com uma causa que mais hora menos hora será também a sua ou a dos seus filhos, a causa de libertação de tudo que é mais sagrado e está sequestrado pelo corpo artificial: a vida, a liberdade e a natureza.

Todo ato de paz e legítima defesa dos direitos naturais a autopreservação, a libertação e empoderamento das pessoas naturais e natureza é o movimento constituinte de autodeterminação das pessoas de paz e soberania dos povos livres. O movimento ecolibertário constituinte dos estados de paz, livres e naturais. Esta é a revolução que as pessoas e a terra precisam: a libertária. Qualquer forma de imposição de valores, condições ou estados em nome do que quer que seja:

deus, estado, revolução, natureza ou até mesmo a liberdade não passa de discurso e é golpe. Na prática só mais um projeto de poder onde os fins são tanto a propaganda dos meios violentos quanto a perversão de todos os princípios para a falsificação do mal como bem.

Não, não só podemos agir em favor daqueles que não tem voz nem meios para se defender, devemos. Se não queremos ser predados ou viver sob o domínio do terror dos supremacistas e violentadores, devemos sempre que pudermos nos levantar e voluntariamente resistir contra toda ameaça de agressão e privação, principalmente a dos adoradores e maníacos por poder. Para proteger a si mesmo, sua forma de vida e o mundo em que se vive, é preciso fazer frente ao que pretendem justificar sua prepotência com a hipocrisia de que "fazem aos outros, o que gostariam que eles fizessem a elas", quando tudo que fazem de fato é sugar e mandar que os outros façam para eles tudo o que eles querem.

Hipócritas, por que não fazem o que querem a si mesmos, e deixam as pessoas ter e buscar o que precisam por elas mesmas naturalmente? Se quiserem mesmo fazer algo pelos outros parem de falar e ouçam o pedido dos carentes. Ouçam para saber, se ao menos o que eles pedem é o que vocês querem mesmo fazer! Antes de qualquer coisa, porque não param de ditar o que deve ou não ser feito? Não faltam ditadores e donos da verdade, mas quem está disposto a ouvir as suplicas dos que não querem, precisam?

Olhe para quem você não vê, antes de supor que sabe porque ela não se move. Ouça quem está calado antes de seguir quem diz que fala por todos. Muita gente que não se levanta e anda não esteja a espera de nenhum salvador, mas só o fim da pobreza e privação imposta por tantos proprietários do seu

bem e salvação. Paz. Deixem os outros em paz. Não façam nada que vocês supõem que os outros querem, mas apenas pare e ouça e se ainda quiser mesmo fazer comece parando de fazer tudo o que as pessoas lhe pedem que NÃO FAÇA. Simplesmente pare de obrigar as pessoas a fazer o que você acha que devem contra sua vontade.

Você precisa de milagres? Você precisa de ordens? Vocês precisam mandar e seguir alguma regra? Então siga esta para viver em paz: não tome como só seu o que todos precisam para viver. É pouco? Quer mais? Então: não deixe que ninguém reclamem só para si ou todo mundo o que não é de ninguém, mas de todos ser vivo que precise dele para viver[5]. Milagre! Quantos cegos verão e quantas montanhas intransponíveis se moverão só pelo fim da ditadura das preconcepções e predeterminações. Ninguém precisa amar seus inimigos, só precisa parar de fazê-los. E se isso acha que isso não é suficiente, é porque você tem um governo imperial que vive de fabricar inimigos contra você.

Legítimo, portanto não é pressupor que quem é violentado, encarcerado, torturado e escravizado, quem está passando por privações ou sofrimentos esteja concordando ou esteja conformado com sua condição, mas justamente o contrário. Legítima é a suposição que os povos submetidos aos monopólios dos meios vitais dos supremacistas da violência estão sim à espera de liberdade; a espera de uma oportunidade pra se livrar dos seus violentadores e privações. Legítima é a suposição de esperança por independência deste estado de pobreza, ignorância e servidão. A espera do momento para se livrar do estado mais pervertido da historia: o do mal

[5] Lembrete aos autoritários e insolidários: “ninguém” e “todos” incluem vocês.

necessário como bem estar social, a ditadura dos valores absolutos que predeterminam o bem para o impor como mal.

Legítimo é, portanto as pessoas em sociedades livres do mundo demandarem que os representantes dos seus cultos nacionais, religiosos e científicos celebrem e renovem periodicamente contratos sociais como cada um dos seus crentes, contratos que manifestem explicitamente o consentimento de cada um deles, não apenas sobre suas autoridades e governantes eleitos, mas a concordância com o sistema que o governa. Quem precisa justificar que as pessoas querer viver em seus estados distópicos, que elas aceitam seus dogmas, são aqueles que se arrogam representantes dos povos confinados nas fronteiras imaginárias do seu geopoder e saber. São eles, prepotentes e prepotências, que precisam apresentar o consentimento explícito de cada membro da população que ele rege que há concordância explícita não apenas com sua representação, mas com o regime de alienação dos seus bens naturais e meios vitais. Para poder viver novamente em sociedades livres, as pessoas não precisam provar como viveriam sem os monopólios da violência, mas para (pelo menos tentar) descriminalizar seus domínios, são os violentadores que devem provar que não exploram dementes ignorantes ou simplesmente pessoas pobres demais para ir contra eles.

O mais absurdo e perverso da cultura de dominação é a inversão de todos os valores. A estratégia de dominação do poder não é só a da lógica da ditadura realista, mas a do realismo absurdo: a inversão do ônus da prova contra as vítimas. Os supremacistas não só justificam descaradamente a violência dizendo que os violentados concordam com sua violação porque, não protestam e não reagem, mas são ainda mais canalhas: se contestados não só exigem que se demonstre

alternativas viáveis ao seu poder da violência, como se arrogam o autoridade para julgar se estas alternativas são “razoáveis” ou não! O cúmulo do absurdo da violência supremacista é que ela se impõe como única realidade possível pelo próprio monopólio da violência. Não só desqualificando automaticamente qualquer proposta que não contemple a submissão ao seu monopólio como ilegal e irreal, como criminalizando e perseguindo toda proposta concorrente e divergente.

Mesmo que outras formas de vida e relação não existissem, mesmo que outros mundos possíveis além do monopólio da violência não fossem uma mentira; e mesmo que as pessoas não conseguissem mais viver fora dos cativeiros institucionais, ninguém jamais pode dizer: “quando você me apresentar outra forma de nos relacionar eu paro de te violentar”. O fim da violência como prerrogativa de estado não exige a apresentação de outro mundo possível, ela **é** o mundo não apenas possível, **é** o mundo necessário. É a demanda que se auto justifica e, uma vez manifesta, não admite protelação ou condicionamento. O fim do monopólio da violência é justamente a demanda que não atendida, ou seja, mais uma vez reprimida legitima a defesa da manifestação de paz com toda a força e meios necessários. Legitima a mais justa de todas as revoluções a defesa da liberdade e da paz.

Na verdade a palavra crime não é suficiente para classificar a perversidade deste sistema de autolegitimação da violência pela violência, nem a palavra conformismo é suficiente para qualificar quem aceita conscientemente a desqualificação da liberdade como irreal ou o monopólio de qualquer coisa como legal. Nada é mais insano do que legalizar a violência como estado afirmando que a realidade é violenta pela confirmação desta realidade com a prática da violência como estado. Isto

não é apenas loucura, é perversidade. E é findando com qualquer pressuposição de legitimidade da violência, qualquer tolerância com os violentos ou validade da sua imposição ou racionalização ideológica que podemos dar o primeiro passo para sair do estado dela!

Não, a revolução não apenas é uma necessidade legítima, mas crescente. Porque em sua forma final, a lógica perversa do poder não é só supremacista, é totalitária; e não se contenta apenas em criminalizar a legitima defesa, precisa criminalizar a própria paz. Não pague para ver; no fim de toda crise sistêmica, há o massacre de pessoas de paz para salvar os domínios, dos monopólios da violência; Há o extermínio dos povos pacíficos e pela mais absurda, teratológica e nazistas das racionalizações criminosas: quem não se defende contra seus agressores, quem que não luta pela sua autopreservação, não é gente, não merece viver, merece o holocausto. Deixe a cultura do poder pela violência prevalecer e eles não irão apenas desqualificá-lo como gente ou subtrair seus meios de defesa e resistência, vão executá-lo por não ter resistir e reagir contra seu monopólio violento. Vão sentencia-lo a morte porque você não se levantou contra eles.

O poder não é só perverso e psicopático é um culto demoníaco. Ele não se contenta em fuzilar bombardear, queimar em fornos, envenenar e ainda dizer que a culpa é das vítimas. Ele é declara guerra contra a paz e humanidade e diz que quem não está disposto a matar e violentar em nome do poder e dos todos poderosos não merece viver. Diz que quem morre sem erguer a mão contra seu inimigo, não é mártir, mas um covarde. Como se as pessoas fossem obrigadas a viver dentro da ditadura das guerras, confrontos e disputas e poder, como se todos que tivessem que estar presos na mesma egregora da discórdia. Não a paz não é a passividade diante da violência,

nem o levante contra os inimigos é renegação dos estados de violência e suas disputas de poder. É a revolução contra a toda prerrogativa de violência e poder. A deposição da ordem perversa da discórdia suas corporações e fanáticos.

O problema da paz na terra não é de falta de alternativas pacíficas, mas a submissão do bem comum ao monopólio da violência, impedindo a emergência de qualquer alternativa concorrente de paz pela absurda inversão da exigência de renuncia a legítima defesa por parte dos violentados ao invés do fim imediato e incondicional da violência por parte dos violentadores! Não é preciso tomar nem redistribuir nada a força ou contra a vontade de ninguém, basta que o equilíbrio das forças seja retomado, pela distribuição simétrica de forças entre todos. E isto não é feito com armas ou sem, mas sim pela legitima defesa contra a violência da desigualdade de autoridades impostas como estado de segregação sobre o bem comum. Se negue a servir a qualquer comando de violência; proteja o que não deve ser objeto de posse de ninguém e você já está renegando a violenta centralização do poder.

O estado de paz não é apenas uma trégua entre os conflitos, mas a neutralização tanto das causas geradoras dos conflitos, quanto da centralização de poderes que permitem as agressões sem causa, com motivações falsificadas. Ou absurdamente racionalizadas pela impostura de realidades alienantes. A resistência contra a violência do poder e privação das vocações e liberdades será dada pela legítima defesa da igualdade de autoridades para a garantia de liberdade fundamental pela provisão mútua de liberdades fundamentais como meios vitais. Porque se as forças estão distribuídas entre todas as pessoas, os poderes centrais perdem sua força de constrição pela privação, e as pessoas recobram os meios para sustentar a

resistência e manter um equilíbrio de forças de paz através da garantia de liberdades fundamentais para todos.

Sistema retroalimentado e autossustentado de liberdade e igualdade pode tanto se iniciar pela garantia voluntária de liberdades fundamentais como meios vitais, quanto pela distribuição de forças pelo reconhecimento espontâneo da igualdade de autoridades sobre os bens comuns. A desobediência civil a não-violência, a legitima defesa e até mesmo o boicote podem ser atos legitimas necessários e uteis contra os crimes estatais e privados, mas nenhuma estratégia é o fator determinantes a libertação, porque a liberdade não é uma questão estratégica mas de consciência. Não é preciso rasgar dinheiro nem confrontar forças armadas, basta única e exclusivamente não idolatrá-los; não servi-los sem ser forçado: não reconhecer sua legitimidade se não for coagido, e jamais usar deles para obter vantagem contra os outros. Tudo o mais que se faz, além disso, implica em risco, e é mérito de quem assume voluntariamente essa responsabilidade de paz e liberdade.

A revolução é a quebra da absoluta certeza de inercia e inconsciência dada como estado pelo movimento de profissão da fé na liberdade como razão de ser. É a ruptura dos estados de dominação da ignorância como Estado. A revolução é antes de tudo revelação porque o movimento em direção a luz da liberdade é voluntário, espontâneo e natural. Deixe as pessoas viverem em paz e usufruírem livremente dos seus direitos naturais necessários a vida, que a violência e culturas primitivas de supremacia e idolatria como condição e prática desumana decairão por falta de territórios para cultivarem seus estados de pobreza e ignorância fabricada. Sem o subsídio da segregação dos direitos naturais, a centralização do poder decairá por obsolência e de fato pela mais natural de todas as

seleções: a da harmonia solidária tanto para cooperar no necessário quanto para competir pelo demais.

A escravidão jamais será abolida meramente pela proibição da posse de um ser humano pelo outro, mas pelas garantias de que todos os seres humanos tenham o mesmo direito natural a liberdade- e não no papel, mas de fato. Da mesma forma a privação não será abolida por nenhuma proibição a posse exclusiva dos meios vitais, mas pela garantia de acesso a todos sem nenhum tipo de segregação aos meios vitais. A natureza não se protege proibindo sua posse exclusiva por alguém, a natureza não é propriedade de todos, mas de ninguém. A natureza não é propriedade para ser tomada ou consumida, seja para ter um meio ambiente seja para ter sua parte nos rendimentos básicos necessários, toda a pessoa tem direito de proteger a natureza com a mesma força necessária e proporcional com que defende sua autopreservação.

O poder só é monopólio, só é "mal necessário" e o "único provedor do bem" porque persegue e elimina toda a livre concorrência para a produção do bem comum e serviços sociais. O Estado é o cafetão que obriga a pessoa a se prostituir, e que quando ela diz que quer ir embora ele pergunta: mas como ela vai se proteger sem ele? O estado de poder é a justificação da violência pela própria privação dos meios necessários para se escapar dela, a desqualificação da liberdade como uma possibilidade real pela legalização da violência como meio de ameaça velada (e se necessário explícita) para impedir a independência das pessoas e dos povos.

Claro que jogar luz sobre a estratégia perversa e a lógica absurda do poder só libertará a consciência de quem quer se livrar da sua ignorância e perversidade. Os megalomaníacos

possessivos-compulsivos, os tarados por ter poder, os supremacistas preconceituosos e hipócritas não vão se converter em pessoas menos falsas e violentadoras apenas porque a sua farsa está nua. Contudo, sem suas máscaras politicamente corretas, os moralistas tem que ir para as ruas como são: se quiserem continuar a exercer a sua autoridade desigual contra a vontade de quem não consente, tem que largar seus disfarce de benfeitor e justo e assumir o que são: violentadores.

A manifestação da contrariedade obviamente não abole instantaneamente o estado de violência, mas ao expor os criminosos pervertidos que carecem do silêncio das vítimas e testemunhas, põe fim ao próprio estado de cegueira, de violência velada que alimenta o vácuo social necessário ao conformismo e alienação. Parece pouco, mas quando já não são mais os violentados que precisaram explicar porque estão fugindo, mas sim os supremacistas porque discriminam e perseguem os expropriados; quando não for mais preciso coragem não para ser livre, mas para ser um fascista e se impor violentamente contra a vontade de qualquer um, a egrégora do poder pode não estar deposta como organização criminosa, mas estará deposta como Estado. Quando o culto ao absoluto morre como cultura, a idolatria supremacista, o mito do estado de poder total se reduz ao que naturalmente é de fato: alucinação histérica.

Não senhores, não são as pessoas que querem viver e ser livres que precisam justificar e apresentar a prova do seu direito natural a liberdade e autopreservação. São os maníaco por poder que precisam apresentar a prova de como seus estados podem existir legitimamente sem a desigualdade de autoridades, sem a privação de liberdades fundamentais e, sobretudo sem a ameaça da violência das pessoas naturais.

Quem precisa provar o seu caráter voluntário e legítimo, apresentar o consentimento explícito das pessoas que querem viver assim desnaturadas, para provar que não as estão violentando, são os idolatras sadomasoquistas do poder. São eles que precisam pedir autorização das pessoas naturalmente livres para conviver com elas; são eles que devem provar que não submetem e não desejam submeter ninguém a nenhuma violação; são eles que precisam provar que não pretendem privar ninguém dos seus meios naturais nem forçá-los a se submeter a sua ordem em troca do direito inalienável a subsistência ou defesa que monopolizam.

Se quem faz da violência a base da sua legitimação, tem sinceramente qualquer disposição de paz, precisa provar (se puder) que não impõe sua "violência legitima" sem a concordância explicita de cada pessoa que sofre com as consequências das suas ações ou sustenta seu sistema. Não é, portanto a revolução, ou o movimento de defesa da liberdade e libertação, que precisa de legitimação popular ou qualquer autorização estatal, é o Estado-Nação que se quiser deixar de ser uma farsa deve buscar imediatamente junto a cada habitante do território a autorização constantemente renovada sobre seu consentimento quanto a sua representação. São os Estados que se constituem pelo golpe da representação alienada de supostas vontades coletivas, que não só carecem de legitimidade e justiça, mas de reparação dos seus crimes.

Ao contrário dos Estados e golpes, as Revoluções e estados livres de poder não precisam de adesões falsas, se constituem de forma direta e voluntária de forma livre e espontânea, e não carecem da imposição de deveres, bens maiores ou mal necessários. Sua causa é naturalmente legitima: a vida e liberdade. Uma causa solidariamente compartilhada por cada pessoa submetida às mesmas privações. A revolução não é só a

libertação da ocupação de territórios naturais ou usurpação de bens naturais particulares e comuns, a revolução é a derrubada da ditadura da preconcepção dos direitos e deveres sobre povos e pessoas naturalmente diversos e quem tem o direito natural de celebrar de livre e espontânea vontade seus próprios contratos sociais em paz e sem atravessadores.

Se pessoas adultas querem por livre e espontânea vontade constituir um poder ou hierarquia capaz de violar seus direitos naturais que o façam, mas sobre si mesmas e suas propriedades particulares. Que deixem as outras em paz. Que não tentem tomar o espaço comum; ou privar ninguém do acesso à natureza ou usufruto dos meios vitais; que vivam e morram como quiser. Sem impor seu modo de vida e valores aos demais, sem tomar bens comuns ou meios vitais, sem forçar a adesão de ninguém a sua sociedade política-econômica, ou saída das dos outros, e, sobretudo sem impedir a participação direita de qualquer pessoa sobre o bem comum todos tem o direito de conviver livremente. Em suma, vivendo em paz todos tem o direito natural a liberdade de fato plena.

Todas as sociedades e contratos sociais voluntários não são só legítimos, como são perfeitamente capazes de coexistir em um mesmo território, ao mesmo tempo, constituindo estados de paz pela cooperação na sua defesa e livre concorrência para a provisão dos serviços públicos - justamente contra todo monopólio do bem comum ou violência. Entre pessoas livres toda negociação e contratos são legítimos desde que naturalmente possíveis. São os acordos de guerra e supremacia, constituições que falsificam a legalidade dos domínios econômicos e políticos contra os direitos naturais de autopreservação e autodeterminação que não deveriam sequer existir, quanto mais ser reconhecidos.

Contratos de poder econômico ou politico não são apenas ilegítimos por princípios morais ou por suas consequências destrutivas, mas pura e simplesmente porque eles são nulos, não existem senão como golpe e falsificação. Qualquer cessão permanente do poder de decisão político ou econômico é equivalente à renúncia ao livre-arbítrio ou responsabilidade sobre a própria vida, algo que não é impossível de ser feito não por ordem social, mas por ordem natural: não há como se separar-se da própria anima, alienar-se definitivamente da livre vontade sem pôr um fim a própria vida. Podemos decidir não tomar decisão nenhuma ou decidir que outros decidam por nós, mas não podemos transferir nossa capacidade de decisão ao alheio. Simplesmente porque a vontade é inalienável.

A livre vontade não é propriedade. O que chamamos do fenômeno da vida, a anima que distinguem uma pedra de uma pessoa é rigorosamente essa força automotriz, a livre vontade. A livre vontade é a própria alma, a essência da vida. A vida pode ser morta, mas sua essência, a livre vontade, não pode ser tomada nem muito menos dada, não pode sequer ser definitivamente paralisada, não enquanto ainda se está vivo. Não é só quem finge representar uma vontade alheia que está mentindo, mas quem acredita que cedeu a sua vontade ao seu falso representante que está se engando. Não importa se ambos acreditam na sua mentira ou ilusão O pacto é nulo não porque seja um contrato leonino, mas porque o contrato de venda ou renuncia da livre vontade, é um contrato de fausto, a celebração de um crime contra a natureza e o espírito da vida.

Um contrato de alienação política é, portanto nulo e duplamente falsificado: Primeiro, porque a desintegração do poder político e econômico é uma abstração e a reificação dos seres vivos um crime contra a natureza. Decisões políticas são sempre econômicas, e a economia é sempre política. Tanto o

poder político quanto o econômico são determinados pela alocação de recursos. E ambos poderes não pertencem nem a quem detém mais recursos, nem a quem tem mais força para alocá-los; o poder pertence a quem predetermina quais são e de quem estes poderes e a quem pertence todo o resto: nós, todos os recursos, todos os seres vivos reduzidos a coisas. E Segundo, porque, rigorosamente uma pessoa pode até delegar decisões por um tempo indeterminado, mas não tem como ceder ao seu poder de decisão soberano sobre sua vida sem que possa a qualquer instante revogar unilateralmente essa concessão. A promessa sobre cessão da vontade futura é sempre nula porque a vontade não é apenas inalienável, ela é imprevisível, e instantânea, é soberana.

Assim como não há como forçar um alienado desinteligente e irresponsável a assumir suas responsabilidades nem comuns nem particulares, porque não existe responsabilidade sem volição; não há como, sem violência, impedir que uma pessoa dotada de livre vontade não venha a se tornar responsável e consciente quando passar a buscar voluntariamente a sua emancipação. A qualquer momento a mais irresponsável das pessoas ou a mais alienada das sociedades, pode simplesmente querer tomar conta da sua própria vida, e ninguém poderá se opor ao novo testamento soberano sobre a vida nem mesmo recorrendo aos anteriores, não sem crime. O direito natural a emancipação e vocação e soberania sobre sua própria vida não pode ser impedida sem crime contra a vida e liberdade da pessoa humana, nem a negação do direito a autodeterminação dos povos e pessoas sem crime contra a humanidade.

A única pessoa que pode legitimamente sacrificar ou mesmo pôr um fim a sua vida é a própria pessoa. E a única morte que se pode assistir ou dar assistência sem omissão ou cumplicidade é a requerida por aquele que consciente pede um

fim digno para sua vida. O direito a vida e a morte não pertencem aos outros, e, portanto em hipótese alguma os meios necessários para sua preservação ou extermínio. O direito a vida, seja como anima seja como fato, não é objeto de concessão nem benesse, não tem preço nem gratuidade, simplesmente não é propriedade para ser dada nem tirada, condicionada ou alienada. E contra aqueles que pensam que se arrogam o poder sobre a vida e natureza de todos, que privam as pessoas das suas condições mais fundamentais toda força necessária não é apenas legitima defesa, não é apenas revolução é justiça.

"

Na busca da felicidade nenhum ser humano tem o direito de usar todos os meios disponíveis, (nem mesmo para por um fim em seu sofrimento), mas para pôr um fim à violência da coerção, ameaça e privação, toda pessoa tem direito de usar de todos os meios necessários para se defender. A violência não pode ser usada para mudar de condição de vida, mas para por fim ao condicionamento da vida pela agressão, ameaça e privação. Em verdade, quem sofre tem mais do que o direito de por um fim digno a sua própria vida, tem o direito de lutar com todas suas forças para se libertar e defender sua forma de vida; tem o direito de usar do que preciso for para se livrar das suas privações e dos responsáveis pelo seu sofrimento. E não me

digam que não há responsáveis, porque se há um único coitado no mundo, há ao menos um violentador.

Só há uma coisa mais perversa do que manter preso e torturado neste mundo quem que não quer mais viver nele: é negar a quem implora por condições básicas de vida um lugar seu e tempo livre para poder viver em paz. Pior do que a pena de morte é a pena de vida, a condenação ao trabalho compulsório até a morte. E mais estúpido do que pedir para que um expropriado aceite sem lutar a sua condenação a morte, é o próprio condenado aceitar passivamente a sua sentença de não-vida. Só há uma coisa mais triste do que uma pessoa tomando a vida e liberdade das outras: é as pessoas entregando sua vida e liberdade aos outros nem mais sequer contra sua vontade, mas já sem qualquer força de vontade própria.

Triste ver, tanto o trabalhador quanto o proprietário defendendo a regulação da sua exploração e pilhagem sem mais lutar para reaver seu território e terras, seus meios vitais e natureza como seus bens particulares e comuns. Triste ver a estatização e privatização da própria vida; ver as pessoas pedindo para todos os tipos de corporação, estatal e privada, nacional e internacional, que as respeitem ou pelo menos que as roubem e explorem menos. Triste ver as pessoas desistir de suas propriedades e direitos naturais não só para defender a regulação da sua própria exploração, mas conformadas em pedir a mera mitigação da sua exploração como se fosse um direito. Triste ver as pessoas convencidas que as obrigações impostas pelo expropriador são seus próprios direitos, a tomar a bandeira do próprio crime regulado contra seus direitos naturais como se fossem suas conquistas constitucionais de direitos fundamentais.

Coitado de quem tomar a pátria pela terra; o Estado por Sociedade; e os governos do mundo como vontade dos povos e nações. Coitado de quem acha que o trabalho compulsório e alienado é um direito e não uma imposição. Pobre de quem acha que o título de propriedade concedido por um poder central e estatal é sua propriedade particular. Triste ver as pessoas naturais das mais até as menos expropriadas, trabalhando para sustentar estados e corporações quando poderiam estar trabalhando em seu favor ou a quem bem entendessem.

Toda revolução é mais do que a simples defesa da vida ou deposição de tiranos. Ela é a luta pela abolição do supremacismo, a libertação do estado de poder, o caminho da liberdade; uma busca constante pelos meios de fato como direitos garantidos para viver em paz, a luta não apenas para definir a condição da nossa própria vida e destino de acordo com nossa livre vontade e vocação, mas pelas condições necessárias para poder exercer esse direito como forma de vida. A revolução é essencialmente a luta dos seres dotados de livre arbítrio para naturalmente viver em paz contra quem, pela potencia armada e destrutiva, se arroga não só dono das terras e habitantes, mas o senhor absoluto da vontade alheia pela violência.

Entenda: revolução não é a apropriação ou desapropriação de propriedades, mas justamente o movimento contraposto: a restituição das propriedades particulares e comuns contra os monopólios do bem comum sustentado pelas culturas supremacistas e estatais da violência. A revolução não é a criminosa tomada das propriedades naturais para sua redistribuição compulsória pela intimidação da violência, é justamente o contrário: é o levante contra o Estado que não só pratica este crime, mas o legaliza perseguindo qualquer

resistência ou legítima defesa dos direitos naturais e fundamentais. O fim de toda forma de domínio e exploração forçada pela privação das necessidades básicas se abole não pela tributação ou redistribuição autoritárias de bens e posses particulares, mas pela negação de expropriação estatal e apropriação particular das propriedades naturais, cujo usufruto e rendimentos pertencem igualmente não apenas a todos os seres humanos, mas a todos os seres vivos para sustentarem sua vida e a vida natural.

As Torres de Babel devem cair. As verdadeiras revoluções são e devem ser a derrubada do maior crime contra a humanidade: a institucionalização da incompreensão e desinteligência pelos semeadores de conflito entre povos e pessoas como suas culturas; o fim da propagação da discórdia e segregação das pessoas apartadas dentro e fora das fronteiras dos territórios geopolíticos como realidade absoluta. A revolução é contra a idolatria ao poder e culto ao absoluto que fizeram da terra a pira de sacrifício aos todos poderosos. A luta é pelo fim de todos os campos de concentração e exploração do trabalho forçado por privação dos direitos, propriedades e meios vitais. A extinção desta forma de holocausto lento, geração após geração, de toda população não apenas explorada, mas alienada por sequestro e privação.

A revolução não é violência da imposição nem de condições, nem de valores contrários a realidade ou legalidade, não é meramente a rebelião contra o status quo ou deposição de governantes, amigos do rei, ou do estado no poder; não é só movimento de libertação das pessoas da sua condição ou destino atual, mas o movimento para que as pessoas possam definir qual é a condição e destino sempre quando bem entenderem. É a luta pela liberdade como empoderamento das pessoas para conceber e autodeterminar o sentido da sua

própria vida em paz- juntas ou sozinhas, mas sempre de acordo com sua livre e espontânea vontade.

A revolução é a luta pela abolição da alienação. Ser um escravo nunca é uma questão de livre vontade, mas ser um alienado sim. Ser escravo ou empregado nunca é uma mera questão de livre-arbítrio, mas ser um conformado e alienado, defensor da sua condição cativa amante ou adorador dos seus violentadores, é. Ser um empregado ou servo só é uma escolha na cabeça de quem não sabe o que é necessidade, ou no discurso do próprio violentador que se satisfaz na privação e violação alheia. Mas o currado que defende o curral; o servo que defende a servidão, não é apenas conformado, é um alienado. Não é só mais pessoa submetida à servidão, mas pessoa reduzida a servilidade. Não é servo, mas servil.

A servidão é sempre uma violação, uma condição imposta, mas a servilidade é um estado de espírito; a conformação do violado com a violação ou até idolatria aos violentadores como amos e autoridades. E por mais violenta e forçada que seja esta condição psicológica, por mais força de vontade que a resistência exija, não existe servilidade sem quebra do espírito libertário e não há “servidão voluntária” sem a perda da fé na livre vontade,- ou o que é a mesma coisa- em si mesmo e na existência. A servidão é o sistema; a servilidade a síndrome que o sustenta. Mas não se consegue tal obediência servil apenas com doutrinação, é preciso privar os meios necessários à subsistência, controlar a informação, monopolizar o bem comum, desnaturar a vida. É pela banalização da privação dos meios vitais e provisão das necessidades condicionada a submissão, à ordem da servidão econômica e política, que se institucionaliza um domínio não apenas como estado, como realidade absoluta e inescapável.

A servilidade não é, portanto um estado volitivo, mas o que sobra da vocação depois do processo da destruição da força de vontade. É resultado da condição contraposta à volição e vocação: o produto da redução do livre arbítrio pela subtração dos recursos básicos para o exercício da livre vontade; a redução de todas as possibilidades de escolha em uma única "alternativa liberal": obedecer e servir, ou morrer de fome ou à bala.

A servilidade ou "servidão voluntária" é o trauma psicológico resultante da técnica de domesticação humana por condicionamento comportamental ao estado de alienação não propriamente do homem pelo homem, mas do homem às fantasias de poder; da pessoa natural a artificial; dos indivíduos conscientes aos inconscientes coletivos; é a técnica de dominação das pessoas livres pelos alienados egregados. Uma realidade não tão violenta para os dominados quanto para os dominadores, mas certamente uma realidade adulterada para todos que não mais são livres por solidariedades, mas dependentes do poder.

De fato, o domínio não se firma pela rendição dos dominados ou só pela expropriação dos seus meios-de-produção, terras ou saberes, mas pela expropriação da própria identidade da pessoa como sujeito dotado das propriedades e capacidades livres e naturais que permitem a ela definir a si mesma pela busca de significação para sua vida no mundo. Uma vez destituídos de um mundo próprio, sem espaço e tempo livres a pessoa não tem como se constituir-se como sujeito da sua própria vida e está indefeso contra a apropriação e segregação dos supremacistas. É pela quebra da fé dos sujeitos em sua natureza, a destituição da sua própria concepção como donos das suas vidas e terras, que os dominadores constroem as fronteiras imaginárias dos seus *domus* geopolíticos; impondo-

se como protetores e provedores, impedem a percepção do que são de fato: carcereiros e sequestradores. É assim, reduzindo os sujeitos à propriedade e objeto do mundo alheio, impondo preconcepções a quem não tem como se defender, sobretudo os mais inocentes, doutrinando as crianças como se isso fosse educação, que os usurpadores perpetuam sua egrégora sobre as novas gerações antes mesmos que estas possam desenvolver qualquer forma de vida nova ou diversa. E aí do mal-educado que não disser ainda "muito obrigado"!

Assim, pela conformação dos sujeitos a objetos do outro; das novas gerações às velhas; dos segregados aos expropriadores, que os supremacistas constituem seus monopólios: de ladrões assassinos, a donos da terra e vigilantes. De bandidos a justiceiros legalizados: pela alienação, os dominadores encerram o risco e custo da dominação de um território abrindo enfim a possibilidade de ganho com a exploração da população. Povos que a cada nova geração aculturadas ao pátrio-poder, condicionada a uma psique servil não oferecem mais resistência e podem ser empregadas como se fossem animais domésticos e amestrado: burro de carga, cão de guarda, ou até mesmo gado de abate. E não, isto não é vida nem para um animal, quanto mais para um ser humano.

Toda pessoa humana tem o direito natural a autopreservação não só da vida, mas da sua liberdade e dignidade. Ninguém pode ser condenado por tentar se libertar daqueles que se impõem autocraticamente como seus benfeitores; sejam eles déspotas esclarecidos ou ditadores descarados. Todos que ditam e obrigam os outros a obedecê-los não passam de canalhas, mais ou menos hipócritas, estupradores travestidos de santos. Não quero dizer como que o estupro seja a mera contrariedade da vontade alheia, ou que a maldade ou a perversidade estejam no sexo, mas sim que o mal é a violação

do outro; é o ato que destrói tudo o que poderia ser bom se não fosse a imposição da relação contra a vontade da pessoa. O mal é o poder, e a perversão está na sua tara. A perversidade está tanto na imposição do bem e do mal contra a vontade do outro, quando do mal como o bem para os outros. É a perversão que sequestra a moral que só nasce em liberdade para inverter autoritariamente todos os valores. É a inversão do bem comum em mal, e do mal como necessidade para provisão do bem; a condenação do sagrado para santificação dos demônios, e a demonização da liberdade para a canonização do poder.

O poder não é só farsa, é um crime. Não é um mito falso, é um mito perverso, diabólico, porque incapaz de reproduzir a capacidade criativa de concepção da alma humana que lhe permite entender e escolher entre o bem e o mal, frustrado e invejoso por não poder possuir a livre vontade busca então destruí-la. Não podendo possuir o que não é propriedade, mas princípio; não podendo se apossar da natureza da liberdade, nem da liberdade da natureza; o possesso se dedica a mutilar e esteriliza toda concepção, a castrar tudo que é natural, criativo e livre. O poder é uma a doença compulsiva possessiva dos frustrados convertidos em frustradores. Frustrados que ao não conseguir se realizar como forças geradoras e criativas tentam prevalecer como força destrutiva e possessora, furando os olhos dos outros para reinar numa terra de cegos.

Em verdade é assim que o poder e seus autocratas destroem o sentido, o prazer, e a vontade de viver de tudo que é naturalmente bom na vida, do sexo ao aprendizado: impondo todo o mal da sua mediocridade como o bem contra o consentimento dos inocentes e indefesos. Fazendo da sua ignorância e da obrigação de ignorar a base de toda sua autoridade e poder superior a moral e liberdade. A ordem falsa

e artificial contra toda ordem livre e natural. Não há autoritário que não seja um pervertido; não há fanático que não seja um frustrado; e não há idolatra que não seja um maníaco. Simplesmente não há pessoa com mania de impor o que é melhor para os outros que não tenha verdadeira tara em tomar a vida e possuir o outro contra sua vontade. Não há adorador do poder que não seja em si um possuído, um maníaco compulsivo por ter e poder. Mas o poder está longe de ser um desejo sadomasoquista, porque o sádico e masoquista podem encontram seu prazer consentido sem impô-lo a ninguém, o poder é uma tara psicopática e estupradora onde o autoritário só se realiza na violação e violência, e jamais se contenta, só parando no limite físico que este prazer pervertido de morte e privação pode alcançar: o genocídio.

Toda revolução é mais do que meramente o fim de um regime político ou econômico, é a levante contra todos esses maníacos por poder que não só não se importam com a desgraça alheia, mas literalmente gozam com o sofrimento de quem luta desesperada até a morte nos seus circos de fome e guerra. A revolução é o levante das pessoas de paz contra os violentadores pervertidos e suas ditaduras moralistas e hipócritas, que só serve de fachada para encobrir toda a perversidade dos seus crimes históricos e desejos torpes. Não. Quem ainda não apodreceu em vida não só pode, como deve usar de todos os meios necessários para por fim a esta cultura de privações usadas para conformá-lo a esta vida desumanizante de violação e extermínio. E essa vida reduzida a concorrência de todos contra todos, onde a vítima tem de se vender a quem rouba seus bens comuns em troca do resgate dos seus meios vitais como benesse ou ração, não é vida, é *tripalium*.

O estado de poder é por definição não só monopolizador e supremacista, mas sobretudo perversor. Porque sem a proibição de todas as outras formas livres e concorrentes de pensamento e valores, sem a apropriação do processo gerador das novas concepções para sua esterilização, nenhum poder artificial teria como frear a ordem natural libertária e criativa. Sem forjar a morte da própria força criadora, sem o assassinato do sagrado e falsificação do próprio principio criador, o poder jamais reinaria ou se afirmaria como real. Sem a inversão de toda ordem natural em favor do corpo artificial, sem a proibição da liberdade e legalização do poder, sem a negação da natureza, o culto supremacista não teria como se impor como estado e a farsa do poder jamais seria tomada pelos dominados como sua realidade absoluta.

Para se perpetuar de forma antinatural como monopólio absoluto contra a diversidade, a idolatria do mal como necessidade e do bem como concessão do poder supremo precisa confundir, demonizando o ordem natural e endeusando seu corpo artificial; sacralizando seus falsos mitos e ritos como verdadeiros e reais e apagando a memória de todo o bem comum e direitos naturais. O poder reina no vácuo, na continuada destruição da ligação de todo ser com o principio criador; reina pela a ruptura da conexão com o fenômeno transcendental gerador da criação, evolução e revolução: a Liberdade. O poder reina impondo o culto e a idolatria no lugar da fé e da razão. Impondo a ignorância como libertação e o conhecimento como perdição. É a deturpação da religião, do estado e da ordem como o poder supremo, absoluto e violento no lugar da fé na sagrada liberdade, paz e razão.

O poder, não podendo destruir o bem, fez da liberdade um pecado original e do conhecimento um fruto proibido, impondo tudo que é bom como “mal”. De fato supõe e impõe e cobra a

obediência cega e calada, e “legitima” seu poder assim pela “obediência” dos cegos calados e obrigados. O poder não é só território de dominação, mas o campo onde se cultiva a pobreza e ignorância para a colheita de fanáticos nacionalistas e religiosos. O poder é a cultura da perversão como normalidade: a disseminação dos mitos de “naturalização” da dominação pela falsificação da realidade; a propaganda que busca legitimar o supremacismo e a usurpação, a pregação da idolatria aos usurpadores como autoridades todo poderosas e de deidades totalitárias representadas à imagem e semelhança destes supremacistas.

O poder como estado perpétuo não existe sem que se mate antes a liberdade como princípio criador. Não é possível destruir toda a criação sem depor o verdadeiro criador, a Liberdade, e empossar o Poder e seus supremacistas como donos do céu e da terra. A Liber Criadora, precisa ser dada como morta e esquecida para poder se coroar como falso-deus, o rei da discórdia e senhor da guerra, o patrono de todas as bestas e leviatãs do mundo. E se os todos poderosos dizem façamos a revolução antes que o povo o faça, que o povo se liberte antes que se estatize e privatize e precarize até mesmo seu direito a revolução.

III

Não. A revolução não é apenas legítima, a revolução é impreterível quando o mundo estatizado e privatizado se torna tão artificial a ponto não só de legalizar o próprio crime contra a pessoa e a humanidade, mas perseguir tudo o que é sagrado e natural criminalizando qualquer tentativa de vida criativa ou inteligente ou simplesmente nova. A revolução não é apenas legítima, a revolução é uma necessidade quando os Estados de poder não só mais perseguem qualquer pessoa que tente reaver seus direitos e propriedades naturais, mas impedem cada nova geração de desempregados até do seu maldito trabalho precário e servil que possam voltar a colher o fruto da terra que não pertence aos estados, mas a eles por necessidade vital e herança natural.

Coitado do povo que dorme na merda achando-se em berço esplêndido. Coitado do povo que protela eternamente seu despertar e levante. Coitado de quem adia eternamente sua emancipação por medo da punição. Coitado do povo eternamente infantilizado e alienado que só faz esperar. O Estado em crise não devolve a soberania que roubou, ele a revende. Os governos não são só capazes de tomar liberdade e soberania de um povo para si, eles são capazes de revendê-la a outros Estados-Nações apenas para manter seus domínios, ainda que esvaziados e mais submissos que seu próprio povo. Todo poderoso é canalha o suficiente não só para vender a dignidade dos outros, mas antes de tudo a sua própria, não só para preservar os privilégios dos seus cargos e títulos, mas a

superficialidade das suas aparências. O poder só é metafísico na usurpação do discurso sacramental, na prática ele é sempre materialista, objetivista e determinista. E só não é de fato maquiavélico porque não é racional, mas racionalizador. Ou como diz a sabedoria popular ele é feito de gente que vende até a mãe para pagar do que não é.

Sim, nem é preciso estudar muito, se você não vive nas cavernas ou academias platônicas, sabe o que eu sei, vê o que eu vejo, sente o que sinto: faz tempo que o Brasil é caso de revolução, e das mais justas e legítimas que já passaram sobre a terra. Para entender o Brasil não é nem preciso viver na pobreza, basta sair das sombras das racionalizações dos projetos e estados de poder. O Brasil não se explica pela exploração das potencias imperialistas, nem pela injustiça social das elites brancas. Sem dúvida o Brasil é explorado por elites nacionais e internacionais, mas não sem o subsídio de quem nos governa e a anuência interessada de quem governa nossos governantes. Mas nem mesmos estes, podemos chamar propriamente de elite ou qualquer coisa parecida. Porque embora supremacistas, como os próprios gringos bem colocam, nem mesmos estes, passam de pretos da casa que se pensam brancos, capitães do mato de senzalas ultramarinas. São meramente uma classe[6] que se acha apartada do seu povo tentado pateticamente ser identificada com o ridículo gene nobre de uma burguesia europeia decaída. Mas uma coisa há que se admitir: com suas árvores genealógicas; seus maneirismos; suas pretensões educadoras e civilizatórias não só não conseguem se igualar aos seus parvos referenciais supremacistas, mas superá-los no que há de ridículo e patético em prepotência.

[6] Conforme seus paradigmas.

O que o protofascista latino-americano cego de preconceito não consegue ver, é que se aos olhos de qualquer supremacista, inclusive ele, a vida de um pobre não vale a de um cão de raça, para os supremacistas do primeiro mundo, um rico sem raça daqui pode até valer um pouco mais que um pobre, mas não vale sequer a vida do cão de um proprietário da raça deles. O supremacista periférico tentando se esbranquiçar, tentando reproduzir o modo de vida daqueles que os desprezam, com muito mais inconsciência do que qualquer pobre que imita toscamente o rico, apenas reforça a sua condição parva e canina. Se para o pobre parecer branco diminuir o risco de levar um tiro nas costas e seu "esbranquiçamento" mais do que complexo de inferioridade é estratégia de sobrevivência num estado de guerra, para o rico, ou melhor, para quem se acha a nata da sua sociedade, Pavlov explica: sua imitação pseudo-europeia e sua raiva anti-tupiniquim é subserviência comportamental pura.

Não se pode, portanto dizer que o brasileiro tenha complexo de vira-lata, mas é inegável que há "semibrancos" na América Latina que não só renegam e odeiam sua origem e seu próximo e semelhante como juram que pertence à outra estirpe superior. O racismo, o supremacismo não são apenas intransigentes são intransitivos; são o mesmo tipo de estupidez que não se finda antes da autodestruição: se não houver objeto de ódio ou exploração inventa-se, e quando não sobrar ninguém além do último discriminador no planeta, sua mão direita enfim cortará a esquerda.

A ordem do poder é uma grande Zenith de Sinclair Lewis. Os supremacistas latino-americanos que juram que são a elite mais branca das Américas aqui do sul, não são senão aos olhos dos seus "irmãos" racistas do norte ou europeus, até mesmos ibéricos, mais do que um macaco latino-americano um pouco

mais claro. Mas convenhamos, há uma certa justiça poética no racismo e poder: não só há sempre alguém que se acha mais, mas eventualmente sempre alguém estará por cima. A hierarquia social não é dada propriamente por luta de classes, mas numa grande ordem piramidal de gente defecando uma sobre a cabeça das outras, com o topo se alimentando dos mortos das bases misturados com sua própria merda e lixo. Mas não sejamos injusto, a tribo dos come-gente-com-bosta não são meros índios antropófagos, eles tem classe.

Entretanto o que há de mais peculiar nos sistemas de poder não são os hábitos dos seus *homus domesticus*, são suas estratificações sociais baseadas na carência deste tipo de fantasias de superioridade não só altamente indignificantes, mas tão corrosivas a própria sustentação do sistema quanto imprescindíveis a sua continuidade. Pouco importa os discursos libertários ou as força repressoras e reacionárias, onde as privações se tornam insuportáveis, os espaços naturais e recursos básicos se esgotam, a revolução não é só necessidade, é apenas uma questão de tempo. É inevitável. A ordem do poder é uma grande bomba-relógio. E o discriminado não precisa sequer tomar consciência da sua identidade ou ter uma para se revoltar; basta apenas saber como é classificado e desqualificado enquanto sujeito pelos supremacistas para compor sua identidade comum por contra-segregação e contra-discriminação e rebelar-se em comunhão sem nenhuma outra causa senão o fim solidário das suas privações.

Os sistemas de poder e preconcepção antes de ensejar seu fim macroeconômico, cairão pelo peso insustentável da sua cultura de alienação política e estagnação humana, e serão enterrados pelo seu insuportável cheiro de podridão e morte a cada nova geração perdida. Ao impor a privação cada vez maior a mais pessoas, os estados de poder vão criando as condições

necessárias para a formação da identidade comum a todos os jovens segregados e sem perspectiva de ter até uma vida como empregados, quanto mais com qualquer chance de realização da sua vocação. Conforme os estados nacionais avançam em seus conflitos, a cada nova geração a humanidade vai por oposição emergindo não mais como ideal abstrato, mas condição evolutiva solidária necessária à sobrevivência da espécie. E mais do que um instinto ou estratégia de sobrevivência, a solidariedade vai se tornando a cada nova geração de sobreviventes dos holocaustos civis e militares uma característica mais e mais simplesmente humana. Os seres humanos vão se confraternizando não por visões e discursos vazios carentes de experiência de vida, mas sim aproximados por suas necessidades vitais, assemelhados por suas privações e unidos por uma mesma causa: sua libertação.

Os mesmos estados de poder que apartam os povos e classes com seus mitos e ódios culturais nacionais, religiosos e sociais ensejam contra seu próprio interesse a solidariedade e comunhão das pessoas em torno da libertação e resistência contra sua ordem. Não é propriamente a inteligência solidária ou libertária que enseja a revolução, mas a imbecilidade dos senhores da guerra e semeadores da discórdia universal e sua persistência na ordem opressora e repressiva. Sem violência nem privação, sem o roubo dos espaços e bens comuns e naturais para imposição de valores e concepções, sem a castração e esterilização das novas gerações e concepções, não haveria necessidade de conflito para as evoluções naturais e geracionais da vida. Mas quanto mais privada e precária é a vida mais vidas se perdem, quanto mais criminoso e violento for o estado, mais solidárias e humanas serão as novas sociedades e gerações não apenas dos filhos dos sobreviventes, mas até mesmo dos violentadores que se libertarão enfim do domínio dos seus pátrio-poderes sem perderem mais a sua

juventude sendo convertidos em velhos frustrados e reprimidos carentes e tarados por poder.

Sim, o brasileiro tem um sério problema como povo: como todos os povos do mundo ainda não só não se livrou das lideranças usurpadoras da sua soberania, como também, ainda por cima, aceita como liderança nacional e internacional não só quem não o reconhece como igual, mas de fato o despreza como gente, raça e cultura[7]. Sim o brasileiro tem um problema, não só não se livrou do vício da submissão, nem dos seus líderes traficantes da sua soberania, como ainda os imita em idolatria ao poder e subserviência as potências e poderosos.

Política e economicamente somos uma nação vendida e refinanciada por cada governo tão autoritário e patriota quanto hipócrita e submisso nas alcovas aos outros Estados-Nações mais ricos e armados. O Brasil é um país sem soberania nem liberdade, mas não é uma nação dominada por elites brancas nacionais ou internacionais, e sim pela disseminação do complexo de inferioridade e superveniência mal disfarçado dos nossos supremacistas de terceira classe. Um povo adormecido pelo mito da salvação; desarticulado pela idolatria a autoridade; mas sobretudo alienado pela ausência de qualquer identidade que não seja a intermediada pelo culto ao mito civilizatório dos colonizadores de terras e mentes. Um povo dominado pelo culto alienista uniformizado como ideologia nacionalista de direita e esquerda, irmãs em hipocrisia e adoração ao poder e o ódio ao próprio povo e a própria origem disfarçada de glorificação da terra como pátria.

[7] Geralmente uso a palavra cultura, com sentido negativo de culto ao status quo, ou sinônimo da doutrinação e preconcepção coletiva contra o livre pensamento, mas aqui é sinônimo de expressão estética comum a uma etnia ou população.

O Brasil não é o país do futuro, o Brasil é um país sem passado, o país da historia mitificada pela conquista. Não é um país a espera do futuro, mas a espera da sua própria história, o país a espera da tomada e acerto de contas com seu passado e presente. O Brasil não existe nem aqui nem agora, é uma ilusão, um mito legalista e realista. E enquanto não houver uma revolução constituinte da soberania: independência, república e democracia não seremos nada além do que sempre fomos: colônia de quem pagar mais aos vendidos no poder. País do Futuro? Terra livre dos preconceitos e fanáticos? Aqui? Um território libertário? Não duvido, tenho fé na Liberdade, mas não sem antes pôr fim a todos nossos vícios de séculos de subserviência e adulação ao poder supremacista e a própria subserviência como virtude.

Segregadas dos seus bens comuns, privadas dos seus diretos naturais, discriminadas em sua condição humana, a população brasileira não está em um país emergente, mas em campo de higienização e gentrificação, onde de forma dissimulada, lenta e velada, vamos exterminando filhos de nativos e escravos “mal nascidos”, ou o que é a mesma coisa, nascido sem direito de usufruto a nenhuma propriedade natural, particular ou comum. Como num holocausto por marcha forçada para lugar nenhum, entre um carnaval e outro, vamos de forma praticamente insensível, quase que imperceptivelmente, deixando-se matar e morrer populações inteiras até que enfim, se dê a formação da civilização brasileira, devidamente educada e aceitavelmente branca.

Bem, mas de certo modo estaremos mesmo a um passo de nos tornarmos um país verdadeiramente desenvolvido: bastará somente começar a repetir esse processo nos territórios de outras nações com anuência dos governos delas. Aí quem sabe, quando a guerra, a poluição, e todos os crimes contra a pessoa

humana forem terceirizados e pararem de acontecer dentro de casa; quando passarmos só a bancar e receber os dividendos dos crimes governamentais não passaremos até a ser enfim bons cidadãos de primeiro mundo- civilizados e obedientes. Quem sabe não comecemos até a gostar de governo, burocracia, políticos e guerras. Ou na linguagem de quem leva e não de quem põe: Estado, forças armadas e liberalismo são coisas muito boas desde que socadas no dos outros.

Quem diz que para o Brasil mesmo com todos nossos problemas não falta nada está perfeitamente certo, temos tudo, o brasileiro não é um problema, ele não banca o coitado ele é um coitado, um currado que só precisa parar de ficar pedindo, por favor, a quem o coita para parar de violentá-lo; só falta ao brasileiro se levantar e se livrar dos seus usurpadores, tomar posse de fato do que já é seu por direito, só falta fazer o que sempre faltou: a revolução. Não muito diferente dos outros países do mundo, o Brasil não sofreu um golpe, o Brasil é um golpe. Mais precisamente, uma verdadeira sucessão de golpes contra seus povos nativos e imigrantes. O povo brasileiro ainda espera pela verdadeira independência, pela verdadeira república, pela verdadeira democracia. Ainda espera pela liberdade, mas o que tem a cada nova promessa é traição: um projeto de poder ao invés de libertação e um estado de exceção no lugar do de direito.

Não sei o quanto mais que outros lugares do mundo, mas o Brasil ainda espera por cada revolução necessária para levar uma terra a poder se chamar de fato Livre. Em verdade, o Brasil não espera por uma revolução, mas por todas. Todas as revoluções que nunca vieram senão como golpes e ainda precisam vir para libertar um povo. Todas as revoluções necessárias não só para retificar nossa historia tão falsificada como qualquer propaganda política ou dado governamental,

mas para fazer desta terra um pouco mais do que um bando de semibrancos arremedos de racistas, com seus descendentes precarizando o trabalho servil do que sobrou ainda dos pretos, índios e mestiços. Prendendo e matando a bala os mais "indolentes", e de fome os mais "vagabundos".

Marx estava errado: quem toma o bem comum à revelia do direito natural não é apenas um ladrão ou acumulador compulsivo, explorador do trabalho ou usurpador de meios de produção, quem toma os meios vitais de todos para compeli-los ao trabalho forçado e a obediência política, ainda que seja até a morte de populações inteiras é pior que um escravagista, é um assassino em massa, um genocida. O problema não é o capitalismo, nem o socialismo, mas sim o monopólio estatal. O problema é a usurpação de todo capital natural e participação nos seus rendimentos a todas as pessoas como o devido do usufruto dos seus meios necessários à vida. Nem propriedade nem rendimentos podem ser tomados à força, nem restituídos por ela. O problema não é quem detém a propriedade, mas o como. A questão é se existe um poder centralizador que define o que é de quem, ou valores, ou se os valores e propriedades são definidos em paz por pessoas iguais em liberdade para negociar.

Quem disse que as coisas tinham, e tem que ser, deste modo senão os autoritários? Quem senão quem detém ou planeja tomar o poder pensa que não há ordem sem supremacismo? A revolução é libertação e não se concretiza sem a abolição das privações, sobretudo sem a retomada da soberania sobre sua própria vida e história. A necessidade da revolução nunca termina enquanto não se realiza o direito fundamental a autodeterminação e não só dos povos, mas de cada pessoa. Mas, em verdade a revolução sequer começa sem o movimento contra a ditadura da predeterminação. É quando

deixamos de crer que as coisas devem continuar ser como são, e que finalmente podemos olhar para o espetáculo do poder como ele é: um teatro. E é neste instante que podemos descobrimos que as coisas não só não precisam continuar a ser como são, mas que sem maquiagem e o jogo de cena elas nunca foram o quê pareciam ser. Descobrimos mais: que as coisas de verdade sequer estavam lá representadas, mas sempre estiveram presentes aqui entre nós não como real ou legal, mas simplesmente como o comum e o social, naturalmente auto-organizadas e co-significadas.

Contestando o regime de predeterminação, a ditadura da preconcepção, o arcabouço da lei que dita não como as coisas são, mas como as coisas não podem ser; anulando esta ridícula pressuposição de legalidade por consentimento tácito, nú estará o rei e exposta a realidade como falácia e estado de expropriação violenta. Caído o véu do predeterminismo e preconcepção, derrubada a impossibilidade de contestação pela absurda falta de manifestação da contrariedade, não caem, por óbvio, imediatamente os prepotentes nem seu estado arrogante de violência, mas se levanta contra eles a liberdade de concepção e pensamento para o movimento em defesa da paz e da vida livre... deles.

Pela manifestação abre-se o caminho para a retomada da soberania da pessoa humana sobre seu destino e concepção de si e do mundo contra os alienistas e suas falsas representações. Claro que esta simples afirmação de vida solidária e inteligente pode não ser suficiente para dar vida para todo um novo mundo livre, mas é o que basta para por fim a desertificação artificial do poder que se afirma pela imposição da impossibilidade de qualquer outra forma de vida ou visão além da preestabelecida. Uma simples e única forma de vida obviamente não forma sozinho um ecossistema, mas abre o

caminho para toda diversidade. Ainda que seja apenas como uma zona autônoma temporária.

A realidade como ditadura, isto é, a imposição de expropriação dos direitos naturais e liberdades fundamentais, não pode ser deposta sem a mobilização dos expropriados. Mas a ditadura do real, a impostura das representações dos sujeitos prepotentes como mundo necessário para os outros, esta não só pode cair com a simples retomada da consciência, como simplesmente se desfaz enquanto falsa representação absoluta do mundo pela manifestação da livre vontade onde esta jamais pode ser totalmente impedida: na concepção. A representação de poder simplesmente desaparecer como pensamento obsessivo no exato instante em que a crença no mito morre para quem, pelo simples ato de fé em si mesmo, toma coragem e pensa por conta própria. Não importa as respostas, o simples ato de despertar e questionar se o que pensa é ideia sua ou mera repetição do pensamento alheio já é em si a própria desalienação.

O questionamento das próprias concepções é o próprio movimento revolucionário permanente da consciência, o moto contínuo do espírito libertário. Pela simples emergência da consciência como fenômeno, como processo mental e espiritual de produção dos próprios entendimentos e concepções sobre si e mundo a pessoa desperta e se liberta, e mesmo que forçada ao trabalho ou inatividade, mesmo que posta em cativeiro ainda sim será uma pessoa livre. E quando livre estivermos da egrégora obsessora, eis que a pergunta se inverte: a questão não é mais como revolucionar o mundo, mas como sustentar essas ditaduras da realidade sem a preconcepção do real. Como sustentar sistemas de alienação sem alienados? Perdida a ilusão de quem carrega o mundo do outro nas costas, e até agride para defender as fronteiras e

cabrestos da sua própria bestificação, quem irá defender os muros de quem não luta suas próprias batalhas? Como irá se defender aquele que mal se move para se sustentar? A liberdade de fato não é dada imediatamente a partir da consciência libertária, mas é irreversivelmente construída a cada oportunidade depois da sua autorevelação. Uma vez vislumbrada a liberdade, a independência é apenas uma questão de tempo para que o movimento libertário tome seu lugar.

O estado de poder, o Leviatã, é acima de tudo um mito, e como mito morrerá como o medo da chuva, quando enfim a humanidade simplesmente crescer. E se ela nunca cresce toda ao mesmo tempo, isto não quer dizer que será possível adiar sua emancipação estendendo indefinidamente a infantilização como condição presumida e imposta para todos na terra como domínio- não para sempre. A paz se realiza não meramente com a abolição dos Estados, mas com o fim dos anseios e ansiedades primitivas que eles alimentam e atendem.

De fato somente com o fim da cultura primitiva de adoração ao poder, somente com o fim do culto é que desaparecem os fanáticos dispostos a sacrificar seus filhos e o dos outros em nome dos seus mitos de poder e fantasias de supremacia religiosa e nacional. Mas uma vez caído o mundo como a representação real e absoluta do poder, finda a alucinação do mundo como representação de poder, os estados distópicos se desfarão por falta de idólatras, e nosso mundo reduzido a um filme B de terror norte-americano, cheio de zumbis e violência barata acabará por falta de gente que se preste ao papel desta figuração e a bancar essa produção.

Caídas as distopias o que hoje é desqualificado como utopia, amanhã será simplesmente a atualidade. Livres, naturalmente

emergirão novos protagonistas e protagonismos, mas sem a prerrogativa da autoridade ou o monopólio estes não poderão se impor contra a concorrência alheia pela violência ou privação; não poderão mais roubar as chances de competir e cooperar de quem tem mais potencial do que eles. Sem a prerrogativa de violência não poderão mais impor hipocritamente seus valores como valores e o bem de todos. Sem a anuência da violência a única coisa legítima que uma pessoa poderá fazer ao outro é o que ela pede que ele faça por ela. E quem quiser fazer alguma coisa ao outro, ou que os outros façam algo por ele, terá sempre primeiro que ouvir e dialogar com eles e não mais mandar ou se impor pela força como autoridade.

Poderes centrais se formam com ideias absolutas. E a negação de validade absoluta de qualquer ideia é a maior força protetora contra os poderes totalitários. Pela renegação ao culto ao absoluto se desfaz a idolatria do poder. E se somente com a afirmação da legítima defesa e defesa mútua contra todos os monopólios é que se protegerá os estados de paz, com a simples retomada da próprio-concepção, qualquer pessoa sozinha já se liberta da ditadura dos preconceitos. E a servidão ao mal do poder como obrigações morais disfarçadas de bem vira simplesmente pó a luz do dia. Ao dar sentido próprio para as coisas, sem aceitar qualquer pressuposição de qual é ele, ou de que não existe sentido algum porque ele não está dado, por este simples exercício da capacidade de autosignificação da existência a pessoa se liberta da obsessão do poder e encontra sua redenção na liberdade de consciência.

Claro que não estou falando de nenhum milagre da conversão dos autoritários e sociopatas a causa humanitária. Não creio e não prego uma revolução que dependa do renascimento do instinto solidário em sádicos obsessados por posse e

dominação. Não acredito que a revolução se dará pela conversão ou derrubada dos piores, nem pelo protagonismo dos melhores em coisa alguma. Creio que a revolução de fato já começou e pela retomada do bom senso das pessoas que não tem pretensão de serem mais do que ninguém, e por isso mesmo já compreendem o quão insano é seguir quem tem este tipo de ânsia.

O estado de poder sempre foi ilegítimo, mas está cada vez mais visto e entendido como de fato é. E se nada perdura eternamente, dura muito menos tempo depois que perde sua validade. A revolução antes de ser um levante é a revelação, e resistência revolucionária começa antes de tudo pela retomada do poder da concepção. E conforme as pessoas vão fazendo suas próprias escolhas, ou sendo impedidos delas, conforme vão descobrindo suas possibilidades e privações, vão também se dando conta que ninguém deveria ser obrigado a fazer nada contra sua vontade, nem muito menos contra a vontade dos outros, só porque alguém mandou ou disse que isto era o certo; vão percebendo que pelo contrário é quem obriga as pessoas a fazerem coisas umas contra a vontade das outras, percebe que quem estar impedido e detido pelas pessoas de paz são eles. Quando as pessoas não acreditam mais na farsa da representação dos supremos, a cultura que sustenta o poder vai simplesmente desaparecendo por falta de cultuadores.

As verdadeiras revoluções não são projeto de poder, mas movimentos de legítima defesa da liberdade e justamente por esta causa são a reação necessária e proporcional contra a violência e libertação deste estado de privação e dominação. Não será com violência que a cultura do absoluto cairá, mas pelo fim da própria idolatria ao poder; é pelo fim do culto supremacista, a violência que o mito do poder total e

representações dos Todo Poderosos decairão. Será pela deslegitimação da violência como forma de justiça, pela desculturação, desmitificação e desritualização do poder como representação real que o culto ao absoluto se findará como monopólio do mundo e a cosmopolitização emergirá como ordem libertária.

Será pelo fim do próprio pensamento idólatra, racional e crente, que os absolutos se desmancharão, e se quebrarão os códigos da predeterminação como verdades. Será pela deslegitimação dos preconceitos que condenam sistematicamente às novas gerações a eterna submissão às velhas como meros executores dos seus programas de vida que se findará a morte precoce de toda nova geração. O fim da sentença de vida e a morte das novas gerações e concepções antes que elas possam atingir a sua maturidade e encontrar o seu lugar no seu tempo, em um mundo novo. A natureza é sabia, e o velho, mesmo não querendo, mesmo o mais afetado pela síndrome de Cronos[8], simplesmente morre para dar lugar ao novo. E a pergunta revolucionária é antes de tudo consciente e autocrítica: "ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais?" Ou ainda somos nós mesmos? Ou já vivemos como nossos pais?

O verdadeiro revolucionário não busca o conflito, mas a superação da sua condição artificial desnaturadamente domesticadora, dada justamente pela perenização dos conflitos e suas ameaças. Quem precisa da eterna ameaça de conflito, do terror e da deflagração das guerras, especialmente quando está perdendo o controle dos povos, é o estado disseminador da doença do medo e do ódio para vender a vacinação

[8] Titã, pai de Zeus. Divindade grega do tempo, que se perpetuava devorando seus próprios filhos.

obrigatória da guerra e vigilância como se fosse a paz. Os verdadeiros revolucionários como libertários nunca vem para desencadear a violência, nem jamais sistematizá-la como projeto ou estado de poder, mas pelo contrário, para por um fim a toda estas prerrogativas absurdas de supremacia de violência e o monopólio sobre o bem comum para a paz e o bem de todos. O que é legitimo não é lutar pelo fim do poder ou pela imposição da liberdade como valor para os outros, mas com toda a força que for preciso, pelo direito de autopreservação, o direito natural de coexistir em acordo com sua própria consciência, o direito de poder autodeterminar seus próprios conceitos e valores sem jamais impô-los a ninguém. A revolução é libertária; é a resistência, a legítima defesa do direito natural mais sagrado, a liberdade mais fundamental: viver em paz.

Mesmo quem não entende nada, mas sabe que quem não se governa é governado, e quem não vive para revolucionar o mundo, vive para assistir sua evolução e revoluções, não espera, se levanta e anda. O libertário é antes de tudo aquele que prega a libertação pelo exemplo, o espírito liberto do culto idólatra ao poder como realidade absoluta que segue o caminho libertário não apenas com o ato ou discurso, mas com o exemplo da sua própria identidade como ato e pensamento livre. Se o autoritarismo se mantém pela alienação violenta da identidade, a revolução vem pelo princípio completamente oposto: o da tomada de consciência. Consciência não só sobre quem se é, mas do quanto não se pode ser pelo o quê está imposto como devemos ser e continuar não sendo.

A chave da revolução não é na guerra nem a vitória em batalha, mas resistência sobretudo perante a repressão constante. A resistência e quebra do condicionamento mental e comportamental ao poder disfarçado de cultura e da ditadura

do real imposta como única realidade possível. Não, a violência só é legitima como defesa; só é proporcional como reação. Como ação e propaganda não é injusta e desnecessária, é o que sempre foi: destrutiva. Saiba: a violência é de fato o próprio instrumento do estado de poder e que não se realiza com sua contradição, mas se fortalece justamente pela discórdia e segregação que dissemina. Dividir e conquistar. A violência como ação é a base do culto a supremacia, é a própria essência idólatra aos estados de poder que perverte não apenas as pessoas mas os movimentos libertários e revoluções.

Entenda-se claramente, não estou pedindo que ninguém se renda a seus violentadores, nem assista de braços cruzados as pessoas sendo violadas, mas que pelo menos contrariam e que ajam antes com todos os meios disponíveis para não ter jamais que reagir em última instancia com todos os meios necessários. A força de fato só é legitima se proporcional e necessária perante o conflito deflagrado ou ameaças devidamente postas à prova. A violência só é legitima como meio de defesa e jamais como intimidação, dissuasão ou instrumento de reparação ou compensação de danos, mesmos os causados por atos de violência. A violência não repara nem compensa, só serve legitimamente para por um fim a própria violência e sua ameaça findo a agressão ou ameaça, finda-se a necessidade e portanto a legitimidade do uso proporcional da força como defesa. Uma vez encerrada a violência e ainda que reparações e compensações sejam necessárias não será pela violência ou ameaça que se fará justiça.

A ação violenta ou mesmo a ameaça como forma de coerção é prejudicial à própria causa, libertação e a constituição dos estados de paz, ou a qualquer possibilidade de reparação. Encerrado o ato violento, não pode o lesado retomar o que é seu por direito com violência desnecessária, mesmo que a

outra esteja detendo sua própria vida e liberdade, seus meios vitais ou até mesmo sua pessoa se a força contra o criminoso não é necessária para recuperar seus direitos naturais, ela não é legítima. Ou em outras palavras, mesmo contra um criminoso não se pode iniciar uma agressão para fazer justiça, seja esse criminoso um ladrão de goiabas seja ele o presidente do país.

Não que o crime ou a necessidade de reparação expire com o fim da violência ou com o tempo. Enquanto houver prejudicados há necessidade de reparar ou compensar o que foi violado. Em verdade enquanto não há reparação, o crime de usurpação não apenas se perpetua, mas se reitera. Porém violência findada, finda-se a necessidade de violência, mas permanece o dano e a necessidade de justiça e reparação. E é o que foi roubado que precisa ser reavido, é o que foi danificado que precisa ser restituído e é o que foi destruído que precisa ser compensado. E a justiça não se fará com vingança impingindo danos equivalentes, mas sim com inteligência impedindo que se ganhe com qualquer coisa enquanto não se reparar os danos.

Onde todo uso da violência é proibido a todos, (incluso os estados); onde a força só pode ser usada em legítima defesa, as vítimas podem se proteger ou demandar reparação usando sua liberdade plena de associação e negociação. Num mundo onde toda violência é crime, não só os supremacistas e violentos são dissuadidos pela disposição de defesa mútua entre todas as pessoas de paz como qualquer injustiça praticada com violência, ou não pode ser reparada pelo boicote e sansões. Neste sistema não prevalece o juízo dos mais numerosos ou violentos, mas o entendimento negociado pacífica e solidariamente entre todos interessados.

Onde todo uso da violência é proibido a todos, (incluso os estados); onde a força só pode ser usada em legítima defesa, as vítimas podem se proteger ou demandar reparação usando sua liberdade plena de associação e negociação. Num mundo onde toda violência é crime, não só os supremacistas e violentos são dissuadidos pela disposição de defesa mútua entre todas as pessoas de paz como qualquer injustiça praticada com violência, ou não pode ser reparada pelo boicote e sansões. Neste sistema não prevalece o juízo dos mais numerosos ou violentos, mas o entendimento negociado pacífica e solidariamente entre todos interessados.

Sim, onde ninguém pode impor ou sustentar sua posse com ameaça ou violência, qualquer pessoa consegue se apropriar pacificamente do que quiser, mas também não consegue manter sem o reconhecido da sua propriedade pela sociedade de paz, e só a não-violência não legitima automaticamente nenhuma apropriação ou propriedade. De fato o que legitima a propriedade não é meramente a não-violência, mas o reconhecimento recíproco das pessoas de paz que a posse de cada uma não priva nem fere nenhum direitos naturais de ninguém. A sociedade não mais desintegrada do livre mercado, nem apartada do poder econômico ou político, sendo ela própria a formadora da rede de negociações pode definir não apenas o valor das coisas, positivamente, mas também negativamente, transformando em perdas e custos qualquer vantagem obtida injustamente.

Proibidas todas as agressões e garantida a plena liberdade de associação pacífica, é possível imputar todos os riscos e responsabilidades como ganhos e custos seus respectivos responsáveis. E o perigo de confronto violento se reduz a razão dos custos insustentáveis da injustiça, discriminação e violência, quando tem que ser bancados por seus autores

particulares e não redistribuídos a toda sociedade pelo Estado. Evidentemente os conflitos continuam, mas no plano do estado de paz. Sua resolução terá que se dar neste estado de equilíbrio de forças e autoridades, no plano da verdadeira sociedade, por negociações e acordos ou na pior das hipóteses pelo rompimento unilateral de relações, mas jamais como agressão ou ameaça.

Em outras palavras, sem violência nenhum ato monocrático consegue se impor de fato, nem nenhuma posse ou ocupação se sustenta sem negociações e acordos de paz. Não conceda a ninguém a prerrogativa do uso da violência, e as propriedades naturais comuns e particulares se restabelecerão naturalmente de forma livremente negociada. Pode parecer que o furto e a apropriação indevida se favoreceriam onde não houver a intimidação pela violência, mas só consegue impor a vantagem criminosa quem detém a força de fato para impor a aceitação dos bens roubados, a negociação com valores impostos e a utilização de meios-de-troca forçados. É sempre o monopolizador que carece e se beneficia da violência, porque naturalmente nenhuma pessoa sozinha consegue deter todos os meios vitais ou deter sem violência todas pessoas de paz que naturalmente precisam deles.

Isto não quer dizer que os meios vitais sejam gratuitos, ou tenham que ser precificados. Quer dizer que ninguém tem autoridade para dar nem cobrar sobre seu uso. Não pertencem a ninguém em particular, mas igualmente de todos como usufruto natural. Podem ser apropriados livre e pacificamente por qualquer pessoa conforme o negociado desde que não se prive ninguém das suas necessidades ou se consuma a própria fonte do bem natural. A luz, a água, a terra e o ar e todos meios vitais são bem comuns não só porque são naturais ou necessários, mas enquanto absolutamente necessários não são

naturalmente raros porque se fossem a vida não se desenvolveria sustentada por eles. Meios vitais naturais não são meros objetos de posse ou consumo, mas justamente de preservação contra a posse privadora e consumo destrutivo porque precisam ser preservados como bens suficientes para todas as pessoas. Isto é claro se o que pretendemos é a paz e não o extermínio por guerra e fome das populações de expropriados ou da própria espécie e natureza.

Mais do que a ignorância, insolidariedade ou supremacismo é necessário o próprio culto à perversidade para institucionalizar o estado de destruição dos bens naturais e rarificação artificial dos meios vitais. É necessário mais do que desnaturar a vida, é necessário cultuar o antinatural para destruir a vida e natureza e manter os sistemas de dominação das pessoas naturais e meios ambientes reduzidos a recursos até a solução final.

É preciso destruir a própria vida, roubar a alma dos seres para reduzi-los a coisas. A objetivação dos sujeitos em propriedades é mais do que um mero processo de redução conceitual ou comportamental, é um processo inconsciente de extermínio da própria humanidade e natureza pela desinteligência do *fanos* do poder e mania do absoluto. As guerras entre os idolatras do poder e culturas supremacistas são para o ecossistema a egrégora da própria desintegração e destruição. E esses inconscientes coletivos, egregados pela obsessão do poder são, cada um em sua trincheira, servos da mesma egrégora da discórdia, são a doença que matará não apenas a diversidade e liberdade, mas toda vida.

Por isso, se naturalmente não temos o direito de privar ninguém destes bens, seja tomando seja destruindo-os, humana, socialmente e inteligentemente deveríamos com justiça fazer o oposto do que é feito: deveríamos não só com

justiça restituir os meios vitais a toda pessoa como é devido por direito natural, mas garantir que ninguém estivesse privado das suas necessidades básicas seja por causas naturais ou não. Toda pessoa que se considere livre, capaz e emancipada deveria afirmar voluntariamente sua capacidade, liberdade e independência assumindo sua responsabilidade social com a sustentação da paz e liberdade em seu próprio estado. Deveria assumir o compromisso mútuo de garantir o direito universal de todos à provisão das necessidades básicas através garantia da sua participação nos rendimentos dos bens comuns.

Para se reaver o que é naturalmente comum a todos ou de cada pessoa em particular não é necessário a violência, é necessário justamente a disposição a legitima defesa com todas as forças necessárias, sobretudo aquelas mais difíceis de mobilizar: as proativas e não-violentas capazes de neutralizar as causas da violência com antecedência e impedir a instauração da própria discórdia e deflagração do confronto como necessidade. Reagir e se defender é uma necessidade, mas só quando justamente já não há mais alternativas; esperar, portanto pelo momento do conflito enquanto tudo caminha sem buscar outros mundos possíveis seria até criminoso se esta omissão não fosse puro comodismo ou mesmo falta de inteligência. A verdadeira revolução não é reativa, mas proativa e se constitui da construção do novo mundo dentro do velho. Defender as novas gerações frente às múmias e vampiros do status quo materialista, isto sim é a ação preventiva imediata e necessária.

Claro que não estou pedindo para as novas gerações e sociedades simplesmente ocuparem pacificamente os espaços que os velhos caquéticos insistem em negar porque tomaram primeiro. Seria ingênuo contar que aqueles que um dia constituíram seu patrimônio com genocídio e sacrifício de seus

próprios filhos aos seus deuses e senhores da guerra não vão, mais uma vez, queimar uma nova geração desobediente inteira aos pés dos seus ídolos. Não se engane, se preciso for eles mais uma vez colocam os jovens que nunca se viram a se matar em suas infantarias enquanto negociam a divisão do mundo em suas salas de jantar. Eles irão novamente recorrer a todo tipo de fanatismo nacionalista e religioso para apagar a luz da consciência humana renascente. Para preservar seus privilégios segregacionistas eles são capazes de fazer qualquer coisa, inclusive promulgar como bem, lei e moral, o mal, imoral e ilegal. E se me exponho assim é para pedir que, por favor, não se engane. Os supremacistas não irão deixar de se valer do seu monopólio da violência.

Não prego uma desobediência civil não-violenta que exija o sacrifício de milhares de vidas inocentes até que o custo do holocausto não valha mais a pena ao monstro estatal. Pelo contrário, defendo que as pessoas abdiquem da violência sem abdicar da legitima defesa. Não busquem o conflito, mas não deixem de lutar por seus direitos. Não se entreguem em sacrifício, mas não renunciem a sua autopreservação. Em outras palavras, que não caiam na armadilha de quem espera apenas uma justificativa para dizimá-los, mas pelo amor de deus saiam desta catarse: parem de pedir paz e liberdade a quem vive de disseminar a guerra e o poder. Parem de esperar a abolição da servidão de quem a sustenta e se sustenta dela.

Não peço que ninguém enfrente gente violenta nem saia da sua condição enquanto houver risco a sua vida ou da sua família. Não peço que ninguém se manifeste contra eles, nem os desafie a mostrar seu caráter e iniciar mais uma agressão. Não, não peço que as pessoas sejam desobedientes nem desafiadores, nem ofensivo com gente que use qualquer desculpa para ser violento. Apenas peço que acordem, e vejam

como eles são e não dê a eles nada, absolutamente nada até onde puder. Façam da sua dominação o maior custo possível, façam do seu adestramento um trabalho maior que a exploração, façam da guerra uma perseguição, condição não apenas impossível de se justificar, mas do confronto um momento difícil e bem caro.

Deixe as tropas inimigas morrerem rodando a procura de quem matar, e os escravizadores exaustos de tanto mandar gente vagabunda indolente, incompetente. Façam a falsa reverencia, banquem os estúpidos, deixem que se acomodem e confortem, e rendam o inimigo quando ele estiver dormindo; sabotem, mintam, fujam, se escondam, sejam falsos, hipócritas e covardes e enganadores, e até mesmo repulsivos; mas não com seus iguais em privações, firam sem medo quem não tem personalidade, sentimento, caráter, alma, nem vida, não as pessoas, mas as corporações privadas e estatais, as egrégoras sugadoras de toda vida, traiam e desertem sempre que puderem, traiam o leviatã, traiam a besta, mas não traiam a si mesmo nem a humanidade.

Em suma, façam da sua perseguição um custo impossível e da sua dominação um prejuízo insustentável. Façam da sua condição uma condição insuportável a eles... supremacistas. Faça o possível para fazer da sua dominação um custo impossível. E se o confronto for necessário não beijem a mão que te apedreja, não tenha vergonha: grite por ajuda e defenda-se.

Não desprezem nem o moderado nem recriminem o radical. Da legítima defesa a cada pequena não-ação pela paz, todos contra o poder e violência é válido, e um passo na causa pela liberdade. Nunca é legitimo usar da violência ou ameaça para provocar mudanças nem no mundo nem nas pessoas; nem é

sábio levar ninguém ao limite do confronto para despertar tais mudanças, sobretudo povos que tem costume de culpar as vítimas e sanar “danos morais” e “ofensas a moral” a força ou à bala. Mas trabalhar pró-ativamente para superar as situações ao limite, para criar novas situações que traspõem as limitações e horizontes de eventos artificiais da realidade imposta; trabalhar para superar o aparentemente inevitável e criar não o fim, mas o novo, não é apenas legítimo e produtivo, é revolucionário. Trabalhar para superar o ciclo da violência e dos conflitos e sacrifícios, trabalhar pela transcendência das causas geradoras dos estados e holocaustos, trabalhar pelo fim das privações e segregação dos discriminados e necessitados pelo fim dos ganhos sem custo dos violentadores e supremacistas, trabalhar pelo fim da redistribuição de custos da violência entre os próprios violentados, trabalhar em causa própria e não contra si mesmo simplesmente liberta. E a revolução é justamente esta: a luta da humanidade pelos direitos naturais contra a violência da estatização do bem comum para a socialização dos custos da privatização da vida alienada.

Manter o espírito e a mente livre ainda que a boca e corpo tenham que servir contra sua própria vontade é o fundamento da resistência e o mais poderoso elemento revolucionário, porque quanto mais as corporações tomam para si pessoas livres, que ainda que dominadas não se alienem, mais e mais planta dentro de seu próprio corpo as células da sua destruição. A revolução libertária é em seu coração silenciosa. No momento certo até os soldados e policiais se recusarão a atacar seus semelhantes. E como todo culto monstruoso o cairá por falta de servos, até porque os senhores da guerra e discórdia, travestida de paz nunca tiveram nem terão coragem de por o seu nas linhas de frente.

Assim como os violentos e autoritários hoje intimidam as pessoas livres e de paz, chegará o dia em que haverão tão poucos crentes no poder, tão poucos fanáticos do culto a violência que serão eles os violentos os dissuadidos por aqueles que estão dispostos a tolerar todas as ofensa, mas não a violência. A paz que constitui um novo tempo e espaço é dada pela ocupação de um território por uma rede de dissuasão da violência e do poder. Não é a perseguição dos crentes nem dos incrédulos, mas a proteção de todas as culturas e credos, sejam religiosos ou ateus, anarquistas ou estadistas enquanto ninguém impõem a ninguém sua fé ou cultura, enquanto ninguém se arroga dono do território, todos tem os mesmo direito de viver em paz.

E se o dia da independência for de fato o da libertação, a igualdade não se estabelecerá pela imposição de nenhuma outra autoridade suprema ou destruição da autoridade natural de cada pessoa. Virá sim pelo respeito recíproco e igual de cada pessoa sobre a autoridade do outro sobre seus bens particulares e de todos por seus bens comuns. A igualdade não se dará pela supremacia das forças, mas pela simetria e equilíbrio de autoridades sobre o bem comum derivadas da própria garantia das liberdades de fato para todos- não como direito artificial (positivo ou negativo), mas natural - como propriedade fundamental que de fato pertencem a todos não para serem destruídas, mas para ser usufruídos por cada pessoa como seu meio vital.

A dissuasão não funciona porque está voltada contra necessitados, porque eles não podem nem devem ser demovidos de sua justa vontade de viver. São os violentos e privadores destas necessidades que não só podem ser dissuadidos, mas devem ser demovidos de sua vontade de poder. Somente os violentadores, os agressores podem ser

dissuadidos pela disposição de resistência e legitima defesa de uma sociedade livre e seu movimento libertário. O poder de dissuasão do estado não é ilegítimo porque pessoas destituídas dos seus meios vitais, não podem nem devem ser dissuadidas mas restituídas. Em verdade, no dia em que os donos do mundo e os todos poderosos tiver que se virar por conta própria, não precisarão sequer ser dissuadidos, quando os monopolizadores tiverem que se defender por conta própria seus interesses quantos deles você conhece que ficam na linha de frente para atacar? O poderoso e violento, se dissuade fácil, o invasor usurpador e agressor perde como é um covarde, é com o aliciamento e alienação dos necessitados que é preciso se preocupar. É com quem carece de liberdade e libertação que devemos nos voltar.

Por isso tudo que peço, é que não entregue a ninguém estadista ou revolucionário, religioso ou cientista o que não pode ser tomado sem o seu consentimento, a sua livre vontade e consciência. Não renuncie a sua maior liberdade: a capacidade de conceber seus próprios valores ainda que seus meios vitais estejam estatizados e privados, e seus meios de troca e comunhão sejam impostos e forçados. Sempre que puder nunca perca uma chance de devolver a César o que é de César; de se livrar de um signos do poder, quanto menos dinheiro, cargos e títulos você precisar para viver, mais livre do poder que os fabrica e distribui o será. E ainda que caminhe entre alienados ou mesmo ainda seja obrigado a servir a egrégora dos alienadores, quem não se entrega ao poder jamais perde seu espírito livre nem o caminho da liberdade.

Espíritos Libertários não se perdem, são os mundos que perdem os espíritos libertários. O novo mundo nunca chegará para todos, não ao mesmo tempo e no mesmo espaço, mas ele virá para todos no tempo e espaço de cada um, ainda que em

outros planos. Porque a força criadora do espaço-tempo é o próprio movimento libertário presente em cada ser dotado de livre vontade não apenas como a anima da sua existência, mas do nexo da coexistência. Sua *alma mater* é em verdade a alma deste mundo e além; a alma de todos mundos possíveis que transcendem o limitado horizonte de eventos da percepção deste mundo como o arcabouço material e materialista a força criativa da livre vontade.

Governe-se.

EPÍLOGO

As verdadeiras revoluções não foram feitas por tecnologias nem lutas de classes, mas pela superação da ditadura das realidades, a transgressão de preconceitos de classes, gênero e etnia e sobretudo gerações. E as revoluções legítimas não são as que deflagraram os conflitos entre as realidades possíveis, mas as que romperam as causas e consequências predeterminadoras dos confrontos, transcendendo a ditadura das sempre ultrapassadas realidades distopias pela concepção de utopias não para o futuro, mas como a nova atualidade para algum lugar ainda que só por algum tempo.

As revoluções libertárias não são materialista ou idealista, é transcendental e jus naturalista. Não é o movimento restrito ao espaço-tempo materialista e predeterminista, mas o espaço-tempo constituído pelo movimento das forças libertárias como nova materialidade auto-organizada e autodeterminada não

por conjuntos fechados e seus elementos, mas por redes abertas e suas conexões não restritas aos espaços virtuais das telecomunicações e internet, mas restituída nos territórios e calendários naturais.

A mera tecnologia da informação não fará o século XXI um século revolucionário, porque a *tekne* não é *metis* e a tecnologia da informação não redunda necessariamente em sociedades abertas de informação, mas tanto na sua possibilidade quanto no estado de vigilância total. A libertação de *Metis* desta síndrome de *Cronos* se dará pela recobrar da consciência, a simples retomada da próprio-concepção dos seres pensantes como seres pensantes. A cura da normose pela negação dos lugares comuns, questionamento de tudo está fora de questão e consequente co-significação de uma nova forma de vida.

Não é a tecnologia que cria as invenções, mas os novos paradigmas, as novas visões de mundo que fazem o homem ver aquilo que para ele sempre foi plano como redondo. Sistemas não são feitos de engrenagens, nem elétrons, nem de luz, mas de padrões autoorganizados: são feitos de códigos que constituem seres, ou o que é a mesma coisa, seres constituídos por códigos. A existência é o produto das forças que ordenam os padrões, que em sua forma mais fundamental é incerta, livre e espontânea ou simplesmente criativa. O intelecto criativo que concebe sua auto-organização, se constitui e governa. O corpo que reproduz padrões predetermina a ordem preconcebida, delimitando os limites da percepção não só dos seus dominados, mas da sua própria cognição.

A revolução do século não será de classes, mas da desalienação das gerações. A revolução do século será milenar, será feita da morte de mitos e bestas, a libertação das egrégoras. A

revolução do século XXI não será uma revolução da informação, será a revolução do novo contra o velho, será a revolução da restituição da ordem livre e natural da vida. Será a revolução das gerações que tiveram sua vida negada pelos seus próprios genitores que, não apenas consumiram todos os seus meios comuns e vitais, insistem em usar de todos os meios para permanecer no controle privando as novas gerações não apenas do que eles extinguiram, mas dos que eles fazem questão de enterrar com eles, para que ninguém senão eles, possa um dia ter usufruído delas. Será a restituição do direito natural da próprio-concepção, autodeterminação pelo usufruto do bem comum de toda geração presente e futura.

A revolução é anti-patriarcal e feminista, ela se levanta contra essa forma de pátrio-poder que se julga proprietária não apenas dos corpos, tempos e espaços, mas do poder conceptivo e geracional. Os patriarcas e patrimonialistas não se consideram apenas donos do mundo eles se consideram donos das pessoas e seus destinos, acreditam que tem a prerrogativa de pré-conceituar todo sentido da vida alheia, ou até mesmo delimitar as próprias possibilidades de significação da existência e coexiste. É o levante contra esta ditadura da ilusão que aquilo que aconteceu hoje deverá acontecer amanhã, que tudo que está deve continuar sendo *ad eternum* contra tudo e todos até o juízo final. O levanta contra o estado perpetuador da desilusão de o velho é e deve ser eterno, e cabe ao novo apenas envelhecer e morrer a serviço do mesmo.

O poder é antes de tudo uma doença, uma praga que faz da humanidade um inconsciente coletivo predador. Uma nuvem de gafanhotos carnívoros, devorando uns aos outros e todo planeta. E se os estados de poder não extinguir a vida ou a humanidade antes, certamente promoverá a maior eugenia positiva e negativa da historia, não apenas sobre as outras

classes, povos ou etnias, mas sobre suas próprias descendências privadas de um lugar natural num mundo sem espaços naturais nem tempo livre.

Se esse homem alienado atingisse agora sem revolução ou evolução a capacidade de não morrer de causas naturais, não é a morte que teria um fim, mas as novas vidas. As guerras, roubos e assassinatos continuariam havendo para ter tamanho privilégio, o que desapareceria do mundo seriam as crianças. Quanto maior a fantasia de ter e poder, menor a vontade de conceber e criar em todos os sentidos. O homem com fantasia de juventude eterna e poder total tem ojeriza ao envelhecimento e a morte como parte natural da vida, sua ojeriza quase que monárquica a ceder seu lugar na terra, irá simplesmente matar o filho antes que ele nasça nos seus campos de concentração do trabalho alienados precarizados.

Sem uma revolução, teremos o ápice da sociedade ocidental não só como velhos infantilizados e plastificados, mas como um mundo infanticida, sem sexo, nem crianças. Um mundo de velhos decrépitos e caquéticos, a imagem e semelhanças de seus deuses e estados. A velhice de quem decidiu apodrecer em cima da terra, ao invés de baixo dela. Espíritos possessores definitivamente encarnados.

O velho é sábio não quando envelhece, mas quando descobre que a sabedoria vem sempre do novo. Porque se a verdade não está no que se fala, mas naquele que ouve e pratica. E cada nova geração precisa não apenas do seu tempo livre, mas do espaço natural para compor seus entendimentos próprios e comuns da verdade, mas seus discursos para as próximas gerações.

A revolução é a libertação da natureza contra esse patriarcalismo que tenta destruir tudo que é geracional. Tudo que é conceptivo, tudo que é vida. A revolução é o ato de destituição daqueles que insistem em perverter a ordem natural da vida e não dar lugar aos seus filhos. Não dar lugar ao novo. Infantilizando eternamente as novas gerações umas após as outras, fazendo de um jovem cheio de potencial para se governar num velho servil cheio de tiques e frustrações, cheios de taras de mando e desmando sobre a vida dos outros.

É óbvio que a revolução não é violência nem a perseguição dos velhos ou suas propriedades, pelo contrário é a defesa do direito de todo ser humano contra o crime de monopólio de quem, jovem ou velho, se julga dono ou herdeiro do mundo só porque chegou primeiro na terra, ou pior porque seus crimes são antigos e fazem parte da história. Crimes contra a humanidade não expiram, ainda mais quando continuam como crimes contra a liberdade de quem nasceu e por estar vivo tem direito natural não apenas a vida e aos meios vitais, mas de usar de toda a força necessária para defender a preservação da sua vida em paz.

O legado da miséria não se perpetua com o nascimento de outro ser humano, mas com o prolongamento artificial do poder da egrégora dos possessores das pessoas naturais e da natureza; se mantém com a perpetuação da desnaturação da vida. A miséria nunca esteve no ser que nasce nem no que morre, mas do que não vive e não deixa viver, e mata tudo que nasce para não deixar crescer.

Não, a revolução não será feita pela mera apropriação das tecnologias, informação ou saber, mas pela reconexão a fonte natural e criativa de todo conhecimento: a liberdade, tanto como meios vitais quanto direito sagrado e inalienável de

autodeterminação dos povos e pessoas com soberania igual compartilhada sobre a natureza como bem comum e direito natural de cada pessoa e todas as gerações.

Definitivamente a verdadeira revolução não é feita da luta de classes, não é feita pelo fim da imposição de preconceitos e classificações, é feita da luta pela vida e liberdade, a luta pela livre concepção das identidades e valores. A revolução não é uma luta entre pobres e ricos ou por igualdade de propriedades para todos, é uma luta por garantia de autoridade e liberdades fundamentais suficientes para cada um, para a preservação da vida, da paz e diversidade entre todos. É a luta contra o ódio e preconceito do poder contra toda liberdade não apenas como discurso, mas como ato.

Por isso não confundir desprezo com ódio. Claro que o pobre odeia o rico quando é menosprezado e o rico odeia o pobre que não quer "reconhecer seu valor" (uma outra forma de menosprezo). Mas nem o pobre tem ódio de rico, nem o rico de pobre. Pelo contrário, ricos até gostam de pobres desde que eles fiquem no seu devido lugar, definidos é claro por eles. E o pobre que não importa quanto dinheiro ganhe é pobre mesmo, não quer tanto se livrar de quem manda nele, não tanto quanto quer ser rico para poder também mandar nos outros.

O ódio e o preconceito não são um privilégio de classe. Pobres e ricos que se odeiam, odeiam qualquer um que não esteja disposto a se submeter a sua mesma condição que não é de classe, mas moral: eles odeiam todo aquele que não esteja como eles disposto a se submeter ao poder para ter. O ódio não é contra quem tem pouco ou muito, mas contra quem prefere não em ter, do que se submeter. O ódio é por quem não participa do culto fanático ao deus do dinheiro, poder e posse. O deus do trabalho alienado e da servidão

governamental. O ódio dos playboys que queimam mendigos supostamente vagabundos, e bandidos a degolar gente rica e poderosa supostamente que não faz nada da vida, é o mesmo do crente fanático que persegue o infiel que não compartilha dos seus valores e cultura.

O ódio não é contra rico ou pobre o ódio em, mas contra o vagabundo desobediente, o rentista ou preguiçoso, o incivilizado, o mal educado, ao homem não sedentarizado e não doméstico que não zomba com a sua indolência do seu deus todo poderoso do estado, trabalho e guerra. O ódio é contra quem não quer um bom emprego, um bom salário, uma boa faculdade, uma boa profissão. O ódio, o profundo ódio, dos pobres e ricos alienados é contra o mendigo, o marginalizado que caga e anda em todos os preconceitos misóginos milenares, que caga e anda para as ordens e ídolos, que ama mais seus cães sem raça, ao invés da beleza plastificada e maquiada da raça superior e símbolos supremacistas.

E mais do que os mendigos os alienados ao culto do ter e poder odeiam, sobretudo os vagabundos que sabem viver. Não porque eles não têm nada, mas porque eles têm tudo o que precisam sem ter de lamber o saco deles. Eles que vivem para e pelo capital artificial do poder odeiam os vagabundos capazes de se sustentar, porque eles têm o verdadeiro capital, o capital in natura, o espaço e tempo livres para criar. Porque tempo não é dinheiro, tempo e espaço são o capital de quem é de fato livre para ir e vir, o capital de quem é livre de fato não para só para vagar sem destino predeterminado, mas como pessoa livre e natural sair da inércia dos lugares comuns e ditadura dos *zeitgeists* e inventar seu próprio destino, sentido a própria vida não como estado, mas como movimento.

Nada é mais perigo para o status quo, para a ditadura da preconcepção do que pessoas com tempo livre não só para não fazer nada do que eles mandam, para fazer nada da vida, mas para entender o que quer da vida e fazer com ela o que sua consciência mandar. E só há uma coisa pior que o tédio. É o vazio de não ter feito nada numa vida inteira de trabalho. E só há uma coisa melhor do que não fazer nada no tempo livre, é trabalhar como pessoa livre não só para ser independente, mas para ser livre. Libertação que nunca é só sua, mas de todos. Porque a liberdade é uma condição do espírito libertário que se amplifica junto com o mundo livre, e o mundo livre uma condição que se dissemina junto com a comunidade destes espíritos libertários.

O deus dos comunistas capitalistas de todos os estadistas é o mesmo: o trabalho alienado ao poder. Se recuse a idolatrá-lo, renegue os trabalhos alienados, exerça sua livre vontade, busque sua vocação, dedique sua vida ao trabalho vocacionado, mesmo que ninguém queira pagar por ele, desprezem ou mesmo te odeie, e você com certeza não será apenas um revolucionário, mas irá revolucionar o mundo.

Os títulos e posses concedidos pelo poder para mandar ou comprar outros seres e pessoas como coisas não dão liberdade nem autoridade legitima a ninguém, porque a liberdade legitima não é submissa a nenhuma alienação, nem contraria a autoridade natural voluntariamente reconhecida, a liberdade fundamental, o direito natural é uma condição necessária para seu reconhecimento de qualquer autoridade legitima. A liberdade não está na posse do poder ou autoridade concedida pelo alheio e sustentada pelos outros, mas justamente na capacidade de ser viver e criar independente de tudo isso. Ser livre não depende do poder que se tem, mas pelo contrário depende do quanto não se depende do poder para se viver.

A Liberdade não é dada pelos valores que se possui, mas no quanto se é livre para criar e recriar constante seus próprios valores. Não é status, é movimento. O libertarismo não é uma ideologia, não é uma verdade moral, mas natural. Direitos, liberdades e propriedades naturais não são necessidades sempre legitimas por causa de nenhuma invenção da fé ou razão, mas pelo simples fato de que não há fé ou razão, não há vida nem existência sem a preservação e garantia destes meios e necessidades básicas. A paz é uma necessidade moral do ser humano, uma escolha da humanidade, não apenas como sua forma de vida, ou organizações sociais, mas como o comportamento que um dia distinguirá nossa espécie.

Os seres humanos não renunciam a violência apenas porque entende que a paz é a melhor estratégia evolutiva, sua identidade, ou simplesmente a forma como querem ser e viver, os seres humanos renunciam a violência, sobretudo porque não estão premidos pela necessidades vitais. Reduzidos a nossas necessidades básicas não há imoralidade, nem ilegalidade em nossas ações, não somos leões e aquele que preda para sobreviver não está livre de responder por seus atos, mas na exata medida da liberdade de fato que possui para exercer suas capacidades humanas da autodeterminação perante a necessidade da autopreservação. E não só ninguém pode ser responsabilizado por sua falta de autodeterminação perante o perigo absoluto da autopreservação, como é garantindo todos os direitos de fato a autopreservação que se permite a desenvolvimento de nossa autodeterminação das pessoas e dos povos.

As liberdades fundamentais não são meras regras sociais, são direitos naturais, porque são necessidades que não podem ser violadas ou constituídas por regras humanas, mas precisam ser observadas pelo ordenamento moral e social se queremos

constituir sociedades que não são perversas, destrutivas, antinaturais, ou meramente violentas, desinteligentes e insustentáveis. Direitos naturais não estão acima de qualquer juízo, lei, moral ou verdade, eles estão além dos seus domínios porque é simples eles sequer existem onde os direitos naturais não são respeitados.

Pode se dizer que os direitos naturais são a verdadeira lei não porque exista punição para quem o desobedece, mas simplesmente porque ou não podem ser violados ou sua violação implica em dano ou destruição da própria natureza como existência. Os direitos naturais são inalienáveis e defesa a causa legitima de toda revolução pelo simples fato que sua violação não causa danos inventados ou viola leis inventadas ou corpos fictícios, mas mata, fere e extingue seres, povos e espécies vivas, dotadas de anima próprias. O atentado não contra a lei artificial dos homens, mas contra a ordem natural da vida e criação. O crime não só contra toda a existência, mas contra o próprio fenômeno material e transcendental necessário a sua geração: a liberdade como criação, e a criação como liberdade.

Quem quer viver livre e em paz precisa não só deixar os outros viver livres e em paz, precisa estar disposto a defender e preservar toda a paz, liberdade não só preservando todos meios necessários a vida, mas igualmente garantido que todos tenham o mesmo direito de usufruto e poder de decisão sobre estes meios vitais. Em outras palavras é preciso acabar como as prerrogativas de violência, e os monopólios da natureza e os bens comuns para poder garanti-los de fato e pacifica e socialmente em liberdade de cooperação e concorrência.

A ordem natural é necessariamente livre, mas não é necessariamente pacífica. E é justamente por esta razão

evidente que devemos proteger a liberdade e ir contra toda violência, se não quisermos a extinção de toda a vida e natureza ou continuar "vivendo" como autômatos, escravos de máquinas estatais e privadas que nós mesmos inventamos. O problema não são os libertários nem mesmo as autoridades quando de paz, mas todo e qualquer violador da liberdade e autoridade legítimas que são de fato e fundamentalmente iguais: o direito ao usufruto dos recursos naturais básicos como bem comum e o dever da sua preservação como responsabilidade social.

A ordem natural jamais será restituída pela ordem artificial, nem jamais parada de ser destruída por suas corporações desnaturadas e antinaturais. A ordem livre da natureza só será restabelecida e as sociedades de paz constituídas; quando a cultura primitiva e corporativa monopolistas da violência, concepção e natureza forem abandonadas, e os povos e pessoas do mundo se voltarem a cosmopolitização. Quando a própria ordem natural for entendida como o princípio gerador e ordenador da sua moralidade e legalidade; quando a Liberdade for reconhecida como princípio gerador da vida e protegida.

A natureza começará de fato a ser preservada pela coexistência pacifica socialmente instituída. Ou o que é a mesma coisa, quando a legítima defesa contra a violência e o poder contra seu fanatismo e supremacismo for constituída como disposição necessária não teremos apenas o início de uma revolução, mas de fato de um novo mundo fundamentado na preservação libertária da natureza. Um estado de paz e direito natural sustentado não por discursos moralistas ou direitos de papel, mas pela proteção dos meios vitais e defesa da liberdade como prática permanentemente revolucionária.

A revolução não é discurso é prática, não é o fim é meio, não é status é movimento. Não pertence a nenhum século nem a nenhuma geração, ela é do novo atemporal que se levanta por sua liberdade e criatividade contra tudo que já deveria estar ultrapassado. Que o novo venha e supere todo velho poder monopolista e violento que tente se colocar contra ele. Porque o velho não precisa ser sábio para não ser um canalha que se posta contra o novo, basta ele não encercar os caminhos. Velhos corados e entronados do mundo saiam do caminho e das costas dos seus filhos! Filhos do mundo tomem o trono e as coroas dos seus pais, e deixem um legado para seus filhos, um mundo sem tronos e coroas. Sem velhos maníacos por ter e poder.

Quem quiser entender que entenda o natural, o livre e o novo, são princípios criativos que se encontram eternamente no ponto futuro não meramente da possibilidade, mas da atualidade. E ainda que jamais tenhamos olhos para ver esse tempo ou esse lugar, este novo mundo que criamos virá. Porque o futuro é o fruto de quem gera o novo. Assim como a criação é o fruto da Liberdade.